

UMinho | 2010

Dúnia Conceição Ornelas Franco

Educação de Adultos num Centro Novas Oportunidades: a construção de uma proposta de educação não-escolar de adultos



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Dúnia Conceição Ornelas Franco

Educação de Adultos num Centro Novas Oportunidades: a construção de uma proposta de educação não-escolar de adultos

Outubro de 2010



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Dúnia Conceição Ornelas Franco

**Educação de Adultos num Centro Novas
Oportunidades: a construção de uma
proposta de educação não-escolar
de adultos**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Formação,
Trabalho e Recursos Humanos

Trabalho realizado sob a orientação do
Doutor José Augusto Branco Palhares

Outubro de 2010

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS
DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE
COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

*Aos meus pais,
por me terem dado a oportunidade
de concretizar um sonho.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar ao meu orientador Doutor José Augusto Branco Palhares pela disponibilidade, orientação, ajuda e prontidão com que sempre me atendeu e aconselhou ao longo deste árduo percurso.

Ao coordenador do Centro Novas Oportunidades da TecMinho, Dr. Paulo Silva, não só pela oportunidade de realizar o estágio no centro, mas pelo voto de confiança e por todos os momentos de aprendizagem e reflexão conjunta.

A toda a equipa técnico-pedagógica do CNO da TecMinho pelo apoio e carinho com que me acolheram e também pelos momentos de descontração e diversão que me proporcionaram.

Aos meus pais que, apesar de estarem longe, sempre acreditaram em mim e deram-me coragem para me levantar e seguir em frente nos momentos de maior tensão e angústia.

Ao João, por estar sempre ao meu lado e por me apoiar e ajudar diariamente.

Ao meu irmão, por todos os momentos de alegria e diversão.

A todos, muito obrigada!

EDUCAÇÃO DE ADULTOS NUM CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES: a construção de uma proposta de educação não-escolar de adultos

Dúnia Conceição Ornelas Franco

Relatório de Estágio Profissional
Mestrado em Educação – Formação, Trabalho e Recursos Humanos
Universidade do Minho
2010

Resumo

Apesar de já existir há alguns anos, em Portugal, a educação de adultos nunca foi uma grande aposta do nosso sistema educativo, não fossem os sucessivos avanços e recuos das políticas de educação de adultos ao longo dos últimos trinta anos. Todavia, desde 2005, a iniciativa Novas Oportunidades tem vindo a ganhar preponderância junto da população portuguesa, sendo encarada como uma segunda oportunidade para aqueles que, em tenra idade, abandonaram a escola para iniciar os seus percursos profissionais, podendo agora ver, através de processos de reconhecimento validação e certificação de competências, reconhecidas as aprendizagens adquiridas ao longo da vida.

Tendo presente que a passagem por um processo de reconhecimento, validação e certificação de competências deva ser mais do que o simples reconhecimento, no âmbito deste estágio de mestrado profissional, e em colaboração com o Centro Novas Oportunidades da TecMinho, foi construído e implementado um projecto de Educação de Adultos cuja finalidade visava a promoção da aprendizagem ao longo da vida junto daqueles que se encontravam em processos de RVCC na respectiva entidade. Neste sentido, o presente relatório apresenta todos os passos realizados aquando da sua implementação e desenvolvimento, bem como reflecte sobre os contributos adquiridos por parte daqueles que participaram regularmente nas actividades do mesmo.

Apesar de considerarmos que existe ainda um longo caminho a ser percorrido no campo da educação de adultos em Portugal, e em especial junto daqueles que são detentores de baixas qualificações, pensamos que, de certa forma contribuímos para a construção desse mesmo caminho quando, através deste projecto, mostrámos a todos aqueles que nele participaram que os processos de educação e aprendizagem não têm de acontecer apenas em contextos formais, mas também em contextos informais e não-formais.

**ADULT EDUCATION IN A NEW OPPORTUNITIES CENTER: the construction of
a proposed non-school for adults**

Dúnia Conceição Ornelas Franco

Professional Practice Report
Master in Education – Training, Work and Human Resources
University of Minho

2010

Abstract

Despite of existing for a few years in Portugal, the adult education never was a big bet of our system education and during the last thirty years there were several advancements and recoils in what the adult education policy concerns. However, since 2005 the New Opportunities initiative has been winning importance among the portuguese population, being faced has a second opportunity for the ones that still in a young age left school to begin their Professional path, being now recognized their lifelong learning's acquired.

Having present that the passage to a recognition, validation and certification process skills has to be more than a simple recognition this professional mastership period of practice with the collaboration of the New Opportunities TecMinho Centre built and established and Adult Education Project with the purpose of a lifelong learning's promotion among the ones that were in the RVCC processes in the respective entity. The present report shows all the steps that were made during the implementation and development, as well as the contributions achieved by the ones that regularly participated in this project activities.

Despite considering that there is still a long path to run in what the adult education in Portugal concerns, especially among the ones that have low qualifications, we think that on a certain way we contributed for the construction of that path with this project, showing to the ones that participated that this education and learning processes should not only happen in formal contexts but also in informal and non-formal contexts.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

Capítulo I - EDUCAÇÃO DE ADULTOS E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA:

Tendências Actuais..... 5

O contexto Europeu..... 7

A Educação de Adultos e a Aprendizagem ao Longo da Vida 9

A validação das aprendizagens não-formais e informais 16

Capítulo II - A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO EM PORTUGAL NO SÉC. XXI: *Falando do*

presente, tendo em conta o passado. 19

A situação portuguesa nos últimos trinta anos 21

O Plano Nacional de Alfabetização e Educação Base dos Adultos – PNAEBA... 22

A Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA) 23

O Actual Sistema de Educação e Formação em Portugal 25

A Iniciativa Novas Oportunidades..... 27

Os Centros Novas Oportunidades 29

Os dois itinerários de intervenção para a aprendizagem ao longo da vida ... 31

Capítulo III - FORMAÇÃO, TRABALHO E RECURSOS HUMANOS: *Que benefícios*

advêm do envolvimento em processo de qualificação..... 35

A emergência das qualificações e das competências 37

A qualificação dos recursos humanos..... 40

O Quadro de Referência Europeu 44

Capítulo IV - O CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES DA TECMINHO: *Uma*

oportunidade de intervenção..... 47

A TecMinho 49

O Centro Novas Oportunidades (CNO) da TecMinho 52

Parcerias/Protocolos Estabelecidos do CNO 56

Os adultos em processo de RVCC 57

A Oportunidade de Intervenção	59
Delineação dos Objectivos da Intervenção	60
Os primeiros passos	61
O projecto de Educação de Adultos	63
<i>Planeamento e Organização das actividades</i>	67
<i>A publicidade dos programas de actividades</i>	70
Percepção global do Projecto Aprender a Ser	83
Capítulo V - METODOLOGIA	93
Instrumentos de recolha de dados.....	95
1.Análise Documental	95
2.Observação Directa	96
3.Entrevistas	97
4.Análise de conteúdo.....	98
5.Inquéritos por Questionário	98
Capítulo VI - REFLEXÕES FINAIS	103
A Intervenção e as Aprendizagens	105
O Projecto e a Educação de Adultos	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS.....	123
APÊNDICES.....	137

ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº1	Resultados do Centro Novas Oportunidades da TecMinho em 24 meses ...	58
Quadro nº2	Dados globais das metas e resultados atingidos pelo CNO da TecMinho	58
Quadro nº3	Quadro síntese das actividades do projecto Aprender a Ser	64
Quadro nº4	Organização das actividades por meses	66
Quadro nº5	Exemplo de uma das tabelas de organização das actividades do projecto Aprender a Se	69
Quadro nº6	Breve perfil dos entrevistados	77
Quadro nº7	Relação entre o número de inscrições e de presenças nas actividades do projecto Aprender a Ser ao longo de cinco meses	85
Quadro nº8	Identificação dos grupos cujos foram administrados inquéritos por questionário	88

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº1	Resultados do Centro Novas Oportunidades da TecMinho em 24 meses ...	84
Gráfico nº2	Consciencialização das aprendizagens	84
Gráfico nº3	Média do número de participantes por sessão de actividades do projecto Aprender a Ser ao longo dos meses	85
Gráfico nº4	Classificação geral das actividades do projecto Aprender a Ser	86
Gráfico nº5	Frequência da participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida	89
Gráfico nº6	Tempos livres dos inquiridos	90
Gráfico nº7	Visionamento de televisão	91
Gráfico nº8	Hábitos de leitura	91
Gráfico nº9	Principais razões da não participação nas actividades do projecto Aprender a Ser	92

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida
ANEA – Agência Nacional de Educação de Adultos
ANEFA – Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos
ANQ – Agência Nacional para a Qualificação
AS – Aprender a Ser
BM – Banco Mundial
CAP – Certificado de Aptidão Profissional
CE – Cidadania e Empregabilidade
CEE – Comunidade Económica Europeia
CLC – Cultura, Língua e Comunicação
CNO – Centro Novas Oportunidades
CP – Cidadania e Profissionalidade
EA – Educação de Adultos
EEE – Espaço Europeu de Educação
EFA – Educação e Formação de Adultos
FC – Formação Complementar
FM – Formação Modular
LC – Linguagem e Comunicação
LE – Língua Estrangeira
MV – Matemática para a Vida
NB – Nível Básico
NS – Nível Secundário
OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico
PRA – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens
QREN – Quadro Referência Estratégico Nacional
RCC – Referencial de Competências-Chave
RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UE – União Europeia
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura

INTRODUÇÃO

Resultado de um processo de intervenção na área da Educação e Formação de Adultos no âmbito de um Centro Novas Oportunidades este documento constitui-se como um Relatório de Estágio de Mestrado Profissional em Educação, cuja área de especialização é Formação, Trabalho e Recursos Humanos.

Consideramos de todo importante a integração de um estágio no plano de estudos deste mestrado, pois possibilitou uma transferência dos conteúdos e orientações teóricas aprendidas ao longo do primeiro ano de especialização académica para o contexto prático, bem como um contacto directo com uma das áreas possíveis de intervenção do Mestre em Educação.

A escrita deste relatório como instrumento de avaliação no âmbito deste mestrado permitiu uma recolha organizada e reflexiva de informação sobre o contexto do estágio, assim como de toda a prática desenvolvida ao longo de nove meses (entre Outubro de 2009 e Junho de 2010), com uma duração média semanal de dezasseis horas presenciais na instituição.

A escolha de um Centro Novas Oportunidades (CNO) para o desenvolvimento do estágio foi arbitrária, embora a vontade pessoal de querer conhecer e compreender os processos de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC) tenha contribuído para a tal, sendo o Centro Novas Oportunidades da TecMinho a entidade de acolhimento do mesmo.

Apesar de dois dos três objectivos gerais da intervenção passarem pela identificação e reflexão em torno das práticas e objectivos estratégicos de educação de adultos do Centro de Novas Oportunidades da TecMinho, e pela aquisição de competências e aprendizagens significativas no campo da educação e formação de adultos no espaço dos CNO, o principal âmbito de intervenção nesta entidade foi a contribuição para a construção de um dispositivo de educação/formação de natureza não-formal e informal, que pudesse vir a constituir um modelo para outros CNO, concretamente, a criação de um projecto de educação de adultos que não só contribuisse para o desenvolvimento dos processos de qualificação aquando dos processos de RVCC, mas também (e em especial) para a promoção da aprendizagem ao longo da vida junto das pessoas que se encontravam em processo no CNO da TecMinho.

A pertinência da construção, implementação e desenvolvimento de um projecto desta envergadura teve por base a centralidade da aprendizagem ao longo da vida, da formação e educação como meios de aquisição de competências e conhecimentos, não numa lógica de mercado (“competências para competir”) como se vem observando no Estado português – que tem vindo a tentar, num curto espaço de tempo, colmatar um atraso educacional de cerca de trinta anos através dos diferentes programas da iniciativa Novas Oportunidades, em especial com os processos de RVCC – e também a União Europeia – que ambiciona fazer face à competitividade internacional através da aproximação da educação e aprendizagem ao mundo empresarial – mas numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e social, com vista à promoção da cidadania e da autonomia dos indivíduos.

No que respeita à sua estrutura, este relatório é constituído por seis capítulos. O primeiro compreende um enquadramento sobre as políticas europeias em torno da educação e formação de adultos com vista à aprendizagem ao longo da vida, bem como a identificação e exploração de alguns conceitos associados, tais como “educação”, “aprendizagem”, “educação de adultos”, “modos de educação/aprendizagem (formal, não-formal e informal)” e “aprendizagem ao longo da vida”.

O segundo capítulo é dedicado às questões da educação e formação de adultos ao longo da vida no regime democrático em Portugal, fazendo-se referência aos principais sistemas de educação e formação de adultos que marcaram os últimos trinta anos de descontinuas políticas de educação de adultos, nomeadamente o Plano Nacional de Alfabetização e Educação Base dos Adultos (PNAEBA), a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA) e a iniciativa Novas Oportunidades (NO).

O terceiro capítulo questiona a importância dos recursos humanos se envolverem em processos de qualificação e do desenvolvimento de competências num mundo cada vez mais globalizado, onde os discursos que evocam as vantagens e a importância da aprendizagem ao longo da vida com vista à “sociedade do conhecimento” são cada vez mais frequentes, fazendo-se também a desconstrução dos conceitos de “qualificação” e de “competência”.

O quarto capítulo é dedicado exclusivamente à intervenção deste estágio. Nele é feita a caracterização do contexto, nomeadamente da TecMinho – Associação Empresa da Universidade do Minho, respectivo Centro Novas Oportunidades e dos adultos inscritos no mesmo.

Posteriormente, são apresentadas as razões das opções tomadas e definidos os objectivos gerais e específicos deste estágio. Num terceiro momento, a abordagem recai sobre a criação, implementação e desenvolvimento do projecto de educação de adultos - intitulado *Aprender a Ser* - levado a cabo durante o período de estágio, sendo apresentados os seus objectivos do respectivo projecto, bem como o relato de todos os procedimentos realizados aquando da sua implementação, ao longo de seis meses (entre Janeiro e Junho de 2010). Também neste capítulo é apresentada a caracterização dos adultos que participaram activa e regularmente nas actividades deste projecto e explorados os contributos deste para as suas vidas e para os seus processos de qualificação. Para além disto, e porque ao longo dos meses fomos encontrando alguns constrangimentos, estreitamente ligados à participação nas actividades do projecto, por parte dos adultos, houve a necessidade de se perceber o que estaria a contribuir para tal facto.

Por fim, o quinto capítulo aborda a metodologia utilizada ao longo da intervenção de estágio, com vista à recolha de informação e de dados que contribuíssem para a construção deste documento e para o aprofundamento do conhecimento em torno da educação e formação de adultos e das lógicas da aprendizagem ao longo da vida.

Em jeito de conclusão, no capítulo seis são apresentadas as reflexões finais sobre todo o processo de estágio e aprendizagens daí decorridas, bem como sobre o projecto Aprender a Ser e o papel preponderante dos especialistas em Educação num campo de intervenção como os Centros Novas Oportunidades.

Capítulo I

EDUCAÇÃO DE ADULTOS E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

Tendências Actuais

“Aprender é o mais básico instinto humano ”

(Comenius, Sec. XVI)

O contexto Europeu

A sociedade em que vivemos actualmente caracteriza-se, ou pelo menos pretende caracterizar-se, pelo “conhecimento” e “aprendizagem”, com vista à transformação e inovação social. Ou seja, num dos sentidos referidos por Edwards (1997: 184), “uma sociedade em que os aprendizes (*learners*) adoptam uma abordagem à vida baseada na aprendizagem, apoiando-se num vasto leque de recursos para os capacitar na sustentação das suas práticas de estilos de vida”. Por seu turno, a Comissão Europeia (Comissão das Comunidades Europeias [CCE], 1995) refere-se a uma sociedade de aprendizagem que não só integra um mercado de aprendizagem mas que tem preocupações com a “exclusão social”, atravessadas de sentidos mais imediatamente associados com discursos de uma sociedade educada e de redes de aprendizagem. Nessa sociedade espera-se que as hierarquias sejam substituídas por “estruturas flexíveis de informação-intensiva” (Melo *et al.*, 1998) baseadas em elevados níveis de conhecimento e em competências a vários níveis e, ainda, na capacidade de dar respostas rápidas em situações imprevistas e onde a sede de mais e melhor informação deve ser uma constante (Id., Ibid.).

Cada vez mais a Europa enfrenta desafios (CCE, 2006) que lhe incentivam a fazer uma grande aposta na educação com vista à aprendizagem ao longo da vida, desafios esses ligados à competitividade económica, às mudanças demográficas (visto as migrações do século XXI serem maioritariamente qualificadas) e ainda ligados à inclusão social, que cada vez mais tenderá a ser uma *Info - inclusão social* (dado que as tecnologias de informação e comunicação tornaram-se uma forma de inclusão na sociedade). Neste sentido, para ser bem sucedido nesta “nova” sociedade, não bastará, a cada cidadão, a simples aposta num elevado nível de qualificação, académica ou profissional, sendo a reflexão sobre os seus aspectos pessoais ligados à capacidade de compreensão, de adaptação à mudança, de valorização e respeito pela diferença, de cooperação, de comunicação, de consciencialização, considerados também importantes segundo Melo *et al.* (1998).

De facto, nos dias que correm, os campos da formação, da aprendizagem, da educação e, principalmente, do conhecimento têm cada vez mais importância. Até a “economia se está a transformar em economia do conhecimento, onde o factor-chave é o próprio conhecimento” (Pires, 2002: 27) e na sua base tem de estar a capacidade de aprendizagem dos indivíduos, das organizações, do mundo do trabalho e de toda a sociedade, sendo importante referir que são os

próprios indivíduos os principais actores da sociedade do conhecimento e a melhor forma de conseguirem enfrentar os desafios, provenientes das constantes mudanças sociais e económicas, reside essencialmente na educação e formação ao longo da vida (CCE, 2000). Neste sentido, e porque infelizmente em pleno século XXI, ainda são notórios os baixos níveis de qualificação da população adulta, a educação de adultos, desde 2000, tem sido apresentada pela União Europeia como um investimento que proporciona a todos os cidadãos europeus, uma maior empregabilidade, um aumento da produtividade e de emprego mais qualificado, uma redução das despesas em diversos domínios (tais como as prestações de desemprego, de segurança social e de pensões de reformas antecipadas) e ainda uma esperança de “maiores retornos sociais em termos de aumento da participação cívica, melhoria da saúde, redução da criminalidade e um maior bem-estar e realização individuais” (CCE, 2006: 2).

As bandeiras da Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV) e da afirmação de um Espaço Europeu de Educação (EEE) foram erguidas aquando das mudanças na organização da economia global, num momento histórico de “*constitucionalização* da ideologia neoliberal” (Antunes, 2008a: 135). Neste contexto, a Europa procedeu a uma reorganização das suas lógicas da economia e da sociedade, “abrindo caminho à institucionalização de mercados e à ampliação de oportunidades de realização de mais-valia e valorização do capital pela invasão de domínios onde a consagração de direitos e/ou a presença do Estado haviam minimizado as possibilidades de obtenção de lucro” (Id., Ibid.), o que levou a uma harmonização e redistribuição de responsabilidades nos campos da educação e formação tendo em consideração a sua natureza e lugar de acção.

A ascensão da economia/sociedade do conhecimento nas agendas políticas, não apenas na União Europeia, mas também nas organizações internacionais/intergovernamentais como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económicos (OCDE) e o Banco Mundial (BM) têm marcado fortemente o início deste século, trazendo implicações no campo da educação, nomeadamente no campo estratégico da aprendizagem ao longo da vida (Antunes, 2008a: 135). Sendo, um dos objectivos da União Europeia criar um espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida, com vista à criação de uma sociedade do conhecimento avançada e com um desenvolvimento económico sustentável (para uma Europa alargada, quiçá *global*), seria então preciso criar sistemas de validação e reconhecimento entre países e sectores educacionais, através da aproximação entre as ofertas de educação/formação e os aprendentes.

O Programa Integrado de Aprendizagem ao Longo da Vida, 2007-2013, constitui uma nova proposta da Comissão Europeia, apresentando-se como um programa que visa dar resposta às situações/problemas sinalizados por um diagnóstico societal realizado, o qual apresenta como fundamento central as dimensões económicas das sociedades e da vida dos europeus (Antunes, 2008a).

A Educação de Adultos e a Aprendizagem ao Longo da Vida

A educação desde sempre tem-se apresentado como algo fundamental à vida de qualquer indivíduo. Apesar de ser um pensamento quase que inconsciente e imediato, ela é na maioria das vezes associada à escola. De forma a contrariar esta tendência, Canário (2006: 155) refere-se à educação como um “processo permanente em que, como ser inacabado e curioso, a pessoa afirma e constrói a sua especificidade humana, interrogando-se, construindo conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de nele intervir”. Podemos assim dizer que o conhecimento, e mais concretamente a educação e a aprendizagem, não se constrói apenas num espaço formal, mas em todos os contextos, em todos os momentos e situações da vida do indivíduo, constituindo-se como algo fundamental quer para a vida profissional de cada pessoa, mas também para a sua vida pessoal e social (CCE, 2006). A este respeito, Pires (2002: 19) refere que “aprendizagem ultrapassa os limites espaço-temporais das instituições tradicionais de educação/formação (escolas, centros de formação, universidades, ...), e desenvolve-se ao longo da vida activa, para além dos espaços/tempos formalizados. Por conseguinte, “diversificam-se os contextos e os processos de aprendizagem, e reconhece-se a emergência da Sociedade do Conhecimento, marcada por novas formas de produzir, utilizar e difundir o conhecimento” (Id., Ibid.).

É interessante referir que na maior parte dos documentos e comunicados da União Europeia a palavra “educação” vai perdendo a sua força no decorrer dos textos, sendo a “aprendizagem” um termo que aparece muito frequentemente. O exemplo concreto desta situação é-nos apresentada por Palhares (2009) aquando da análise do documento emitido pela CCE em 2001 – *Tornar o Espaço Europeu de Aprendizagem ao Longo da Vida uma Realidade* – constatando que “enquanto a noção aprendizagem não-formal é utilizada trinta e sete vezes a educação não-formal apenas é referida uma única vez” (Palhares, 2009: 78). Apesar de serem

dois conceitos muito próximos e que acompanham todo e qualquer indivíduo desde o seu nascimento até à morte - constituindo-se como um processo contínuo e permanente - por vezes tornam-se difíceis de distinguir, uma vez que, educação implica aprendizagem e sem aprendizagem não há educação.

O conceito de educação abarca um âmbito mais alargado/geral e que acaba, por estar implícito (sob uma forma inconsciente de acção) em todos os contextos da nossa vida, tendendo a ser remetido para “esforços sistemáticos, para acções deliberadas, para acções e estratégias racionalmente planeadas de que se espera que resultem aprendizagens” (Lima, 2007: 16). Por seu turno, surgida no século XIX, a ideologia de aprendizagem emerge nos primeiros movimentos de “educação de adultos em ambientes não escolares, através de programas para a nova classe trabalhadora industrial” (Kallen, 1996: 16), onde o principal objectivo se prendia com o acesso à cultura, ao conhecimento social e político relativamente às questões democráticas e populares (Id., Ibid.). Em termos conceptuais, a aprendizagem circunscreve-se a uma acção concreta de interiorização de conhecimentos e competências num determinado momento da nossa vida, mediante “situações experienciais sem carácter estruturado e intencional” (Lima, 2007: 16), sendo também apresentada como “o resultado de diversos processos de socialização primária e secundária sem objectivos educativos expressos, (...) sem os quais não seria sequer possível aprender a sobreviver autonomamente em contextos sociais minimamente complexos” (Id., Ibid.).

Convocando os contributos de Melo (1981), refira-se que a educação de adultos sempre existiu e tendo acompanhado a história das sociedades, sem nunca terem deixado de existir projectos colectivos de reforma social, baseados em actividades de natureza social, cultural e educativa. Todavia, é a partir dos desenvolvimentos sociopolíticos e dos princípios emergentes da revolução francesa que o conceito de educação de adultos começa a surgir (Canário, 1999).

As décadas de sessenta e setenta apresentam-se como períodos marcantes no que respeita à educação de adultos e à educação/aprendizagem ao longo da vida pois foram criadas condições que permitiram que esta ganhasse uma relação e um lugar bem definido nas políticas gerais, das principais organizações intergovernamentais no âmbito da educação, da cultura, da economia e da área social, tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), e a União Europeia (EU) (Cfr. Kallen, 1996; Lima, 2007; Sá, 2009).

A partir desta altura, começou-se a perceber que as aprendizagens não eram conseguidas, apenas e só, nos contextos de organizações sociais formais, como por exemplo a escola, mas também fora deles, através dos processos de socialização, das experiências e situações sociais, sem qualquer intenção educativa expressa. Assim, as questões ligadas à aprendizagem ao longo da vida começaram a surgir, embora de forma um pouco “marginal”, como algo ligado à educação permanente ou educação ao longo da vida e até mesmo à educação recorrente - com uma marca económica, embora defendida pela OCDE (Lima, 2007). Neste âmbito, a educação permanente é considerada pela UNESCO como um conceito amplo, genérico e totalizador, que torna a educação num processo contínuo e que faz parte da vida de cada pessoa (Souza, 2007).

Inicialmente, quando a noção educação permanente emergiu (meados dos anos setenta), a sua perspectiva baseava-se num “princípio reorganizador de todo o processo educativo” (Canário, 1999: 88), que permitiria romper com o modelo escolar que dominava na altura. O objectivo desta “nova perspectiva” tinha como ponto de referência a “emergência da pessoa como sujeito de formação” (Id., Ibid.), e três pressupostos básicos: a continuidade do processo educativo (especialmente do processo educativo não formal), a diversidade e a globalidade, os quais se materializariam em processos de aprendizagem que, por sua vez, resultariam da “combinação de situações e modalidades de formação diferenciadas, quanto ao nível de formalização e quanto à relação com os outros e com o mundo” (Id., Ibid.). Neste sentido, a educação permanente enfatizaria uma “dimensão cívica”, que se traduziria na construção de uma “cidade educativa” (Id., Ibid.).

Contudo, aquando da tradução portuguesa do conceito de educação permanente, foram articulados outros conceitos de educação e de formação (Lima, 2007), deteriorando o seu sentido, e reduzindo-o às questões da pós-alfabetização e da reciclagem profissional, a qual, mais uma vez, segundo Canário (1999: 88-89), produziu três efeitos “perversos”:

- “1) O primeiro correspondeu a reduzir a educação permanente ao período da educação *post* escolar. É nesse sentido que o conceito de educação permanente foi frequentemente utilizado como sinónimo de educação de adultos.
- 2) O segundo consistiu em confundir um processo de formação permanente, com a tendencial extensão da forma escolar ao conjunto da existência das pessoas.

3) O terceiro traduziu-se, paradoxalmente, por uma desvalorização dos saberes não adquiridos através de modalidades escolares de educação”.

Sá (2009) sugere que “a perspectiva da educação permanente e a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida possuem, ambas, uma matriz de entendimento muito concreto para definir o que é a educação de adultos, em função da intencionalidade, ou missão, que lhe é atribuída” (Sá, 2009: 122), pois cada uma traduz-se, na “adopção de pressupostos específicos que implicam práticas discursivas distintivas entre si, que mobilizam terminologias e conceitos particulares” (Id., Ibid.). Porém, tendo em consideração que os processos de educativos (formal, não-formal e informal) têm em vista a aprendizagem, é então contraditório pensar que a educação permanente ou educação ao longo da vida esteja dissociada da aprendizagem ao longo da vida.

Segundo Antunes (2008a) e Pinto (2007), são incontornáveis as ligações entre as lógicas de aprendizagem ao longo da vida defendidas pelo EEE e as mutações e reconfigurações ocorridas na segunda metade do século XX - nos campos da economia e do capitalismo mundial, da cultura e do social – das quais emergiram novos contextos e necessidades educativas. Por conseguinte, a “afirmação da aprendizagem ao longo da vida e a consciência de que os adultos são um grupo prioritário em termos de intervenção educativa” (Pinto, 2007: 33) passou a ser “uma estratégia e um programa político-económico” (Antunes, 2008a: 136), embora, a aprendizagem ao longo da vida seja também defendida como “um processo interno ao indivíduo conjugado com o próprio desenrolar da vida humana” enquanto uma realidade inerente à “condição existencial” (Id., Ibid.).

O Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida define a aprendizagem ao longo da vida como “toda e qualquer actividade de aprendizagem, com um objectivo, empreendida numa base contínua e visando melhorar conhecimentos, aptidões e competências” (CCE, 2000: 3), enfatizando essa dimensão “em todos os momentos e domínios da vida” (Id., Ibid.) e lembrando que pode existir “uma aquisição de conhecimentos útil e agradável (...) no seio da família, durante o tempo de lazer, na convivência comunitária e na vida profissional quotidiana” (Id., Ibid.), levando-nos a considerar que os actos de “ensinar e aprender (...) podem ser alterados em diferentes momentos, contextos e espaços” (Id., Ibid.) na nossa vida. De facto, segundo Delors *et al.* (1996) a experiência quotidiana nos diferentes contextos de vida, requerem um esforço sistemático de interpretação, compreensão e resolução de questões complexas que

exigem a presença de conhecimentos e competências adquiridas nos mais diferentes contextos e situações de carácter formal, informal e/ou não-formal.

Também no Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (CCE, 2000) são referidas e previstas algumas acções importantes relativamente à aprendizagem ao longo da vida, cujo fim último se prende com a promoção de uma cidadania activa e fomentação da empregabilidade: a) “garantir o acesso universal e contínuo à aprendizagem com vista à aquisição e renovação das competências necessárias à participação na sociedade e na economia do conhecimento” (CCE, 2000: 4); b) “aumentar o investimento em recursos humanos” (Id., Ibid.); c) “desenvolver métodos de ensino e aprendizagem eficazes para uma oferta contínua” (Id., Ibid.); d) valorizar as aprendizagens e em especial as não-formais e informais; e) “assegurar o acesso facilitado de todos a informações e consultoria de qualidade sobre oportunidades de aprendizagem em toda a Europa e ao longo da vida” (Id., Ibid.); f) “aproximar a aprendizagem dos indivíduos” (Id., Ibid.), recorrendo a estruturas e instrumentos de tecnologia, informação e comunicação (TIC).

Socorrendo ainda ao Memorando (CEE, 2000) são aí identificados os três diferentes modos de educação – formal, não-formal e informal – como três categorias de aprendizagem, sendo que a definição desses três modos é semelhante. Passemos à desmistificação específica dos mesmos, recorrendo a autores como Philip H. Coombs, Thomas La Belle, Kenneth King, entre outros.

✓ **Educação/Aprendizagem Formal**

Notavelmente o modo de educação/aprendizagem mais comum e também mais presente, frequentemente definida como aquela que ocorre em instituições de carácter formal (como por exemplo escolas, universidades e institutos) e que conduz à obtenção de um diploma e qualificações reconhecidas (Cf. Palhares, 2007).

Neste, as principais características prendem-se, em primeiro lugar com a existência de uma estrutura hierarquicamente definida (Faure, 1972: 182), onde cada elemento sabe o papel que ocupa e onde a comunicação é efectuada de forma descendente e, em segundo lugar, com a sua transparente intencionalidade de aprendizagem, por parte do aluno/formando. Existem

regras estrategicamente definidas e deveres específicos a serem cumpridos, onde os receptores da informação são regulamente denominados de “alunos” e/ou “formandos”.

✓ **Educação/Aprendizagem Informal**

Muitas vezes desvalorizada e até ignorada, esta é, de todo, a base de todo um processo de aprendizagem, socialização e profissionalidade de qualquer indivíduo (King, 1982), não podendo se apresentar de forma isolada dos restantes tipos. Neste pode-se considerar que as suas principais características são a sua não intencionalização e a intemporalidade, uma vez que se inicia desde tenra idade e estende-se até ao fim da nossa vida, estando presente todos os dias da vida do indivíduo, desde o acordar até ao deitar. Enquadram-se aqui as atitudes, os valores, as habilidades, as competências e os conhecimentos adquiridos e interiorizados a partir das experiências diárias que vamos tendo com a passagem em diferentes contextos como por exemplo, familiar, profissional, associativo, de lazer, e também da interacção com diferentes recursos, tais como, os livros, a televisão, o teatro, os museus e o cinema (Faure, 1972 ; Smith, 1996), não havendo assim, uma identificação específica dos papéis.

Na mesma linha, Coombs e Ahmed (1974: 8) referem que a educação informal compreende “um longo processo pelo qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e percepções das experiências diárias e exposição ao ambiente - em casa, no trabalho, no lazer, a partir do exemplo e das atitudes da família e dos amigos, das viagens, da leitura de jornais e livros, ou por ouvir rádio ou até ao ver filmes ou televisão. Geralmente, a educação informal é desorganizada e, muitas vezes representa a grande parte da aprendizagem adquirida ao longo da vida de qualquer pessoa”.

Por seu turno, Trilla-Bernet (2003) diz que a educação informal acontece de forma indiferenciada e subjacente a outros processos sociais, como algo distinto e predominante ao decorrer geral de uma acção.

✓ **Educação/Aprendizagem Não-Formal**

Segundo Pinto (2008: 47) “a educação não-formal surgiu, como conceito e como resposta educativa” ao sistema formal de ensino, sobretudo nos países em desenvolvimento, o que significou para alguns a instituição de “programas fora da escola” (La Belle, 1976: 278). A este respeito Rogers (2004) refere que os discursos em torno da *educação não-formal* estão de

certa forma associados ao conceito de *desenvolvimento*, sendo que a emergência desses mesmos discursos e discussões sempre esteve associada aos países de Terceiro Mundo.

Ao contrário do que possamos considerar, a educação não-formal não é de todo independente de um sistema formal de educação/aprendizagem, mas sim paralelo, prendendo-se com a organização de determinadas actividades educativas que visam colmatar as necessidades de educação/aprendizagem de um respectivo subgrupo, não conduzindo, necessariamente, à obtenção de um certificado ou diploma (Coombs, 1976). Neste, a flexibilidade, a versatilidade, a adaptação, a visão holística e o diálogo assumem-se como as suas principais características, sendo que o “aluno/formando/receptor” é o principal actor de todo o processo (La Belle, 1976).

Os exemplos mais antigos desta forma de educação/aprendizagem são as cerimónias religiosas e a aprendizagem ocupacional praticadas por tribos indígenas (Coombs, 1976). Contudo, com o passar dos tempos, os países em desenvolvimento organizaram-se no sentido de, também de modo não-formal poderem promover a educação e a aprendizagem, sendo exemplo os programas de economia doméstica direccionados para mulheres, de planeamento familiar, os clubes de voluntariado, a formação de agricultores e cooperativas, etc. (Id., Ibid.).

Tendo ainda em consideração os contributos de Coombs (1976), um dos grandes erros cometidos ao longo dos anos relativamente a esta forma de educação/aprendizagem foi a sua sucessiva interpretação “pelos ministérios da educação em muitos países em desenvolvimento” como uma forma de educação de adultos, estritamente ligada à alfabetização, tornando-a numa concepção estigmatizada e marginal. Ainda sobre estes contextos (dos países em desenvolvimento) Rogers (2004) diz que as associações indiscriminadas da educação não-formal às práticas de educação e formação básica de adultos, bem como a processos de alfabetização têm sido uma constante, havendo a substituição do termo educação não-formal, por “alguma terminologia alternativa como ‘educação e formação vocacional’ ou ‘alternativas ao ensino tradicional’” (Id. Ibid.: 140, com aspas no original), em especial nos discursos do Banco Mundial [BM] a partir de meados dos anos oitenta. Também em Portugal “é frequente podermos encontrar a associação do conceito de educação não-formal à proposta de *educação extra-escolar*, à *educação de adultos*, à *educação comunitária*, à *educação popular*, à *formação profissional*, entre outros” (Pinto, 2007: 69).

Todavia, a educação/aprendizagem não-formal tem uma grande variedade de formas de acção, bem como de objectivos e clientes (desde os mais jovens até aos mais idosos). A isto, La Belle (1976) acrescenta que a educação não-formal poderá vir a torna-se, provavelmente, na única via de programação para a aquisição de novos conhecimentos e competências.

A validação das aprendizagens não-formais e informais

Aquando do Tratado de Maastricht (CCE, 2004), cerca de trinta e dois países europeus acordaram reforçar a sua cooperação com vista a dois objectivos fulcrais: “modernização dos sistemas de ensino e formação profissionais, para que a Europa se possa tornar na economia do conhecimento mais competitiva do mundo” e “oferta a todos os cidadãos europeus as qualificações e competências de que necessitam para que integrem plenamente na sociedade do conhecimento, contribuindo para que sejam criados mais e melhores empregos”. Contudo, já “em Novembro de 2002, o Conselho de Ministros Europeu” (Ibid.: 1) havia aprovado um conjunto de medidas que visavam este mesmo reforço de cooperação “em matéria de educação e formação profissional e aprendizagem ao longo da vida” (Id., Ibid.), incluindo uma série de “princípios de identificação e de validação da aprendizagem não-formal e informal” (Id., Ibid.; CCE, 2002: 3).

Esta validação das aprendizagens não-formais e informais é apresentada, pelo Conselho da União Europeia¹, numa lógica de valorização de todos os tipos e formas de conhecimentos e competências adquiridas, independentemente da forma ou do local, uma vez que, o “reconhecimento e a validação das competências e qualificações constituem um objectivo comum e uma prioridade fundamental da actuação a nível europeu por sustentarem a integração social, a empregabilidade, o desenvolvimento e a utilização dos recursos humanos em contextos cívicos, sociais e económicos, e também, as necessidades específicas dos indivíduos que procuram uma (re)integração no ensino e/ou na formação, no trabalho e na sociedade em que se inserem” (Conselho da União Europeia [CUE], 2004: 2).

Recorrendo aos contributos de Ferreira (2007) a origem das práticas de reconhecimento e validação das aprendizagens adquiridas ao longo da vida provém da América do Norte, datadas de um período após a 2ª Guerra Mundial, quando um conjunto de militares recém-

¹ Projecto de Conclusões e dos representantes dos Governos dos Estados Membros reunidos no Conselho sobre princípios comuns europeus de identificação e de validação da aprendizagem não-formal e informal (CUE, 2004).

desmobilizados reivindicaram a certificação formal das aprendizagens que resultaram da formação obtiveram aquando do serviço militar. Nesta altura surgiram os primeiros estudos sobre as normas “de um processo de reconhecimento formal das aprendizagens adquiridas à margem do sistema formal de educação” (Ibid.: 101), o qual rapidamente se alargou a todos aqueles que, “com base num percurso de experiências significativas pretendiam ver reconhecidas as suas competências” (Ferreira, 2007:101). Desta forma, a *Accreditation of Prior Learning* desenvolvia e promovia as técnicas de avaliação das experiências de vida e de trabalho capazes de assegurar a obtenção de créditos académicos e permitir novos percursos educativos e/ou formativos (Id., Ibid.).

Rapidamente estas práticas chegaram à Europa, não obstante nos países nórdicos (Dinamarca, Suécia e Finlândia), bem como na Alemanha e na Áustria, essas práticas não entraram imediatamente, tendo sido até desvalorizadas, uma vez que naqueles países nórdicos já existia uma forte aposta na elevada formação de base e na multiplicidade de ofertas educativas ao longo da vida, caracterizadas por percursos flexíveis, enquanto na Alemanha e na Áustria também já existiam dispositivos semelhantes (o “Extermenprüfung” e o “Berufsreifenprüfung” respectivamente) (Ferreira, 2007: 104). Por seu turno, os Países Baixos, o Reino Unido e a Irlanda, encaminharam a suas acções para práticas que assentavam na avaliação dos “comportamentos profissionais observáveis (*performance*) ou de aptidões”, bem como dos “perfis profissionais” (Ibid.: 108), enquanto nos países mediterrâneos (Espanha, Itália e Grécia) “não se verificavam práticas sistemáticas, nem pontos de referências formais consistentes” (Ibid.: 107), sendo a avaliação das competências dos desempregados, (a partir de entrevistas e testes de qualificação ocupacionais) e as práticas próximas do balanço de competências, as modalidades mais frequentes nestes países.

Importa referir que nestes países o reconhecimento e validação das competências realiza-se no âmbito profissional, ou seja, todos os seus esforços vão no sentido de reconhecer as competências profissionais do trabalhador na área de trabalho em que se insere. Este processo baseia-se em evidências de desempenho no exercício real do trabalho, centra-se princípios traduzidos em currículos e em competências profissionais, sendo emitida após uma avaliação final².

² Cfr. OIT|Cinterfor - Centro Interamericano para el Desarrollo del Conocimiento en la Formación Profesional, Consultado a 02 de Junho de 2010, disponível em: http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/complab/evento/sem_belo/turin.pdf.

Capítulo II

A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO EM PORTUGAL NO SÉC. XXI

Falando do presente, tendo em conta o passado.

“Um Estado que tende a minimizar as pessoas, a fazer
delas anões, verá que com pessoas pequeninas
não consegue realizar nada de grande”
(John Stuart Mill, “On Liberty”, Londres 1859)

A situação portuguesa nos últimos trinta anos

Como é já sabido, nas questões ligadas aos níveis de educação e formação, Portugal apresenta uma posição distante dos restantes países da Europa, situação esta que, segundo o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social³, está intimamente ligada à saída precoce da escola, quer por razões económicas (situação mais presente na população adulta), quer por questões sociais (como por exemplo, desinteresse pelos estudos), sendo esta situação mais presente na população mais jovem).

Na década de setenta, Field (2001) assegura que alguns autores, tais como Gelpi (1979) e Paul Lengrand (1975), consideravam que relativamente à aprendizagem ao longo da vida esta tinha um propósito social abrangente e de longo prazo, mas com o passar dos anos, até aos dias de hoje, entidades como a UNESCO e a OCDE foram dando conta que tal concepção baseava-se num grande optimismo e certeza sobre objectivos universais (justiça, igualdade e uma vida boa). É de notar que, se por um lado, em meados dos anos setenta fazia sentido este tipo de discurso para o conceito de aprendizagem ao longo da vida - altura em que era visto como uma forma de conservadorismo combinado com «vocacionalismo» - actualmente, com as mudanças políticas e culturais que se verificaram, tal conceito tem de ser adequado à realidade em que vivemos (Field, 2001), embora segundo Lima (2004: 22) a aprendizagem ao longo da vida se tenha transformado “num atributo meramente individual e competitivo”.

Por conseguinte, hoje, a aprendizagem ao longo da vida é constantemente relacionada com o desemprego, havendo discursos dominantes realizados por importantes instituições europeias que definem o desemprego como um problema de aprendizagem que deveria ser resolvido por cada pessoa individualmente. Por consequência, o individualismo serve de justificação para os empregadores, e outros, tratarem as pessoas de forma distinta e, ao contrário do que se pensava, a aprendizagem ao longo da vida não serve apenas para reproduzir as hierarquias e desigualdades existentes, podendo originar e legitimar novas, uma vez que as pessoas vão sendo cada vez mais valorizadas pelas suas aprendizagens realizadas ao longo dos seus percursos (educativos e sociais), sendo assim considerada como um mecanismo de exclusão e de controlo (Field, 2001; Lima, 2007).

³ Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de Dezembro

O Plano Nacional de Alfabetização e Educação Base dos Adultos – PNAEBA

As políticas educativas, relativamente à educação de adultos em Portugal, são caracterizadas como descontínuas, na medida em que desde a revolução de 1974 até aos dias de hoje, as sucessivas implementações de programas e projectos não seguiram uma mesma linha de orientação, devido aos diferentes interesses e prioridades defendidas pelos seguidos governos, resultando na inexistência de uma política pública, global, integrada e coerente, apesar das sucessivas propostas de programas apresentadas e levadas a cabo (Melo, Lima & Almeida, 2002). Como sabemos, Portugal até meados da década de 1970 apresentava uma taxa de analfabetismo muito elevada – aproximadamente um quarto da população, cerca de 24%, (Cf. Bacalhau, 1974; Lima, 2007)⁴, isto é um quarto da população – devido às políticas restritas impostas pelo regime salazarista, que selaram as portas de acesso à educação básica - protagonizada pela escola - às populações mais pobres e ignoram a educação de adultos.

Após 1974, o regime democrático português viu-se ‘obrigado’ a reinventar políticas de educação de adultos, já que até então esta categoria vivera à margem do “modelo progressivo social-democrata” e das concepções de políticas públicas e sociais típicas dos Estados – Providência (Melo, Lima & Almeida, 2002). Neste sentido, e com o intuito de colmatar o analfabetismo entre as populações adultas, nos finais da década de setenta, foi criado o Plano Nacional de Alfabetização e Educação Base dos Adultos – PNAEBA. Contudo, tal projecto em pouco tempo foi perdendo a sua força, tendo sido ignorado rapidamente pelos governos, o que fez, consequentemente manter a elevada taxa de analfabetismo, agravando-se com a desmotivação para a participação em acções de educação e formação, o que correspondeu à falta de procura da educação de adultos (Melo, Lima & Almeida, 2002). Entretanto, em meados dos anos oitenta, aquando da entrada de Portugal na CEE, a aposta por uma política de modernização do país levou à aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, que contemplava a educação de adultos mas de forma escolarizada, não tendo em conta a sua dimensão ampla e multifacetada e sem organiza-la enquanto subsistema específico e autónomo (Melo, Lima & Almeida, 2002). Segundo Lima (2007), a partir desta altura a modernização passou a ser apresentada como “imperativo histórico por forma a responder positivamente aos chamados desafios da integração europeia” (Id., Ibid.: 88). Por consequência, a aposta mais intensiva sobre as “modalidades de ensino recorrente e de formação profissional” (Id., Ibid.: 89)

⁴ Segundo um artigo da Revista Flama, publicado a 02 de Agosto de 1974.

orientada para a “qualificação da mão-de-obra e de modernização económica” reforçaram a certificação escolar e qualificação profissional” (Id., Ibid.).

Neste sentido, a educação de adultos escolarizada passou a ser considerada como uma segunda oportunidade para aqueles que anteriormente falharam, dando-se protagonismo ao ensino recorrente e às “lógicas de mercado, ou de ‘quase mercado’, onde o foco da atenção transita da educação para a formação e, sobretudo, para a aprendizagem ao longo da vida” (Melo, Lima & Almeida, 2002: 110). Tendo subjacente a ideologia neoliberal, a educação de adultos, passou a ser considerada como uma mercadoria, sendo a aprendizagem ao longo da vida considerada como a “solução” para a competitividade das economias europeias nos contextos dos mercados globais. Para além disto, o indivíduo passou a ser o responsável do seu próprio percurso/processo de aprendizagem, tornando-se igualmente responsável pelo seu estado de empregabilidade e de competitividade na sociedade (Id., Ibid.).

A Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA)

Visto que o cerne da educação de adultos havia sido posto de lado, entre 1996⁵ e 2002 houve uma outra tentativa de reavê-lo. O “Pacto Educativo para o Futuro” (Cf. Benavente, 1996) foi a aposta do Partido Socialista aquando da sua entrada no poder. Tal pacto tinha como princípio a educação e a formação global dos cidadãos ao longo de toda a vida, associado ao desenvolvimento económico e social, dando especial atenção à educação permanente e à educação de adultos. Logo em 1997 foi criado um grupo de trabalho constituído por vários especialistas, o qual apresentou um documento de estratégia que insistia na criação de um sistema autónomo e descentralizado que combinasse uma lógica de “serviço público” ou de “oferta pública e autónoma”, tendo em conta quatro dimensões, nomeadamente, a formação base, o ensino recorrente, a educação e formação ao longo da vida, e a educação para a cidadania (Melo, Lima & Almeida, 2002; Lima, 2007). Esta proposta procurava, mais uma vez, tentar corrigir o passado marcado pelo atraso, preparar o futuro e relançar a educação de adultos em Portugal. Com este sentido, foi criada a Agencia Nacional de Educação de Adultos (ANEFA), a qual no ano seguinte, passou a ser designada por Agência Nacional de Educação e

⁵ Note-se que 1996 foi designado o Ano Europeu da Educação e Formação ao Longo da Vida e que foi a partir desta data que os respectivos conceitos foram integrados nos debates nacionais e accionado como instrumento de mudança dos sistemas de educação e formação e de legitimação de políticas (Antunes, 2008a: 146).

Formação de Adultos (ANEFA) na sequência de trabalhos pedidos, por parte do governo, a um Grupo de Missão para o início de um processo alargado e participado que conduzisse à criação de um modelo institucional e que articulasse terminologicamente *educação e formação*.

Em 1999 o Governo português criou a ANEFA “através do Decreto-lei n.º 387/99, como instituto público, sujeito à tutela e super intendência dos Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade Social” e como “uma ‘estrutura de competência’ ao nível metodológico, da promoção e de apoio a programas de educação e formação de adultos e a iniciativas da sociedade civil” (Melo, Lima & Almeida, 2002: 117, com aspas no original). Contudo, as suas lógicas de acção eram diferentes daquelas que estavam presentes nos projectos iniciais da mesma. Esta tinha por base a modernização, a “qualificação dos recursos humanos” e a “aquisição de competências para competir” (Lima, 2007: 63, com aspas no original). Duas das suas realizações, consideradas relevantes, segundo Lima (2007) foram, o reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC), que valoriza as aprendizagens realizadas ao longo da vida, e os novos cursos de educação e formação de adultos (EFA). Todavia, foram essas mesmas lógicas modernizadoras que a extinguiram em 2002, transformando-a segundo Lima (2007) num “conjunto limitado de valências inscritas de forma incoerente no âmbito mais global da ‘formação vocacional’” (Id., Ibid.). Passou-se então da ANEFA para uma Direcção Geral de Formação Vocacional, acabando também a educação e formação de adultos por seguir uma orientação redutora que privilegiava a formação dos recursos humanos, assumindo modalidades escolarizadas e que pretendiam a capacitação individual (Canário, 2007).

Mais uma vez, a tentativa de um relançamento da educação de adultos foi interrompida, tendo mesmo sido posta de lado nos discursos da política educativa. Passou desde então a haver uma preferência pela “qualificação dos recursos humanos”, pela “formação vocacional” e pela “qualificação ao longo da vida” (Lima, 2007: 95) em detrimento da educação de adultos, por parte do Ministério da Educação, que tem por estas categorias constituírem a “solução” para ultrapassar o atraso que caracteriza o nosso país (Id., Ibid.).

De facto, em Portugal, os níveis de qualificações da população são bastante baixos e, segundo Antunes (2008a) apresentam-se como consequência de questões de natureza socioeconómica e escolar. Eis algumas das razões que os justificam: a) a persistência de estratégias de recrutamento de mão-de-obra com baixos índices de escolarização e profissionalmente desqualificada; b) a notória relação entre a saída antecipada da formação

inicial e a persistência de padrões de especialização que assentam em emprego pouco intensivo em conhecimento; c) o recente processo de escolarização de massas, que deixou de fora a população adulta, que pouco escolarizada tem tendência a não procurar mais qualificação (o chamado “efeito Mateus”); d) e os elevados níveis de insucesso e de abandono escolar que continuam a existir no sistema de ensino (Id., Ibid.).

O Actual Sistema de Educação e Formação em Portugal

Como temos vindo a observar, entre a década de 1970 e o presente ano (2010), têm ocorrido mudanças significativas no campo da educação e formação, mas é de destacar que foi a partir da nossa entrada na União Europeia (UE), na altura designada por CEE, que as lógicas orientadoras da educação em Portugal começaram a mudar. Com o Tratado da União Europeia – TUE (1992) ficou dada a consagração da legitimidade da competência e da acção da UE na educação e, a partir de 1994, esta assumiu um protagonismo-chave na definição dos contornos de um projecto de educação e aprendizagem ao longo da vida, tornando-se (este projecto), no início do século XXI, uma estratégia política central da educação, para a economia do conhecimento, o emprego, a mobilidade, a inclusão e coesão social/nacional (Antunes, 2008a).

Socorrendo-se de Carmel Borg e Peter Mayo (2005), Antunes (2008a) refere que existem algumas diferenças nas acções desenvolvidas a nível europeu e a nível nacional, na medida em que se, por um lado, nos discursos europeus as palavras-chave são o mercado de trabalho, empregabilidade, flexibilidade e mobilidade, por outro a nível nacional a preocupações recaem sobre os interesses de mercado, as necessidades pessoais e sociais.

Tendo em consideração que a aprendizagem ao longo da vida é definida pela UE como “toda a actividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objectivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, numa perspectiva pessoal, cívica e social” (CCE, 2001), esta deverá, assim, abranger a aprendizagem desde a idade pré-escolar até à pós-reforma (educação escolar; educação superior e formação avançada; educação e formação profissional, inicial e contínua; e educação de adultos) incluindo as três modos educacionais: formal, não-formal e informal.

⁶ Conceito alusivo ao Evangelho utilizado pelos sociólogos da ciência para explicar que “aquele que mais sabe, quanto mais sabe, mais deseja saber, mais procura e mais se lhe concede saber e o que menos sabe, menos consciente é da sua necessidade de aprender, menos manifesta querer saber e menos ofertas tem para a prender” (Fernández, 2006: 72).

Actualmente, o Sistema de Educação e Formação Profissional português tem como objectivo principal: “assegurar o direito à educação e formação e garantir a igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (Afonso & Ferreira, 2007: 21) a toda a população portuguesa, desde as crianças que entram pela primeira vez na escola, até àqueles que já se encontram em níveis de qualificação mais elevados, passando por aqueles que têm baixas qualificações, empregados e/ou desempregados. No ano de 2007, o respectivo sistema passou por uma nova reforma, a qual colocou em primeiro plano responder aos objectivos definidos na Estratégia de Lisboa⁷, para além de promover a melhoria das qualificações portuguesas. Esta reforma apontou como objectivos estratégicos: “a promoção e generalização do nível secundário como qualificação mínima da população; o reforço do ensino profissional de dupla certificação; o alargamento da oferta de cursos de educação e formação de adultos e a criação de condições para que um maior número de pessoas seja abrangido pelo sistema de reconhecimento, validação e certificação de competências, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida” (Id., Ibid.: 1).

Em termos organizacionais, tem uma administração centralizada na definição das grandes linhas políticas e orientações curriculares, pedagógicas e financeiras, a qual resulta do trabalho conjunto entre o Ministério da Educação (ME), o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES).

Recorrendo a Melo, Lima e Almeida (2002: 103) no que respeita à educação de adultos, têm-se vindo a observar uma “valorização crescente dos contributos da educação de adultos (...) com vista à procura de respostas consideradas inovadoras e eficazes para os riscos da globalização” e neste âmbito, os seus sectores “vêem reconfirmada, em termos de princípios, a sua responsabilidade quanto à promoção de uma educação (formal/não-formal/informal) para a democracia, a justiça e direitos humanos, para a participação social e a cidadania activa, para a paz, a igualdade e a solidariedade” (Id., Ibid.), e principalmente pela “sua acção na luta contra o desemprego, a pobreza e a exclusão social” (Id., Ibid.). A este respeito, Lima (2007: 90) chama a atenção para o facto de subsistir “uma crença em que para cada problema económico e social existe uma solução educativa, configurando uma espécie de *pedagogização* extensiva da sociedade” (itálico no original).

⁷ A Estratégia de Lisboa definiu como objectivo estratégico até 2010 tornar a União Europeia “na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social” (Afonso & Ferreira, 2007: 48).

A definição da expressão “educação de adultos” definida pela UNESCO (1976), embora com alguns anos, permanece actualizada uma vez que, para além de designar a totalidade dos processos organizados de educação, defende uma educação que promova uma “nova orientação” para os indivíduos e que faça “evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento numa dupla perspectiva: de desenvolvimento pessoal e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural, equilibrado e independente” (Id., Ibid.: 2) .

Contudo, apesar de durante longos anos esta expressão estar estreitamente relacionada com a alfabetização em si mesma (aprender a ler, contar, escrever), hoje podemos dizer que a actual educação de adultos continua a prender-se com a alfabetização, não das letras e dos números, mas dos processos técnicos que permitam ao adulto “movimentar-se como pessoa, de forma consciente e livre” (Dias *et al.*, 1983: 33), dentro do seu meio social, económico, cultural e político, uma vez que o seu objectivo é “assegurar a participação efectiva de cada cidadão na tomada de decisão a todos os níveis da sua vida” (Id., Ibid.).

A Iniciativa Novas Oportunidades

Defendida pelo Governo português como “um dos mais importantes programas das últimas décadas”⁸ no âmbito da qualificação e promoção humana da população portuguesa, a iniciativa Novas Oportunidades, inserida no Plano Nacional de Emprego e do Plano Tecnológico desde 2005, tem como base a teoria do capital humano, a qual defende que existe uma relação directa entre o nível de qualificações e, crescimento económico, produtividade, competitividade, coesão social, cidadania e desenvolvimento pessoal (Resolução de Ministros n.º 173/2007). Num estudo levado a cabo pelo por uma equipa orientada pelo Governo português⁹, sobre o balanço de dois anos (2005 e 2007) desta iniciativa, são apresentados alguns dos resultados que se conseguiu alcançar, de onde se destaca o posicionamento diferenciado do adulto no seu processo de qualificação, e o aumento da procura individual (e também empresarial) de uma elevação das qualificações.

⁸ Expressão referida na primeira frase do primeiro parágrafo da nota de apresentação do documento *Iniciativas Novas Oportunidades. Primeiros Estudos da Avaliação Externa*, levado a cabo pela Universidade Católica Portuguesa (Mendonça & Carneiro, 2009).

⁹ O documento intitula-se “Iniciativas Novas Oportunidades – Dois anos em balanço”. [Em Linha]. Consultado a 03 de Março de 2010 e disponível em: http://www.oei.es/pdfs/novas_opportunidades2007.pdf.

A ambição desta iniciativa, segundo o actual Primeiro-ministro, passa por “dar um forte e decisivo impulso à qualificação dos portugueses”¹⁰, e nesse sentido, tendo em conta que as baixas qualificações não caracterizam apenas a população adulta, mas também a população jovem, esta iniciativa procura uma resposta através da aposta na formação de base da população activa e dos jovens, com vista ao desenvolvimento de competências necessárias ao crescimento, à progressão – escolar e/ou profissional – dos cidadãos e à modernização das empresas (Decreto-lei n.º 396/2007 de 31 de Dezembro)

Recorrendo aos contributos de Araújo e Coutinho (2009: 6) os pilares que sustentam a estratégia da iniciativa Novas Oportunidades passam, em primeiro lugar, “fazer com que o 12º ano de escolaridade seja o patamar mínimo de escolarização dos jovens”; em segundo lugar por “fazer do ensino profissionalizante de nível secundário uma verdadeira e real opção”, garantindo a dupla certificação (escolar e profissional); e em terceiro lugar “possibilitar a todos aqueles que entraram na vida activa com baixos níveis de escolaridade, dois itinerários de intervenção para a aprendizagem ao longo da vida: um baseado no reconhecimento de competências adquiridas ao longo da vida, para a obtenção de uma certificação escolar e/ou profissional, e outro ancorado em percursos formativos de longa duração, os cursos EFA, ou em unidades de formação de curta duração e formações modulares” (Araújo & Coutinho, 2009: 6).

O suporte estrutural desta iniciativa está a cargo do Sistema Nacional de Qualificações, o qual promove todos os instrumentos necessários à execução dos objectivos acima referidos, em restrita articulação com os instrumentos financeiros proporcionados pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) 2007-2013, em especial através do Programa Operacional Temático Potencial Humano – POPH (identificado como um instrumento nuclear de financiamento público das políticas e modalidades de formação) e do Fundo Social Europeu¹¹.

A Agência Nacional para a Qualificação (ANQ), segundo a Resolução do Conselho de Ministros n.º 173/2007, de 7 de Novembro, assume também um papel determinante neste enredo de inovação. Constituindo-se como um organismo de tutela ministerial conjunta entre o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e o Ministério da Educação (ME), é sua missão assegurar a actualização contínua e permanente do Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ), bem como coordenar e dinamizar todas as ofertas de educação e formação profissional de dupla

¹⁰ Num comunicado sobre a ambição da Iniciativa Novas Oportunidades no site Novas Oportunidades – Aprender Compensa. Consultado a 15 de Abril de 2010 e disponível em: <http://www.novasoportunidades.gov.pt/np4/9.html>.

¹¹ Cf. Decreto-Lei 396/2007, de 31 de Dezembro e Resolução do Conselho de Ministros n.º 173/2007, de 7 de Novembro

certificação (para jovens e adultos) e ainda, gerir os dispositivos e ofertas de educação e formação de adultos, através da rede de Centros Novas Oportunidades (Id., Ibid.).

Os Centros Novas Oportunidades

Inicialmente designados como Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, os Centros Novas Oportunidades (CNO) constituem-se como estruturas que procuram dar resposta às necessidades de qualificação da população adulta, com idades igual ou superior a dezoito anos e que não tenham completado o 1º, 2º ou 3º ciclo de ensino básico, ou o ensino secundário, ou ainda, que não tenham uma dupla certificação de nível não superior (Portaria nº 370/2008, de 21 de Maio). Essas necessidades podem emergir de um percurso pessoal e/ou profissional do indivíduo sem qualificação ou com baixas qualificações, sendo que face às mesmas é realizado o encaminhamento para a resposta mais adequada, podendo ser um percurso de educação e/ou formação, ou o desenvolvimento de um processo de RVCC (Id., Ibid.).

Nestes espaços, apenas pode funcionar o encaminhamento para formação e o processo de RVCC (básico ou secundário – escolar e/ou profissional¹²), embora possam realizadas formações com uma duração máxima de cinquenta horas.

O funcionamento e a equipa

Nos CNO, as equipas¹³ são constituídas por pessoas qualificadas e especializadas no trabalho que têm de desenvolver, nas várias etapas de intervenção. Num primeiro momento, é realizado o acolhimento e diagnóstico do indivíduo pelo técnico de diagnóstico e encaminhamento e aqui são auscultadas as motivações e expectativas aquando da iniciação de uma via de qualificação, bem como a experiência e conhecimentos de que o adulto é portador. Após um conjunto de seis sessões, é decidido, entre o técnico de diagnóstico e encaminhamento e o adulto, qual o melhor caminho que este deve seguir. Se a melhor solução for um curso EFA, então o adulto é encaminhado para uma outra entidade, onde poderá realizar esse mesmo curso; se for um processo de reconhecimento (nível básico ou secundário), o adulto é então

¹² É de referir que o RVCC profissional é um processo que não existe em todos os centros, pelo que, na grande maioria, as pessoas estão a frequentar processos de RVCC escolar.

¹³ O número de profissionais constituintes de uma equipa num CNO depende do número de pessoas inscritas no mesmo. Esta informação pode ser consultada no anexo 1 da Portaria nº 370/2008, de 21 de Maio

integrado num determinado grupo, que a partir de certa data inicia o seu percurso, numa primeira fase, em conjunto.

Esse mesmo o grupo é orientado por um profissional de RVC¹⁴, o qual segundo a portaria n.º370/2008, de 21 de Maio “deve ser detentor de habilitação académica de nível superior” e ter “conhecimento das metodologias adequadas e experiência na área da educação e formação de adultos”. É o profissional de RVC quem acompanha e apoia os adultos na construção dos seus portefólios reflexivos de aprendizagens, em estreita relação com os formadores, bem como em conjunto com os mesmos identifica e encaminha os adultos para ofertas de formação¹⁵, quando assim se justificar, sendo esse acompanhamento feito desde a primeira sessão de reconhecimento até à entrega do respectivo certificado.

Após um período de tempo de trabalho entre os adultos em reconhecimento e o profissional, os formadores de cada área de competência assumem a sua posição, orientando e apoiando o adulto no desenvolvimento do seu Portefólio Reflexivo de Aprendizagens (PRA¹⁶), ao longo do seu processo. Ainda segundo a portaria n.º370/2008, de 21 de Maio, cada formador deve possuir habilitação para a docência em função da sua área de competência-chave e o Certificado de Aptidão Profissional de Formador (CAP), bem como experiência profissional no âmbito da educação e formação de adultos. É de referir que para estes dois profissionais são condições imperativas ter conhecimento e saber interpretar os referenciais de competências e procurar as suas relações internas, bem como uma boa gestão e coordenação de tempo e de trabalho em equipa.

Também um elemento fulcral num CNO é o técnico administrativo. Este, recebendo orientações dos restantes membros da equipa (coordenador, técnico de diagnóstico e encaminhamento e profissional de RVC), procede ao acolhimento dos adultos no centro, bem como faz toda a organização administrativa e financeira deste espaço. Deve ser detentor de uma “habilitação académica de nível secundário, sendo privilegiada a experiência profissional e os conhecimentos na área informática” (portaria n.º 370/2008 de 21 de Maio).

¹⁴ Pessoa que faz ponte mediadora entre os formadores e os adultos em processo.

¹⁵ Essas ofertas formativas poderão ser cursos EFA ou formações modulares. É de referir que esse encaminhamento resulta de uma validação parcial (que acontece quando o adulto não detém todas as competências necessárias para a obtenção do nível de qualificação pretendido), sendo este realizado após a validação e certificação das competências (Portaria n.º370/2008, de 21 de Maio).

¹⁶ O PRA é um documento pessoal, onde é o adulto que o organiza e estrutura as competências que pode demonstrar ao longo do processo de RVC, bem como vai anexando todas as actividades práticas que foi realizando ao longo do seu processo. É com base neste instrumento que a validação das competências é feita.

Ao director compete-lhe a nomeação do presidente do júri de certificação nos processos de RVCC e a homologação das decisões do respectivo júri de certificação (promovendo a emissão dos certificados e diplomas). Por seu turno, o coordenador, sob a orientação do director, é responsável pela dinamização de todas as actividades do centro, bem como pela sua gestão pedagógica, organizacional e financeira (*ibidem*).

A esta equipa, e apenas nos momentos de validação e sessões de júri, junta-se o avaliador externo. Este é um profissional acreditado pela ANQ, que desconhecendo todos os pormenores do processo de cada adulto e de forma imparcial, contribui na avaliação do PRA, sendo também co-responsável pela certificação dos adultos e constituindo um elemento importante no júri de certificação (despacho n° 29856/2007, de 27 de Dezembro).

Os dois itinerários de intervenção para a aprendizagem ao longo da vida de adultos

O processo de RVCC

Escolar

O processo de RVCC – escolar visa a promoção da qualificação dos activos pouco escolarizados. A sua essência metodológica assenta no balanço de competências, que a partir da reflexão/ponderação sobre os aspectos positivos e negativos que contemplam a história de vida do indivíduo (a qual engloba o âmbito pessoal, social, profissional, escolar e formativo), bem como através da evidenciação das competências, que implica a mobilização de conhecimentos e saberes para a acção (realização/resolução de uma determinada tarefa: *saber-fazer*), não apenas num contexto específico, mas em variados (Ferreira, 2007).

Através do acompanhamento realizado pelo profissional de RVC e pelos formadores, a evidenciação das competências deve corresponder às áreas de Competências-Chave definidas, pela ANEFA para os quatro níveis de qualificação, presentes nos Referenciais de Competências-Chave¹⁷ (de nível Básico e de nível Secundário) para a formação de cada pessoa enquanto cidadão. São eles o Básico 1 (correspondente ao primeiro ciclo de estudos - 4º ano), o Básico 2 (correspondente ao segundo ciclo de estudos – 6º ano), o Básico 3 (correspondente ao terceiro ciclo de estudos – 9º ano) e o Secundário (correspondente ao 12º ano no ensino normal). No

¹⁷ O Referencial de Competências-Chave assume-se como o instrumento orientador do processo de RVCC e como a estrutura do desenho curricular dos percursos de educação e formação (Alonso *et al.*, 2002)

nível básico, o indivíduo deve evidenciar competências ligadas às áreas de *Linguagem em Comunicação* (LC), *Matemática para a Vida* (MV), *Tecnologias de Informação e Comunicação* (TIC) e de *Cidadania e Empregabilidade* (CE), através da abordagem de temas que estão implícitos na sua história de vida, nomeadamente a saúde, o consumo, a educação rodoviária, as actividades económicas, a paz e democracia, a igualdade de oportunidades, o ambiente e ecologia, o multiculturalismo, a defesa e preservação do património e o lazer e tempo livre (Alonso *et al.*, 2002). No nível Secundário, apesar das áreas de competência se reduzirem apenas a três, *Cultura, Língua e Comunicação* (CLC), *Sociedade, Tecnologia e Ciência* (STC) e *Cidadania e Profissionalidade* (CP), o nível de complexidade é muito maior, acrescentando ainda o conhecimento de uma *Língua Estrangeira* (Inglês ou Francês). CLC e STC surgem como áreas gêmeas, onde a evidenciação de competências incide sobre sete núcleos geradores, nomeadamente: Equipamentos e Sistemas Técnicos; Ambiente e Sustentabilidade; Saúde; Gestão e Economia; TIC; Urbanismo e Mobilidade; Saberes Fundamentais. Por seu turno, em CP, por ser uma área onde se pretende abordar dimensões cognitivas, sociais e éticas, existem oito núcleos geradores: Direitos e Deveres; Complexidade e Mudança; Reflexividade e Pensamento Crítico; Identidade e Alteridade; Convicção e Firmeza Ética; Abertura Moral; Argumentação e Assertividade; e ainda Programação (Gomes, 2006).

Como o próprio nome indica, este é um processo que se divide em três fases: o *Reconhecimento*, que têm em vista a “identificação, pelo adulto, dos saberes e competências adquiridos ao longo da vida, através de um conjunto de actividades (em sessões de grupo e em sessões individuais com o profissional de RVC e os formadores (...)) e dando início à construção do portefólio reflexivo de aprendizagens (PRA) ” (Portaria n.º370/2008, de 21 de Maio); a *Validação*, que consistindo num acto formal, é visto como o momento onde é realizada a “avaliação das competências adquiridas ao longo da vida (...) após o término da escrita, organização e estruturação do portefólio” (Idem). Neste momento o indivíduo é convidado a fazer uma auto-avaliação do seu portefólio, a qual é contraposta com a avaliação produzida pelo profissional de RVC e pelos respectivos formadores das áreas de competência, que efectivamente trabalharam com o adulto em causa. Aquando desta sessão de validação, sempre que, os formadores identificarem necessidades de formação em certas áreas, o indivíduo é encaminhado para ofertas formativas mais adequadas, dentro ou fora do centro¹⁸; por fim surge

¹⁸ É de referir que a formação realizada nos CNO pode ir num máximo até 50 horas (designadas por formações complementares), sendo que tudo aquilo que ultrapasse essa linha deve ocorrer em entidades preparadas para o efeito (Artigo n.º19, Portaria n.º370/2008 de 21 de Maio)

a *Certificação*, que compreende o momento mais formal e oficial de todo o processo. Nesta fase, o adulto apresenta-se perante um júri de certificação¹⁹, o qual a partir da sua deliberação dará origem à emissão de um certificado de qualificações, com o registo das unidades de competência certificadas.

Profissional

Este processo pretende reconhecer, validar e certificar as competências profissionais de todos aqueles que adquiriram as mesmas exclusivamente através das suas experiências de trabalho e/ou noutros contextos de vida, destinado a pessoas com idade igual ou superior a 18 anos. A sua acção decorre através de um conjunto alargado de sessões estruturadas em três fases: 1) identificação e reconhecimento das competências profissionais; 2) identificação das competências profissionais em falta, posteriormente colmatadas com formação adicional nas diferentes áreas; 3) certificação das competências. No seu decorrer, os adultos são apoiados por avaliadores e tutores de RVC especializados numa área profissional específica, na identificação e reconhecimento das respectivas competências e na recolha de evidências que as comprovem, bem como na sua demonstração (Simões & Silva, 2007), tendo como referência instrumentos de avaliação concebidos a partir dos referenciais de formação relativos a cada saída profissional (que integram o Catálogo Nacional para a Qualificação) que “permitam verificar o domínio que os adultos têm das competências associadas a uma determinada qualificação” (Id., Ibid.: 9).

Embora este processo seja já realizado em Portugal desde 2007, são ainda poucas as instituições que o “disponibilizam”, pois contempla aspectos mais complexos e que envolvem uma maior equipa de profissionais especializados em diferentes áreas (não apenas nas áreas de formação base, mas também nas áreas profissionais).

Os cursos EFA

Com os objectivos de promover a (re)inserção ou progressão no mercado de trabalho, aumentar os níveis de empregabilidade, melhorar a qualificação e as competências profissionais, bem como, proporcionar uma formação de dupla certificação - numa primeira fase, a todos os

¹⁹ O júri de certificação é nomeado pelo director de cada CNO, devendo este ser constituído pelo profissional de RVC e formadores que acompanharam o adulto ao longo do processo de RVCC, e por um avaliador externo acreditado pela ANQ (Artigo n.º20, Portaria n.º370/2008 de 21 de Maio).

adultos²⁰ activos não qualificados - rapidamente o âmbito dos cursos Educação e Formação de Adultos (EFA)²¹, foi alargado também a estes públicos devido aos elevados índices de desemprego (que se têm acentuado nos últimos anos), bem como devido ao elevado número de pessoas que estão em risco de exclusão social (grupos desfavorecidos), recebem o Rendimento Social de Inserção e têm baixos níveis de qualificações (o que muitas vezes as impede de conseguirem um emprego).

Com uma duração de aproximadamente novecentas horas, para a obtenção de uma certificação de nível básico (com equivalência ao 1º, 2º e/ou 3º ciclos), e de mil de duzentas horas para o nível secundário (Portaria n.º280/2008 de 07 de Março) estes cursos, para além de terem uma forte componente teórica, têm também uma parte prática, em contexto real de trabalho, onde é pretendido que o adulto adquira conhecimentos e competências práticas para o exercício de determinada profissão. Estes cursos EFA são desenvolvidos por entidades que integram a rede de entidades formadoras no âmbito do sistema nacional de qualificação.

As diferenças existentes entre os dois percursos encontram-se no facto do processo de RVCC se basear numa valorização das aprendizagens realizadas ao longo da vida, fora do sistema de educação e formação profissional, dando a possibilidade ao adulto de ser ele próprio a guiar o seu processo (sendo este flexível, uma vez que o trabalho só avança quando o adulto desenvolve o seu portefólio) e a certificação final é uma (ou escolar, ou profissional), enquanto, num curso EFA, para além de se dirigir a sujeitos não qualificados, têm uma estrutura muito mais rígida, onde existem aulas teóricas, tecnológicas e um estágio, com regime de faltas, obtendo o adulto, no final, uma qualificação de dupla certificação (Cfr. Portaria n.º370/2008 de 21 de Maio e Portaria n.º280/2008, de 07 de Março).

²⁰ A idade mínima para integrar num curso EFA de nível básico é de 18 anos, enquanto, que para um curso EFA de nível secundário é de 23 anos (Artigo n.º2, Portaria n.º230/2008 de 07 de Março).

²¹ Sobre os cursos EFA Cfr. Despacho Conjunto n.º 1083/2000, de 20 de Novembro.

Capítulo III

FORMAÇÃO, TRABALHO E RECURSOS HUMANOS

Que benefícios advêm do envolvimento em processo de qualificação

“Cada cidadão tem o dever de desenvolver as
suas potencialidades a fim de participar
plenamente nas actividades da cidade”
(Platão, in Dia Viou Paedeia)

A emergência das qualificações e das competências

Desde sempre é no e pelo trabalho que o indivíduo, nas sociedades salariais, adquire reconhecimento financeiro e simbólico na sua actividade, dando-se assim ao trabalho um lugar de destaque no processo de construção e reconstrução de uma identidade social (Dubar, 1997). No entanto, o “ser qualificado” tem vindo a ganhar terreno e, ao mesmo tempo a gerar novas desigualdades sociais, isto porque qualquer tipo de qualificação pressupõe a existência de um sistema de classificação, de uma quantificação, de uma hierarquia e ordem. Por conseguinte, a qualificação, “classifica e hierarquiza os indivíduos, diferenciando-os, a partir de uma classe de valores, em função dos seus conhecimentos e competências, e em relação a categorias de emprego” (Pires, 2002: 243).

Para Reinbold e Breillot (1993) a qualificação tem por base todo um julgamento oficial e uma legitimidade reconhecida e utilizada num determinado grupo social. Por sua vez, Castillo (1998) entende a qualificação como um conceito socialmente construído, o qual pode ser identificado de duas formas: dentro de uma determinada situação ou em resultado de uma certa situação. Le Boterf (2000: 184) considera que ser qualificado “é ser capaz de transformar em potencial transferível o que foi adquirido nos contextos particulares”, ou seja implica a “capacidade de *aprender-a-aprender*” (Ferreira, 2007: 80, *italico no original*), de ser capaz de realizar “novas aprendizagens das competências” (Id., Ibid.) que encaminham o indivíduo ao sucesso.

Transpondo estas noções para a área profissional, do mercado de trabalho, podemos assim inferir que a “qualificação atribui às capacidades e conhecimentos profissionais um valor de troca no mercado de trabalho, e legitima socialmente o seu estatuto e remuneração, sendo assim considerada como um instrumento de racionalização do mercado do emprego” (Pires, 2002: 243) e é considerada pessoa “qualificada quando esta possui as capacidades necessárias para exercer determinada função ou deter determinado emprego” (Ibid.: 244). Tersaac (1996) ao analisar a evolução do conceito de qualificação, ao longo das décadas, diz-nos que na década de setenta este estava associado apenas ao “fazer” (Ibid.: 232), pois havia uma centralização nos postos de trabalho e nas tarefas (Pires, 2002), sendo que a partir dos anos oitenta, “com a evolução das formas de produção industrial” (Ibid.: 244), o “saber fazer” foi ganhando algum

terreno (Tersaac, 1996: 232), mas foi com no desenrolar da década de noventa que a definição “saber-que-fazer” (Id., Ibid.) passou a corresponder ao conceito de qualificação.

Não obstante, segundo Canário (1999), a aquisição de um conjunto de saberes e a interiorização e domínio de um conjunto de valores e gestos técnicos, isto é, a obtenção de uma determinada qualificação não é “um garante da competência” (Ibid.: 46) na medida em que tal domínio não constitui um pré-requisito susceptível de uma “transferabilidade linear, determinando uma acção profissional” (Id., Ibid.).

Por seu turno, o conceito de competência é por natureza abstracto e, por consequência, ambíguo, multifacetado e complexo. Habitualmente, esta noção é associada à execução/realização/resolução de uma determinada tarefa/problema e especialmente ligada ao mundo do trabalho. Recorrendo a Antunes (2008b), existe um conjunto alargado de tentativas de definição desta noção, tendo sido já contabilizadas cento e vinte definições, todavia a referência a “sujeitos” e “contextos” – “acção em situação” – tem sido uma constante e, nesse sentido, podemos atender que “as competências não podem ser dotadas de universalidade e existir independentemente dos sujeitos e dos contextos” (Canário, 1999: 47).

Existem duas características que não podem deixar de ser tidas em conta quando falamos de competências. A primeira é o facto de ser multireferencial, pois são várias as áreas disciplinares que o têm vindo trabalhar; a segunda prende-se com a sua multidimensionalidade, pois articula o conhecimento e acção e alberga várias dimensões, nomeadamente, individuais (cognitivas e emocionais), relacionais, colectivas, sociais, políticas, situacionais e contextuais (Cf. Cardoso, Estêvão & Silva, 2006).

Recordado os contributos da unidade curricular *Sociologia da Educação e Formação*, o verdadeiro movimento e debate em torno das competências no campo relativo aos modelos da educação e formação remonta aos anos cinquenta nos Estados Unidos da América aquando da primeira abordagem da educação e formação baseadas em competências, tendo vindo rapidamente, nas décadas seguintes, a ganhar terreno em outros países, tais como Canadá (década de 1960) Reino Unido, Alemanha, França (década de 1980), Austrália (década de 1990), Finlândia, Noruega e Portugal (finais da década de 1990) (Cf. Antunes, 2008b).

Segundo Pires (2002) a primeira abordagem da educação e formação baseada em competências teve uma forte influência da psicologia behaviorista, onde as “competências eram

especificadas, descritas e decompostas em objectivos educacionais” e a sua identificação derivava de “comportamentos finais” que pudessem ser “observáveis e mensuráveis” (Ibid.: 281). Ou seja, a construção da realidade era elaborada a partir dos comportamentos observáveis e padronizados e com uma focalização apenas nos resultados, não havendo qualquer preocupação nem com as construções sociais, com os contextos, nem com a subjectividade e interacções sujeito-objeto, tornando-a assim limitada, descontextualizada e irreal. Apesar de nos dias que correm ainda existirem raízes desta abordagem, com avançar dos anos foi perdendo a sua força e englobando outras perspectivas decorrentes da “psicologia cognitiva/construtivista e das correntes humanistas” (Pires, 2002: 281), passando-se a valorizar uma aprendizagem reorganizada de representações, conhecimentos, experiências e também a transformação e mudança dos pensamentos e comportamentos.

Como já foi referido anteriormente, subjacente ao conceito de competência está a articulação entre o conhecimento e a acção, sendo que esse conhecimento advém não só dos contextos formais mas também dos contextos não-formais e informais de educação e formação. Le Boterf (1994) diz que a competência refere-se a um “saber-mobilizar” (os saberes na acção) “fazendo apelo a noções, conhecimentos, informações, procedimentos, métodos, técnicas” (Perrenoud, 2002: 131), havendo sempre a implicação de um determinado contexto e da comunicação, na medida em que só pode ser identificada aquando da “confrontação com outros saber-fazer individuais postos em comum” (Le Boterf, 1994: 42).

Importa referir que nesta articulação conhecimento-acção a reflexão não pode ser posta de lado, pois cada vez mais as exigências “a complexidade, a imprevisibilidade, a incerteza” do mundo actual em que vivemos requerem uma “construção de respostas de educação que capacitem para agir reflexivamente” (Antunes, 2008b: 9), principalmente nos contextos profissionais e que contemplem uma perspectiva integrativa (que integre o conhecimento e o desempenho), holística (Cfr. Bowden e Marton, 1998) e também processual, na medida em que interprete a acção/actividades como um processo e não como uma tarefa/comportamento.

De forma geral concluímos que “a qualificação permitiu a adaptabilidade à divisão, estabilidade e standardização típicas do trabalho industrial ‘taylorista’ e ao seu contexto de manifesta falta de mão-de-obra, bem como a adaptabilidade a uma ordem de cidadania que justificava as diferenças sócias em função das qualificações escolares” (Ferreira, 2007: 87; com aspas no original) e que a competência está, actualmente, ligada à crise do respectivo modelo

taylorista e da própria qualificação na medida a competência “não tem a ver apenas com a resposta técnica à evolução dos sistemas de trabalho mas modifica profundamente também as formas de regulação do trabalho” (Cardoso, Estêvão & Silva, 2006: 23).

A qualificação dos recursos humanos

Pires (2002) diz-nos que o contexto económico, tecnológico e social em que vivemos tem vindo a evoluir, havendo uma transposição das “formas tradicionais de organização do trabalho (tayloristas e fordistas) para modelos mais orgânicos e flexíveis”, introduzindo assim uma “mudança profunda ao nível das competências dos sujeitos (saberes mais complexos, mais abstractos, mais globalizantes e transferíveis)” (Ibid.: 32). Por consequência, “a emergência do conceito de competência e a sua generalização, num contexto de evolução económica, tecnológica e social” (Id., Ibid.) foi inevitável.

Há muito tempo que as várias dimensões da realidade deixaram de estar separadas, isto é, se a determinada altura a economia se ocupada da realidade económica, a ciência política da realidade política, as ciências sociais da realidade social, etc., agora tal concepção de “fenómenos reais separados ou separáveis de quaisquer outros” (Nunes, 1987: 24) está totalmente desactualizada na medida em que “no domínio do humano e do social, não existem campos e fenómenos que dessa forma se distingam uns dos outros, como se fossem compartimentos estanques: o campo da realidade sobre o qual as ciências sociais se debruçam *é, de facto, um só* (o da realidade humana e social) e todos os fenómenos desse campo são *fenómenos sociais totais*” (Id., Ibid., com aspas e itálico no original), ou seja, são “fenómenos que têm implicações simultaneamente em vários níveis e em diferentes dimensões do real social” (Id., Ibid.).

A este respeito, Silva e Pinto (2005) referem que sobre o conceito de fenómeno social total, Marcel Mauss na década de 1920-30 estabeleceu dois princípios, os quais ainda hoje recorremos, nomeadamente: “qualquer facto, quer ocorra em sociedades arcaicas quer em modernas, é sempre complexo e pluridimensional; pode, pois, ser apreendido a partir de ângulos distintos, acentuando cada um destes apenas certas dimensões. Todo o comportamento remete para e só se toma compreensível dentro de uma totalidade, quer dizer: constelações

compósitas de recursos, representações, acções e instituições sociais intervêm nas mais elementares relações entre pessoas” (Silva & Pinto, 2005: 17).

Actualmente, o mercado de trabalho constitui-se como um espaço-tempo onde se cruzam, em (des)articulação, lógicas, actores e estratégias diferentes, e neste sentido pode ser encarado como um *fenómeno social total* complexo e interdependente do funcionamento do conjunto da sociedade e da economia global, ultrapassando a primordial relação trabalhador – emprego e, valorizando-se, de dia para dia, a *teoria do capital humano*, onde o investimento na educação se apresenta como o modo mais rentável de desenvolvimento económico da sociedade (Becker, 1964) e ainda, a articulação de um elevado nível de qualificações com o “ser competente”. Ou seja, como refere Estella e Vera (2008) a economia moderna de hoje tende a confiar mais no capital humano (nos conhecimentos e nas competências dos trabalhadores), do que no capital físico (mero exercício da actividade profissional). Segundo Lima (2007: 63; aspas no original) a “‘empregabilidade transformou-se num substituto da ‘educabilidade’” e por consequência, o “lema político-pedagógico da ‘aquisição de competências para competir’ remete-nos para o protagonismo do mercado, da privatização e dos processos de individualização” (Id., Ibid., aspas no original).

A organização do trabalho definido como uma agregação de competências - as quais, segundo Stoer e Magalhães (2002: 30), eram definidas como a “capacidade dos indivíduos e dos grupos para desempenhar os seus papéis sociais e produtivos em ambientes continuamente em transformação e que compreendem a capacitação continua para lidar com a mudança” - e organizado em torno da categoria social de uma profissão, onde os perfis e requisitos profissionais eram factor de selecção, tem vindo a perder lugar para a empregabilidade, que “vê” as competências como a adaptabilidade, o estar continuamente em processo de formação e circular no mercado de trabalho como critérios de selecção no acesso a um emprego (Stoer & Magalhães, 2005). A este respeito, Antunes (2008c: 12) diz-nos que neste campo “as competências constituem, tal como os desempenhos, codificações de atributos individuais que vêm a adquirir existência através dos dispositivos que se destinam a classificá-los e avaliá-los”. Podemos assim dizer que o estado de empregabilidade do indivíduo está, cada vez mais dependente da relação entre os seus graus de escolaridade/formação e níveis de qualificações e de competências e as características do posto de trabalho (Afonso & Antunes, 2001; Antunes, 2008a).

Por seu turno, as “novas exigências da sociedade e da vida profissional” (Melo *et al.* 1998: 21) fizeram com que cada indivíduo apostasse na “renovação permanente dos conhecimentos e competências ao longo da vida” (Id., *Ibid.*). Para além disto, o que antes era considerado prescindível ao trabalho marcadamente *taylorista*, como é o caso da comunicação, da imaginação, da criatividade, da reflexividade, entre outras, actualmente são competências, quase que exigidas para o acesso a /mantimento de um posto de trabalho (Fernández, 2006), uma vez que “parece ter-se percebido que o aproveitamento da inteligência de cada um é fundamental nos processos produtivos” (Melo *et al.* 1998:26). E como consequência dessas novas exigências, existe uma outra variável, a qual temos vindo a assistir ao longo dos anos, no nosso país: o facto de um emprego não ser para toda a vida. Se antes o percurso de vida de uma pessoa dividia-se (por assim dizer) em três momentos – escola (caracterizada pelo estudo e aprendizagem), trabalho (exercício da actividade profissional até à idade da reforma) e reforma (associada ao descanso e desfrute dos rendimentos), actualmente o mesmo já não acontece, o que leva a “uma nova organização das ocupações, mais cíclica, que converte os adulto e idosos em estudantes e aprendizes” (*Ibid.*: 21) permanentes, fazendo ainda com que as formas de viver, de ser e de estar na sociedade sofram grandes alterações.

Citando Costa (2005: 110), “o processo de crescimento” do indivíduo “no que se refere à aquisição de competências, dos saberes e conhecimentos necessários a viver num mundo complexo em acelerada mudança já não tem lugar num único tempo e num único espaço como se aceitou no passado”. Hoje as competências “constroem-se” tanto “em situações formais de educação/formação” (Pires, 2002: 267) (na escola, universidades, organismos de formação, etc.), como “em situações não-formais” (nas empresas, sindicatos, comunidades, etc.) e “informais” (no quotidiano, na vida familiar, associativa, política, profissional, social, etc.) e ainda, a partir do “cruzamento e inter-relação entre os diversos contextos de vida da pessoa, e ao longo de toda a sua vida” (Id., *Ibid.*). Apesar desta diversidade de contextos/situações, como sabemos (e até como é esperado pela sociedade) os espaços formais de educação e formação assumem um papel crucial quando falamos em desenvolvimento de competências. Neste sentido, Ambrósio (2007: 27) refere que na sociedade portuguesa actual, “os adultos precisam de adquirir mais competências e precisam de mais certificação das competências adquiridas. Sejam elas de natureza escolar e/ou profissional”, até porque, tendo em conta o estudo Nacional de Literacia sob coordenação de Ana Benavente (Benavente, 1995), em Portugal 3,2

milhões de adultos activos não possui competências de leitura, escrita e cálculo, ou se as possui as mesmas não estão reconhecidas (Cf. Costa, 2005).

Como refere António Nóvoa (2007), cada vez mais as pessoas são vistas como activos ou recursos humanos, os quais têm de estar munidos de conhecimentos e competências nas mais diferentes áreas para poderem dar resposta a todas as exigências, mudanças e transformações do mundo (não só laboral, mas também social e institucional).

A este respeito, Estêvão (2003: 319) refere que, “a empregabilidade prende-se sobretudo com conhecimentos e *metacompetências*, ou competências sociais”, e Suleman (2000) chama a atenção para alguns aspectos que têm vindo a marcar a via profissional e social das pessoas, nomeadamente a “elevação das exigências de qualificação”, a “exigência de mobilidade, entre empregos, profissões, regiões e países” a “precarização do emprego” e o “desemprego cada vez mais selectivo” (Ibid.: 83).

Por conseguinte, a partir das mudanças económicas, políticas, culturais, tecnológicas e até demográficas, a necessidade de se fazer reconhecer as competências adquiridas ao longo da vida, não apenas por uma questão de valorização pessoal (do ponto de vista do indivíduo), mas também de melhoria do estado de empregabilidade dos indivíduos, tornou-se uma realidade. Não obstante, o simples reconhecimento das competências e a obtenção de um certificado com a identificação do nível de qualificação deixou, há muito, de ser suficiente, pois não garante por si só a continuidade, a aquisição, a iniciação e/ou progressão de uma carreira profissional.

Por seu turno, o mundo empresarial parece “aceitar” outros valores, que não apenas os ligados aos lucros, estando entre eles: a minimização dos danos ambientais provocados pela sua actividade, a equidade no tratamento e o desenvolvimento dos seus colaboradores, o respeito pelos clientes, entre outros (Cardoso, 2002). A gestão ética, também conhecida como ética empresarial ou ainda como ética nos negócios, debruça-se assim sobre a “dimensão ética das relações entre as empresas e entre estas e a sociedade, bem como a relação entre os indivíduos no seio da organização e entre estes e a organização em que se integram” (Ibid.: 222).

Baseadas em lógicas de promoção da auto-estima e auto-motivação com vista ao aumento da produtividade, muitas são as empresas que, para além dos programas de formação contínua dos seus trabalhadores, aproveitaram a iniciativa Novas Oportunidades para “dar” a possibilidade aos mesmos de aumentarem as suas qualificações, através de percursos formativos e ou de processos de RVCC. Sobre isto, Dubar (1995) chama-nos a atenção para

questão das desigualdades em termos de acesso a processos de formação/qualificação, na medida em que este tende a ser mais presente nas empresas em desenvolvimento e com alguma dimensão social e profissional do que naquelas que são mais pequenas e não têm uma estrutura de gestão de recursos humanos sólida.

Por outro lado, existem ainda muitas outras empresas que ignoram toda esta lógica, dando preferência às baixas qualificações dos seus empregados, com o objectivo de oferecer salários mínimos (quase de sobrevivência), não apostando na formação dos seus trabalhadores (mesmo nas áreas específicas em que trabalham), nem se interessando por oportunidades gratuitas de qualificação dos seus trabalhadores. Podemos aqui inferir que nestes contextos, o interesse recai sobre a aprendizagem de novas práticas e saberes profissionais, mas em contexto de trabalho, isto é, a partir de modos informais de aprendizagem (Pires, 1999).

O Quadro de Referência Europeu

Segundo o Quadro de Referência Europeu, a chave para o sucesso no século XXI está na aprendizagem ao longo da vida, para a qual são necessárias competências-chave, as quais são definidas como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes adequadas a um determinado contexto, sem as quais a integração social, a cidadania e o estado de empregabilidade do indivíduo adulto ficam comprometidos. Não obstante, sobre esta questão Afonso e Antunes (2001) chamam a atenção para o facto da própria Comissão Europeia, por um lado assumir que por si só a educação e a formação não resolverem a questão do emprego, mas ao mesmo tempo esperar que contribuam para a coesão social e prevenção da exclusão. Para além disto, os mesmos autores referem que no decorrer dos textos onde “a expressão *sociedade cognitiva* (ou sociedade de aprendizagem) é evocada” (Ibid.: 9; em itálico no original) podemos verificar que “os significados não são convergentes, expressando ora a necessidade de os indivíduos terem uma educação e uma formação permanentes ou ao longo da vida (*lifelong learning*), ora a necessidade de as organizações produtivas e de serviços se tornarem [...] em lugares qualificantes e promotores de aprendizagens (*learning organisations*), ora ainda a necessidade de a própria sociedade aprender a desenvolver a sua capacidade reflexiva” (Id., Ibid., em itálico no original). Por consequência, a concepção de “sociedade de aprendizagem” é meramente instrumental pois acaba por ser guiada pela máxima da “utilidade económica imediata” (Id., Ibid.).

Actualmente o conceito de competências-chave adquiriu “uma orientação mais construtivista e integrada que aponta para a capacidade de agir e reagir de forma apropriada perante situações mais ou menos complexas, através da mobilização e combinação de conhecimentos, atitudes e procedimentos pessoais, num contexto determinado, significativo e informado por valores” (Pinto & Alves, 2009). E neste sentido, o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (CCE, 2000) apresenta uma lista onde constam oito competências-chave interdependentes e fulcrais para a aprendizagem ao longo da vida, nomeadamente o pensamento crítico, a criatividade, a iniciativa, a resolução de problemas, a avaliação de riscos, a tomada de decisões e a gestão construtiva dos sentimentos. São elas: a comunicação na língua materna; a comunicação em línguas estrangeiras; as competências de matemática e as competências básicas em ciência e tecnologia; as competências digitais; o aprender a aprender; as competências sociais e cívicas; o sentido de iniciativa e de empreendedorismo; a consciência e expressão cultural (CCE, 2000).

Estas competências-chave são consideradas essenciais e transversais de qualquer indivíduo nas diferentes dimensões da sua vida (social, pessoal e profissional), constituindo-se também como a base para qualquer indivíduo continuar a aprender ao longo da sua vida.

Todavia, “o quadro de acções para o desenvolvimento de competências e qualificações ao longo da vida”²² dos parceiros sociais europeus sublinhou que o reconhecimento e a validação das competências e qualificações constituem um objectivo comum e uma prioridade fundamental da actuação a nível europeu, uma vez que muitos dos adultos, apesar de não serem escolarizados, foram aprendendo/adquirindo competências, ao longo das suas vidas, nos mais variados contextos - no trabalho, na vida social, na vida cívica, no contexto familiar, nas associações que possam ter participado – embora nada disso fosse reconhecido até à data.

Em Portugal, o referencial de competências-chave para o nível básico assenta em quatro áreas nucleares - Linguagem e Comunicação (LC); Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); Matemática para a Vida (MV) e Cidadania e Empregabilidade (CE), e uma área de conhecimento e de contextualização das competências, todas elas consideradas necessárias para a formação do indivíduo no mundo actual, pois “permitem o aprender a aprender nas suas quatro vertentes: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a fazer” (Alonso, 2002). Neste sentido, Afonso e Antunes (2001) referem que a prioridade dada à

²² Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia - Projecto de conclusões do Conselho e dos representantes dos Governos dos Estados-Membros reunidos no Conselho sobre princípios comuns europeus de identificação e de validação da aprendizagem não-formal e informal. Bruxelas, 10 de Maio de 2004

ampliação das oportunidades e à elevação dos níveis de educação e formação como via para promover a consolidação e o desenvolvimento dos direitos de cidadania, ao se constituir como agenda política, deve, obrigatoriamente ter em linha de conta, os problemas inerentes à distribuição do rendimento (garantindo as indispensáveis segurança, material e condições de vida dignas) e às políticas económicas, industriais e de emprego, que assentam na valorização do trabalho qualificado e na criação/partilha de empregos com base numa articulação entre direitos e compromissos sociais, caso contrário, apenas se trabalhará para as estatísticas e não para o objectivo máximo, já anteriormente referido.

A par disto, a Organização Mundial do Trabalho (OIT) reconhece que o investimento na educação, aprendizagem e na formação é fundamental para o desenvolvimento económico e social, pois contribuem, em primeiro lugar, para o aumento do estado de empregabilidade dos indivíduos e respectivo acesso a um trabalho não precário; em segundo, para o aumento da produtividade individual; e, por último, pode facilitar a mobilização no mercado de trabalho e alargar as oportunidades de carreira dos indivíduos. Não obstante, esta mesma organização salienta a importância da responsabilidade da economia global investir verdadeiramente no desenvolvimento dos seus recursos humanos, nomeadamente na aprendizagem e na formação para a empregabilidade, competitividade, crescimento e inclusão social, dando assim a oportunidade destes terem um trabalho decente e produtivo com condições que se prendem com a liberdade, a equidade, a segurança e a dignidade²³.

²³ Cfr. OIT – International Labour Conference - *Learning and training for work in the knowledge society* - 91st Session (2003: 4).

Capítulo IV

O CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES DA TECMINHO

Uma oportunidade de intervenção

“A Educação de Adultos é poder aprender centenas de coisas,
desde ACORDEON a ZOOLOGIA”
(anónimo)

A TecMinho

Fundada em 1990, a TecMinho é uma associação de direito privado sem fins lucrativos, que tem como promotores a Universidade do Minho e a Associação dos Municípios do Vale do Ave. As suas instalações localizam-se no interior das instalações da Universidade do Minho na cidade de Guimarães, estando também presente na cidade de Braga, apenas com o Centro Novas Oportunidades.

É sua missão “constituir-se como uma estrutura de interface da Universidade do Minho, promovendo a sua ligação à sociedade, sobretudo nas vertentes da ciência e tecnologia, contribuindo para o desenvolvimento regional através da melhoria da competitividade das organizações e aumento das competências das pessoas”, especialmente com níveis de formação superior (TecMinho²⁴).

É uma Entidade Formadora acreditada pela Direcção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT), tendo a acreditação específica para concepção, implementação e avaliação da formação à distância, com um conjunto de ofertas formativas articuladas com o Catálogo Nacional de Qualificações, em diferentes áreas. A sua estrutura organizativa de recursos humanos, segundo o seu organigrama²⁵, está disposta em quatro níveis: uma direcção geral; as áreas de finanças, de informática, e de comunicação e imagem; as áreas de intervenção (formação contínua, empreendedorismo e transferência tecnológica) e respectivas subáreas.

A estratégia de intervenção da TecMinho passa por: “promover a inovação e o desenvolvimento de novas tecnologias/produtos/processos e respectiva transferência para as empresas; conceber actividades de formação contínua (presencial e em e-learning), de desenvolvimento organizacional e de mobilidade transnacional de recursos humanos; apoiar a criação de empresas, com especial relevo nos *spin-offs* académicos; e ainda impulsionar projectos de investigação/desenvolvimento, assim como a orientação na sua execução” (TecMinho).

²⁴ Fontes: Portfólio (informal) de apresentação da TecMinho e respectivo site: <http://www.tecminho.uminho.pt>

²⁵ O organigrama da TecMinho pode ser consultado no anexo nº1.

Nesta instituição, existem três linhas de actuação e orientação que visam a busca de inovação e desenvolvimento tecnológico, sendo elas a Formação Contínua, a Transferência de Tecnologia e o Empreendedorismo Académico.

A Formação Contínua direcciona a sua actividade para a prestação de serviços no âmbito da formação para os recursos humanos das instituições, pois a crença na máxima de que os recursos humanos são o factor decisivo do sucesso de uma empresa e/ou instituição é um ponto assente nesta entidade. Neste campo, com mais de doze anos de trabalho, é já uma estrutura de referência no desenvolvimento do capital intelectual das empresas e organizações, desenvolve metodologias de suporte em vários âmbitos, nomeadamente: realização de diagnósticos de necessidades de formação; elaboração de projectos de formação (presencial e *e-learning*); implementação dos projectos de formação (presencial e *e-learning*); avaliação da eficácia de projectos de formação; concepção e desenvolvimento de materiais de formação/recursos didácticos; elaboração e acompanhamento de candidaturas de projectos de formação e elaboração e implementação de projectos de desenvolvimento organizacional. Ainda neste âmbito enquadra-se o Centro de Novas Oportunidades (CNO), onde a actividade realizada se encontra fundamentada na Iniciativa Novas Oportunidades, lançada em 2006 pelo governo português.

Por seu turno, a Transferência de Tecnologias, conta com “uma equipa multidisciplinar, com competências ao nível dos processos de transferência de tecnologia, propriedade industrial, redacção e pesquisa de patentes, análise e registo de marcas, avaliação técnico-económica de tecnologias, marketing tecnológico, vigilância tecnológica e inteligência económica” (TecMinho), cuja finalidade visa “apoiar empresas e investigadores na inovação, desenvolvimento e comercialização de novas ideias/tecnologias, orientando-se, especialmente, para a protecção da propriedade intelectual, a criação e gestão de parcerias estratégicas de I&D (Investigação Colaborativa) e licenciamento de patentes/*know-how*”(Ibid.). Para tal, este departamento está organizado em três grupos:

- A Patente Inova – Gabinete de Propriedade Intelectual da Universidade do Minho, que visa a promoção da protecção e valorização dos resultados de I&D, investindo no registo e manutenção de patentes e no desenvolvimento industrial das tecnologias desta entidade.

- O GAPI – Gabinete de Apoio à Propriedade Industrial, criado com o intuito de promover a utilização da propriedade industrial nas empresas da região e instituições de I&D através do apoio consultivo nos domínios da propriedade industrial, vigilância tecnológica e inteligência económica.
- O CPI – Centro Português de Inovação, associado à Agência de Inovação e ao INESC - Porto, organizado com o intuito de promover a transferência de tecnologia na União Europeia (TecMinho).

Por fim, o Empreendedorismo Universitário, procura promover “uma cultura empreendedora na Universidade do Minho e apoiar o lançamento de projectos empresariais de base tecnológica e de conhecimento intensivo gerados no meio académico, tendo como principais objectivos:

- Estimular o espírito empreendedor da comunidade académica;
- Valorizar o conhecimento desenvolvido na Universidade do Minho através do apoio à criação de *spin-offs* universitários;
- Promover a criação de negócios que contribuam para o desenvolvimento económico-social da região;
- Desenvolver estudos em conjunto com outras organizações nacionais e estrangeiras que ajudem a compreender melhor o fenómeno do empreendedorismo” (TecMinho).

Com o intuito de acompanhar a constante actualização e inovação a TecMinho dispõe também de um Centro Formação à Distância, como estrutura de apoio especializado ao desenvolvimento de processos de formação à distância em modalidade *e-learning*, *b-learning* e *m-learning* (*mobile-learning*). Neste contexto, “tem preparado pessoas, empresas e instituições para a sociedade da informação, consolidando um serviço de complemento à formação, cujo ambiente é a Internet, e que está orientado tanto a formadores/professores como a formandos/alunos da TecMinho e da Universidade do Minho” (TecMinho, 2009).

É ainda de referir que a TecMinho participa num vasto conjunto de redes, das quais se destacam:

- ANOP – Associação Nacional de Oficinas de Projectos
- ENRIL – European Network for Research and Industry Links

- IC Net – Inner Circle Partnership Network
- OIE – Organismos de Informação Europeia
- TII – Technology Innovation Information Network
- UNISPIN – University Spin-off Consultancy Scheme
- IRCs Network - Innovation Relay Centres
- RTACs - Regional Technology Advisory Centres
- FINE - Fashion Industry Network Europe
- BEMET - Biotechnology in Europe Manpower, Education and Training Network
- AUTM - Association of University Technology Managers
- NACUA - National Association of College and University Attorneys
- LES - Licensing Executives Society
- CRC – Rede de Centro de Recursos
- Rede de Centros de Novas Oportunidades (onde se enquadra o CNO)

O Centro Novas Oportunidades (CNO) da TecMinho

O Centro Novas Oportunidades (CNO) da TecMinho, localizado no Edifício dos Congregados da Universidade do Minho, na Avenida Central de Braga, foi criado em 2008, ao abrigo do Despacho n.º 6950/2008, de 10 de Março, após um convite formal emitido pela ANQ o qual mereceu alguma reflexão interna entre a TecMinho, “em conjunto com a Universidade do Minho, decidindo-se posteriormente aceitar, enquadrando-se na missão do departamento de formação da TecMinho, consubstanciada na elevação dos níveis de competências e qualificações dos indivíduos, no sentido de melhorar a competitividade das organizações” (Silva, 2008)²⁶, desenvolvendo a sua actividade no âmbito geográfico da NUT III²⁷ Cávado.

Com o intuito de ir de encontro aos adultos que por algum motivo não concluíram o primeiro, segundo e/ou terceiro ciclos e/ou o secundário, obtendo uma certificação de qualificação profissional de nível II, III ou IV, este centro, como todos os outros, é financiado pelo POPH (Programa Operacional do Potencial Humano), QREN (Quadro de Referencia Estratégico Nacional), Fundo Social Europeu e pelo Governo da Republica Portuguesa e assume como

²⁶ Introdução Editorial. *Newsletter mensal do CNO da TecMinho*, n.º1. [Em Linha]. Consultado a 12 de Novembro de 2010, disponível em: www.tecminho.uminho.pt/newsletter/cno/news_01.html

²⁷ Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins estatísticos.

princípios de actuação, “a abertura e flexibilidade, a singularidade, a confidencialidade, o respeito, a responsabilidade, o rigor e eficiência, a orientação para os resultados, a orientação para a melhoria contínua e ainda, a inclusão” (Regulamento de Funcionamento, Janeiro de 2010).

O seu mote de orientação passa essencialmente pelo desenvolvimento de parcerias, tanto com entidades empregadoras, bem como com entidades do sistema de formação/qualificação, com o objectivo de facilitar ao máximo, aos adultos, o acesso a processos de qualificação, seja pela via do reconhecimento, validação e certificação das competências adquiridas em diferentes contextos de vida, seja através da formação - por exemplo através dos cursos de EFA, da Formação Modular Certificada, de cursos de Educação e Formação (CEF) ou outras vias alternativas de conclusão do básico e/ou secundário.

O Plano Estratégico de Intervenção (PEI) do CNO da TecMinho passa essencialmente pela promoção e desenvolvimento das competências das pessoas, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida, e que possa, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento económico e social. Neste sentido, esta entidade propõe-se a contribuir para a redução do défice das qualificações escolares dos activos da NUT III Cávado através de mecanismos que permitam encaminhar os adultos para respostas de qualificação mais adequadas às suas necessidades e perfis. No que respeita à organização e gestão deste centro, o seu funcionamento assenta numa equipa multidisciplinar, a qual dispõe um modelo de comunicação, interno, que procura facilitar a partilha e trocar de informação entre os vários elementos constituintes, através de uma plataforma *e-learning* da TecMinho, uma gestão de processos e uma área partilhada (através da internet).

Apesar de o centro não contar com um espaço físico muito largado, contendo apenas cinco salas de trabalho (destas apenas três estão efectivamente ocupadas: uma pelo coordenador, outra pelas formadoras, outra pelas profissionais e técnicas de ADE, ficando as outras duas disponíveis para as sessões individuais), existe uma articulação e uma partilha de espaços muito grande não só entre todos os membros da equipa, mas também entre este e a escola de música e de enfermagem da Universidade do Minho, que leccionam os seus cursos no mesmo edifício. Ou seja, sempre que necessário e possível, há a cedência dos espaços para que as sessões possam ser realizadas.

No que a recursos humanos diz respeito, o CNO da TecMinho conta com uma equipa de catorze profissionais de áreas distintas: três profissionais de RVC (duas psicólogas e uma socióloga); duas técnicas de diagnóstico e encaminhamento (uma da área das Ciências da Educação e uma socióloga); cinco formadoras (todas da área do Ensino: uma de Português/Francês; uma de Português, Latim e Grego; uma de Físico Química; uma de Matemática e uma de Filosofia); um coordenador (área das Ciências da Educação); uma directora (área da engenharia) e por fim, duas técnicas administrativas. Presentes diariamente no centro diariamente, estão todos os elementos da equipa técnico-pedagógica (profissionais RVC, técnicas de ADE e formadoras), as técnicas administrativas e o coordenador.

Neste espaço, o atendimento ao público está estipulado como das 09:00 às 20:00 - de segunda sexta-feira, e o funcionamento da equipa técnica assenta no princípio da cooperação, integração e articulação entre todos os elementos. A flexibilidade caracteriza o horário e tempo de trabalho, embora exista e seja seguido um horário de trabalho normal de oito horas diárias. Por conseguinte, a equipa gere o seu tempo com base numa agenda partilhada criada para o efeito²⁸ e também consoante a disponibilidade dos adultos com quem estão trabalhar. Todas as semanas, e no mesmo dia, decorre uma reunião com todos os elementos da equipa técnico-pedagógica, que conta com a presença diária do coordenador, onde são abordadas as questões do dia-a-dia do trabalho no centro, sendo feito uma reflexão-crítica, quer dos instrumentos de trabalho utilizados, quer sobre o trabalho efectivamente realizado ao longo da semana e dos meses, bem como uma procura de resolução de problemas previamente identificados.

Apesar de existirem duas vias de realização do processo de RVCC, uma escolar e outra profissional, o CNO da TecMinho apenas realiza o RVCC - escolar, uma vez que o segundo requer uma equipa muito mais completa e especializada nas áreas profissionais específicas, não existindo, para já, uma estrutura que o possa sustentar. Neste sentido, as actividades realizadas neste centro, são comuns a todos centros segundo a portaria n.º 370/2008, de 21 de Maio, assentando assim, essencialmente, em quatro etapas: a fase de ADE – Acolhimento (a qual integra também a inscrição no Centro Novas Oportunidades), Diagnóstico e Encaminhamento; o Reconhecimento e Validação de Competências - Escolar (RVCC básico ou secundário); Formação Complementar (quando ao longo do processo de reconhecimento e validação de competências, é identificada a necessidade de realização de acções de formação até cinquenta horas); e por

²⁸ Cf. Regulamento de Funcionamento do CNO da TecMinho, versão 1 de Janeiro de 2010

fim a Certificação de Competências. A sua auto-avaliação procura ter como referência as dimensões de qualidade, inscritas na carta de qualidade e consubstanciada no modelo de auto-avaliação²⁹ (CAF – *Common Assessment Framework*) desenvolvido pela equipa de avaliação externa da Iniciativa Novas Oportunidades.

Na fase de ADE que tem por objectivo fazer uma abordagem ao adulto, identificar os diferentes papéis desempenhados pelo adulto em diferentes contextos (Almeida *et al.*, 2008), bem como a sua história temporalizada da sua evolução pessoal nesses mesmos contextos, neste centro são realizados os oito passos previstos, pelas técnicas de diagnóstico e encaminhamento: na etapa do acolhimento – a inscrição do adulto e a realização de uma sessão em grupo onde é dada a informação geral sobre o centro e respectivas ofertas de qualificação; na etapa do diagnóstico – uma sessão em grupo onde os adultos preencher um conjunto de questionários cujo objectivo é caracterizar a situação específica do adulto e uma sessão individual onde o adulto é entrevistado a fim de clarificar a sua situação; na etapa de encaminhamento – é realizada uma análise da informação individual recolhida e organizado um conjunto de propostas de encaminhamento, e mais duas sessões individuais com o adulto, onde é discutido a sua grelha de análise do perfil e negociado o percurso possível e mais adequado e justo, posteriormente formalizado e concretizado o encaminhamento. No que respeita ao funcionamento aquando do processo de RVCC, de nível básico e/ou secundário, os adultos são organizados em pequenos grupos de vinte pessoas (aproximadamente) e desde que se inicia o processo até à sessão de júri têm um conjunto de vinte e duas sessões (em grupo e individuais) previstas e organizadas em cronograma pela profissional de RVC.

Como forma de gestão e organização das actividades ao longo do processo, existe um fluxograma, para cada nível de qualificação (básico e secundário) que serve de orientação e guia das mesmas. Todas as sessões realizadas são registadas e contam com uma folha de presenças, onde os adultos têm obrigatoriamente de assinar. Após cada sessão, é feito um registo na plataforma SIGO (Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa)³⁰ e também no programa interno de gestão de processos.

²⁹ Processo que iniciou em meados de Junho de 2010

³⁰ Ferramenta de apoio ao registo de actividades dos CNO e de gestão dos candidatos inscritos e respectivos encaminhamentos, bem como de desenvolvimento de processos de RVCC.

Parcerias/Protocolos Estabelecidos do CNO

A articulação com entidades empregadoras, autarquias, associações e também de educação e formação tem sido uma prioridade do CNO da TecMinho. Neste momento o centro conta com cerca de vinte e seis entidades protocoladas³¹, cuja finalidade passa por poder facilitar o desenvolvimento dos processos a ele inerentes, numa lógica de proximidade, sendo que, no presente momento, mais de cinquenta por cento do seu trabalho é realizado em itinerância.

A realização de parcerias, em especial com as juntas de freguesia, tem como princípio a inclusão das pessoas que, de certa forma, estão longe da cidade e das oportunidades de educação e formação. Não obstante, estas exigem por parte da equipa um esforço acrescido de gestão de tempo e de trabalho, uma vez que todo o processo (desde a inscrição, fase de ADE, processo de RVCC, formação complementar, até à sessão de júri de certificação) se desenvolve nas respectivas localidades. Ainda nestas localidades, o encaminhamento para processos de RVCC (seja de nível básico ou secundário), na grande maioria das vezes não é considerado como o mais adequado, pois são detectadas lacunas muito elevadas ao nível da formação de base e as experiências de vida não são suficientemente sustentáveis para a realização deste processo. Contudo, os horários de trabalho e especificidades contextuais/locais e familiares não lhes permite seguir por uma via mais adequada às suas características, como por exemplo um curso EFA, apresentando-se esta como a única via possível de desenvolvimento de algum trabalho com vista à possibilidade de inclusão e aumento das qualificações destas pessoas. Neste sentido, verifica-se um esforço acrescido e o desenvolvimento de um trabalho muito mais organizado e adaptado, por parte da equipa técnico-pedagógica, onde a extensão do horário de trabalho é uma constante, havendo também uma incidência frequente para a realização de formação complementar, com vista à colmatação das lacunas de formação de base (especialmente ligadas à leitura, escrita e matemática), previamente identificadas.

³¹ A listagem de entidades protocoladas com o CNO da TecMinho por ser consultada no anexo nº2.

Os adultos em processo de RVCC

As idades das pessoas que procuram o CNO variam entre os dezoito e os oitenta anos, bem como os níveis de escolaridade, que podem ir desde uma qualificação inferior ao quarto ano, até a um décimo segundo ano incompleto. Para além disto, também a situação profissional destas pessoas é bastante variada: existem pessoas que são desempregadas de longa duração, outras que estão empregadas (tanto por conta de outrem, como por contra própria e, cujas profissões variam entre as mais precárias até a presidente de junta de freguesia), outras que já estão aposentadas e têm disponibilidade total, outras que estão aposentadas e continuam a gerir o seu próprio negócio, outras que se encontram em situações de *lay-off*, entre outras situações.

Todos estes adultos inscreveram-se no CNO com o objectivo de aumentar as suas qualificações. Contudo, nem sempre as suas posturas são as mais adequadas. Muitos deles quando iniciam os processos de RVCC estão iludidos pelo facilitismo do processo, acabando por suspendê-los quando percebem que afinal não é assim tão simples. Esta é uma situação que vai acontecendo, mais no nível secundário do que no básico, pouco tempo após as primeiras sessões de grupo. No entanto, para além desta consciencialização (que muitos adultos não admitem) existe o factor “tempo” que a maioria diz não ter, fazendo arrastar os seus processos por meses e, em alguns casos, mais de um ano. Com vista a combater estas situações, é realizado um trabalho intensivo de reforço da motivação e incentivo por parte das profissionais de RVC e por vezes das formadoras, no sentido de levar as pessoas a concluírem os seus processos.

Desde o início do seu funcionamento até finais do mês de Julho de 2010 o CNO da TecMinho conta uma média de setenta e uma inscrições por mês e, em meados de Fevereiro de 2010, com cerca de mil e seiscentas pessoas inscritas (oitocentas para o nível básico e outras oitocentas para o nível secundário), mil quatrocentas e quarenta pessoas que já concluíram a fase de ADE (setecentas e vinte para o nível básico e outras setecentas e vinte para o nível secundário), oitocentas e vinte oito pessoas em processo de RVCC (das quais quinhentas e quatro para o nível básico e trezentas e vinte e quatro para o nível secundário) e ainda setecentos e setenta e uma pessoas certificadas - parcial e total - (sendo que quatrocentos e setenta e nove obtiveram a certificação do nível básico e duzentos e setenta e um a certificação do nível secundário) (Cfr. Quadro nº1).

COMPONENTE ESCOLAR					
Nível de Ensino	Nº Meses	Inscritos	Com Diagnóstico e Encaminhamento Definido	Em Processo RVCC	Certificados RVCC (Parcial e Total)
Básico	24	800	720	504	479
Secundário	24	800	720	324	292
TOTAL		1600	1440	828	771
COMPONENTE PROFISSIONAL					
Saídas Profissionais	Nº Meses	Inscritos	Com Diagnóstico e Encaminhamento Definido	Em Processo RVCC	Certificados RVCC (Parcial e Total)
TOTAL					
TOTAL GERAL		1600	1440	828	771

Quadro nº1 – Resultados do Centro de Novas Oportunidades da TecMinho em 24 meses.

Fonte: <http://sigo.gepe.min-edu.pt/areareservada/faces/planoEstrategicoIntervencao/GestaoProcessos/resultados>

Apesar das metas impostas pela ANQ serem uma preocupação subjacente ao centro, segundo a sua coordenação está muito longe de ser principal, havendo uma posição bem definida e assumida perante a comunidade de aposta no rigor, na exigência e na qualidade dos processos de RVCC, o que contribuiu, em certa medida, para morosidade de alguns processos.

O quadro seguinte (Quadro nº2) apresenta as metas propostas para o presente ano, e os resultados atingidos até Julho de 2010.

		Inscritos	Diagnóstico concluído	Entraram em processo	Certificados
Básico	Previsto (2010)	400	360	252	240
	Realizado (30-04-2010)	98	217	196	30
	% Alcance do objectivo 2010	24,5	60,28	77,78	12,5
Secundário	Previsto (2010)	400	360	162	146
	Realizado (30-04-2010)	165	212	90	36
	% Alcance do objectivo 2010	41,25	58,89	55,56	24,66
Geral	Previsto (2010)	800	720	414	386
	Realizado (30-04-2010)	263	429	286	66
	% Alcance do objectivo 2010	32,875	59,58	69,08	17,10

Quadro nº2 – Dados globais das metas e resultados atingidos pelo CNO da TecMinho

Fonte: Elaborado pelo coordenador do CNO da TecMinho

Para além disto, a promoção, junto dos adultos, da educação/aprendizagem ao longo da vida é uma prática assumida, havendo um envolvimento, sempre que oportuno, num conjunto de actividades e projectos que possam facilitar essa promoção. Isto porque, “a intervenção de um CNO, só faz sentido se levar em linha de conta aspirações de educação permanente de adultos, de desenvolvimento local e comunitário e de cidadania participativa, articulando a economia, o emprego, a qualificação como dimensões integrantes da vida individual e colectiva, que são duas perspectivas da Aprendizagem ao Longo da Vida” (Silva, 2008)³².

Neste sentido, a par da sua actividade, enquanto Centro Novas Oportunidades, este tem vindo a ter algumas preocupações com as populações mais carenciadas, especialmente no Natal e, por conseguinte, sempre que possível, procura organizar determinado tipo de actividade de carácter social, nomeadamente, animação de lares/centros de dia, bem como recolha de alimentos para distribuição a famílias carenciadas pertencentes a uma freguesia onde o CNO tenha parceria. Tem também implementado o projecto “Novas Oportunidades a Ler+” do Plano Nacional de Leitura (PNL) e da ANQ, cujo objectivo prende-se com o “apoiar o desenvolvimento do gosto pela leitura junto do público adulto dos CNO, e através destes, junto dos seus círculos de familiares e de amigos”³³, sendo que no âmbito deste, proporcionou visitas a bibliotecas e feiras do livro, tendo também à disposição dos adultos um conjunto de recursos bibliográficos que podem ser requisitados pelos mesmos.

A Oportunidade de Intervenção

Desde o dia em que me dirigi ao CNO da TecMinho à procura de uma oportunidade de estágio, no âmbito deste mestrado, foi-me apresentada a ideia de implementação de um projecto onde se pudesse ir muito mais além daquilo que o centro fazia (a certificação de competências adquiridas ao longo da vida).

Na altura, numa das entrevistas com o coordenador do centro, falámos sobre as dificuldades subjacentes aos processos de qualificação ligadas à incapacidade de reflexão, interpretação, escrita, articulação de ideias, bem como à não aprendizagem (no sentido literal da palavra) e não mudança de comportamentos e atitudes aquando da passagem por um processo

³² Introdução Editorial. *Newsletter mensal do CNO da TecMinho*, nº1. [Em Linha]. Consultado a 12 de Novembro de 2010, disponível em: www.tecminho.uminho.pt/newsletter/cno/news_01.html

³³ Brochura “Novas Oportunidades a Ler+. Ler+ Compensa” – Plano Nacional de Leitura, 2009.

de RVCC. Como propostas de intervenção e acção, a leitura surgia como um possível caminho de delineação de um projecto precocemente designado de “educação de adultos”, uma vez que o fim último subjacente àquilo que se pretendia era mesmo a educação dos adultos.

Neste sentido, ficou claro que o principal objectivo passava por não só perceber e compreender toda a lógica e dinâmica de funcionamento deste CNO, mas também contribuir para a criação de um projecto-piloto de educação de adultos e, neste sentido, aferir a sua adequação para o “desenvolvimento” dos adultos em processo que nele participassem, e ainda adquirir, ao longo da intervenção, competências no âmbito desta área profissional.

Não obstante, como qualquer intervenção/investigação ou projecto tem de ter objectivos explícitos, pois são eles que orientam toda a acção e nesse sentido é fundamental que estes sejam claramente definidos e “suficientemente operacionais” (Guerra, 2002: 163). Por conseguinte, os objectivos gerais devem descrever as grandes orientações para as acções a realizar, descrevendo assim as linhas orientadoras de trabalho a seguir. Por seu turno, os objectivos específicos devem exprimir os resultados que se espera atingir e “detalham os objectivos gerais, funcionando como a sua operacionalização” (Id., Ibid.).

Delineação dos Objectivos da Intervenção

Objectivo nº 1

Identificar e reflectir sobre as práticas e os objectivos estratégicos de educação de adultos do Centro de Novas Oportunidades da TecMinho.

- i. Identificar as modalidades de educação e formação e os objectivos estratégicos.
- ii. Estudar a adequação das modalidades de educação e formação às especificidades dos adultos.

Objectivo nº 2

Contribuir para a construção de um dispositivo de educação/formação de natureza não formal e informal, que possa vir a constituir um modelo para outros CNO.

- i. Elaborar e implementar um plano de actividades de educação/formação
- ii. Analisar a pertinência de um dispositivo de educação/formação de natureza não formal e informal.

Objectivo nº 3

Adquirir competências e aprendizagens significativas no campo da educação e formação de adultos no âmbito dos CNO.

Neste sentido, a participação e acompanhamento das sessões de diagnóstico e encaminhamento dos adultos, das sessões de júri, das sessões de RVCC, a participação nas reuniões da equipa técnica, a organização de actividades de educação e formação de adultos, a observação, a análise de documentos e a realização de entrevistas semi-estruturadas, abertas e/ou informais, seriam todas actividades que teria de realizar, no âmbito desta intervenção.

Os primeiros passos

Desde o primeiro dia de estágio realizaram-se inúmeras reuniões com o coordenador e um outro membro da equipa do centro, das quais fiz parte, onde foram discutidas as várias possibilidades e linhas de acção, nomeadamente: o tipo de abordagem que se deveria fazer; que tipos de actividades englobar; se deveríamos apostar de uma forma mais intensiva nas questões ligadas à leitura e escrita, ou se deveríamos seguir uma lógica mais diversificada de tipos de actividades; como tudo se organizaria no tempo e no espaço; que convidados; que possibilidades de parcerias, etc. Destas, decidimos que provavelmente a construção de um projecto que pudesse englobar um conjunto de diferentes tipos de actividades seria a melhor opção, uma vez que desta forma poderíamos oferecer a todos os adultos inscritos no centro a possibilidade de participarem em várias actividades, podendo desenvolver ou adquirir diferentes conhecimentos e competências que lhes fossem úteis para o dia-a-dia.

Uma vez definida que linha iríamos seguir, fiquei responsável pela elaboração de uma base teórica que pudesse sustentar/orientar o projecto, bem como pela estruturação do mesmo, tendo sido, posteriormente, apresentada e discutida em duas reuniões com toda a equipa

técnico-pedagógica. Dessas reuniões surgiram várias sugestões que rapidamente enriqueceram aquilo que havíamos previsto. Também, nessas reuniões foram decididos os temas que iríamos abordar, em cada mês, embora esta fosse uma questão flexível, pois poderíamos sempre fazer alterações aos temas, mediante a identificação/medição do interesse por parte dos próprios adultos, para além deste ser um dos critérios assentes: darmos oportunidade aos adultos sugerirem actividades e temas que gostassem de trabalhar neste contexto; como seria realizada a apresentação do projecto; que tema e actividades realizaríamos no mês de Janeiro, entre outras questões.

Após alguma reflexão e discussão sobre o título desde projecto e tendo por base todo um conjunto de princípios ligados aos diferentes saberes, nomeadamente o *saber-ser*, *saber-estar*, *saber-saber* e o *saber-fazer*, recordando Edgar Faure optámos pelo célebre “Aprender a Ser”.

O projecto de Educação de Adultos

Tendo por base os contributos de Paulo Freire e de Alberto Melo sobre a educação de adultos, este projecto-piloto intitulado “Aprender a Ser” procurou, de uma forma articulada com todo o trabalho que é desenvolvido num Centro Novas Oportunidades, promover um desenvolvimento pessoal, social, relacional, intelectual, cultural e até empreendedor que pudesse ser desenvolvido numa lógica menos formal. Ou seja, não era pretendido que o indivíduo apenas demonstrasse/adquirisse competências para a obtenção de um certificado/diploma, mas que, acima de tudo, ganhasse gosto pelo conhecimento, que procurasse processos de aprendizagem, que se auto-formasse (através da leitura, da pesquisa independente/autónoma), que viesse a participar activamente na sua comunidade. No fundo que assumisse intencionalmente a preocupação de “melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada com o emprego” (CCE, 2001: 10).

Planeado e desenhado de Outubro a Dezembro de 2009, por um grupo de três pessoas³⁴ e apresentado no dia 14 de Janeiro de 2010 a toda a comunidade bracarense, este projecto destinava-se a todos aqueles que se encontravam inscritos no CNO da TecMinho, em especial para aqueles que se encontravam em processo de RVCC de nível básico e secundário. Não obstante, a participação das pessoas era totalmente gratuita e voluntária, ficando ao exclusivo critério de cada uma a respectiva decisão.

Este projecto-piloto de educação de adultos procurou, através da sua estratégia de operacionalização assente num conjunto de diferentes tipos de actividades (sessões de informação/workshops, oficinas – língua portuguesa/números/inglês/TIC/arte – clube de leitura e cinema, iniciativas sociais, concursos e actividades de cultura e lazer) associados, a temas identificados no Referencial de Competências-Chave de nível básico³⁵ (saúde, ambiente e ecologia, consumo, paz e democracia, multiculturalismo, igualdade de oportunidades, defesa e preservação do património, actividades económicas, educação rodoviária, estética e arte, lazer e tempo livre). O quadro seguinte (Quadro nº3) apresenta de forma sintetizada os diferentes tipos de actividades e respectivos objectivos subjacentes.

³⁴ Grupo constituído por mim (estagiária), o coordenador do CNO e uma das técnicas de diagnóstico e encaminhamento.

³⁵ A opção pelos temas do Referencial de Competências-Chave do nível básico, teve como critério o facto de este projecto abranger não só aqueles que estão em processos de nível secundário, mas também do básico.

TIPO DE ACTIVIDADE	BREVE DESCRIÇÃO	OBJECTIVOS GERAIS
Sessões informativas / workshops	Com uma duração aproximada de 2 horas, contam com a presença de um especialista sobre o tema, que partilhará com os participantes informações relevantes e responderá a perguntas / dúvidas da plateia	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os principais aspectos / aspectos críticos sobre o tema em causa. • Debater e esclarecer de dúvidas sobre o tema em causa. • Assumir uma perspectiva de igualdade e responsabilidade perante o tema em discussão. • Intencionalizar a adopção / alteração de práticas quotidianas relacionadas com o tema em causa
Oficinas	<p>Constituem-se como sessões de aprendizagem, com participação voluntária dos adultos, nas quais podem, com o apoio / facilitação de um tutor / formador, desenvolver competências nas áreas em causa. Serão implementados os seguintes tipos de oficinas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Língua Portuguesa - Língua Estrangeira - TIC - Números 	<p><u>Língua portuguesa</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância do domínio da língua portuguesa em situações quotidianas, das mais simples às mais complexas. • Construir documentos com objectivos específicos, obedecendo à estrutura da língua portuguesa. • Interpretar informação de discursos, textos e símbolos no seu quotidiano e de acordo com as suas necessidades. • Expressar-se oralmente com objectividade em situações de menor e maior complexidade do seu quotidiano (ex: numa entrevista de emprego) <p><u>Língua estrangeira (inglês)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância do domínio da língua inglesa, em situações do quotidiano • Comunicar, por escrito, em língua inglesa, compreendendo e produzindo mensagens escritas, atendendo à sua função, em contextos pessoais, sociais e/ou profissionais • Comunicar oralmente em língua inglesa, em situações de pouca complexidade, compreendendo e emitindo mensagens de/com outros interlocutores <p><u>TIC</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância e utilidade das tecnologias de informação e comunicação nos diferentes contextos de vida • Utilizar, criticamente, as tecnologias de informação e comunicação para pesquisa (internet), tratamento (Excel), análise (Word e Excel) e partilha (Power Point, Internet) de informação diversa, em situações pessoais, sociais e profissionais, utilizando as ferramentas mais adequadas a cada situação • Utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação para comunicar com pessoas (Messenger, Skype, ...) e com instituições (HomeBanking, Repartição de Finanças Electrónica, Segurança Social online, ...) • Utilizar as TIC para a participação em processos de aprendizagem formal/ não-formal (cursos de formação a distância) e informal (blogs, fóruns, ...) <p><u>Números</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância e a presença da matemática no quotidiano • Utilizar raciocínio matemático para a análise / resolução de problemas do dia-a-dia • Comunicar em linguagem matemática simples para compreender e fazer compreender situações / problemas para as quais a matemática possa oferecer respostas

TIPO DE ACTIVIDADE	BREVE DESCRIÇÃO	OBJECTIVOS GERAIS
		<u>Artes</u> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância das diferentes formas de arte (pintura, cinema, teatro, artes tradicionais, fotografia, ...) • Posicionar-se face às diferentes formas de arte • Adoptar uma atitude de maior participação em situações relacionadas com a arte • Desenvolver a criatividade
Actividades culturais e de lazer	Actividades de natureza diversa (exposições, visitas a museus, participação em peças de teatro, actividades físicas diversas, ...) organizadas em função dos temas de vida	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância da cultura no desenvolvimento pessoal e social, bem como no desenvolvimento de um país; • Conhecer as diferentes manifestações culturais e a forma de nelas participar • Adoptar / reforçar uma atitude participativa relativamente a fenómenos de natureza cultural • Ter um entendimento amplo de Cultura, reconhecendo neste conceito, desde áreas designadas clássicas e eruditas até novas linguagens e expressões integradoras de formas da cultura popular • Adoptar / reforçar práticas quotidianas de lazer que se concretizem, simultaneamente, em momentos de aprendizagem e de contacto com a cultura (ex: património natural) e de bem-estar físico e emocional
Iniciativas Sociais	Actividades de natureza diversa, que promovam o reforço de valores fundamentais, conjugados com uma intervenção social activa	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os problemas sociais que mais afectam os contextos em que está inserido • Assumir uma posição activa perante situações de exclusão social • Respeitar a diversidade cultural
Clube de Leitura e Cinema	Actividades estruturadas que permitam o contacto dos adultos com a leitura, servindo o cinema como forma de motivar / mobilizar para a leitura. Ainda que se trate de uma tipologia de actividades associadas e estruturadas numa lógica de clube, poder-se-á, numa fase inicial, desenvolver actividades não estruturadas desta forma, até porque não é muito fácil conseguir fazê-lo neste formato. Este tipo de actividades deverá estar articulado com o programa “Novas Oportunidades a Ler+” da responsabilidade do Plano Nacional de Leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância da leitura para a sua vida • Seleccionar leituras em função dos seus interesses pessoais e das diferentes fontes (livros em papel, internet, ...) • Discutir / partilhar conhecimentos adquiridos a partir da leitura • Desenvolver o gosto pela leitura
Concursos	Desafios lançados aos adultos em diferentes áreas (fotografia, poesia, pintura, prosa, artes diversas, ...) que permitem a explicitação / desenvolvimento integrado de competências em diversos domínios	<ul style="list-style-type: none"> • Exercitar a criatividade e a capacidade analítica • Divulgar / explicitar competências em determinados domínios • Exercitar competências de pesquisa • Contribuir para a melhoria do conhecimento dos outros

Quadro nº3 – Quadro Síntese das actividades do Projecto Aprender a Ser e respectivos objectivos.

Fonte: Elaborado pela equipa do projecto

Em cada mês foi seleccionado um determinado tema, o qual serviu de enquadramento para a organização de diferentes actividades, indo de encontro aos objectivos a que se propôs alcançar, nomeadamente:

- ✓ “Sensibilizar os adultos para a importância de uma atitude activa de aposta na educação/aprendizagem ao longo da vida;
- ✓ Potenciar o desenvolvimento de um espírito/pensamento crítico e reflexivo;
- ✓ Consciencializar os adultos sobre diferentes problemas das sociedades contemporâneas e formas de os ultrapassar;
- ✓ Promover o desenvolvimento de competências críticas para o exercício pleno da cidadania;
- ✓ Contribuir para a melhoria da empregabilidade dos adultos, numa perspectiva alargada, estimulando o seu desenvolvimento / exploração vocacional numa lógica de gestão pessoal da carreira;
- ✓ Criar condições para que os adultos aprendam a aprender, de forma a definirem percursos de aprendizagem e possam aprender de forma autónoma;
- ✓ Promover a complementaridade / continuidade do processo de qualificação em que os adultos se envolveram com a sua inscrição no CNO da TecMinho no sentido da adopção de uma estratégia / postura de educação / aprendizagem ao longo da vida.”³⁶

Também na organização dos temas por cada mês foram tidos em conta os dias festivos e comemorativos (nacionais e internacionais), a fim de haver uma melhor compreensão por parte das pessoas. Veja-se a organização dos temas por cada mês, desde Janeiro até Junho, no quadro seguinte:

Mês	Tema de vida
Janeiro	Estilos de Vida Saudável
Fevereiro	Consumo e Gestão Familiar
Março	Ambiente e Energia
Abril	Democracia (direitos, liberdades e garantias)
Maio	Gestão da carreira profissional
Junho	Educação parental / familiar

Quadro nº 4 – Organização das actividades por meses
Fonte: Elaborado pela equipa do projecto

³⁶ In Projecto Aprender a Ser – Estrutura Global.


Planeamento e Organização das actividades

Como já foi referido, este projecto abarcou um conjunto variado de tipos actividades - sessões informativas/ *workshops*, passando por oficinas, por um clube de leitura e cinema, por actividades culturais e de lazer, por concursos e por iniciativas de âmbito social – a serem organizadas e trabalhadas de forma integrada.

- a) **Sessões de Informação/ *workshops*** – com uma duração aproximada de duas horas, têm como objectivos dar a conhecer os principais aspectos/aspectos críticos sobre um determinado tema, debatê-lo e esclarecer dúvidas, bem como intencionalizar a adopção/alteração de práticas quotidianas. Estas sessões contaram com a presença de um especialista sobre o tema definido para um respectivo mês.
- b) **Oficinas** – constituindo-se como sessões de aprendizagem, contaram com o apoio de um tutor ou formador a fim de possibilitar o desenvolvimento de competências e de conhecimentos práticos, que permitissem posteriormente, às pessoas, ser melhor sucedidas em alguns contextos práticos do seu dia-a-dia. Estas oficinas tinham a duração aproximada de duas horas e estão divididas em quatro áreas diferentes (língua portuguesa, números, tecnologias de informação e inglês), cada uma com objectivos gerais.
- c) **Clube de leitura e cinema** – pretendia-se, de uma forma organizada, possibilitar a aproximação dos adultos com os livros, suas leituras, interpretações e melhoria da articulação do pensamento crítico e respectiva escrita, servindo-se do cinema como forma de motivação e mobilização para a leitura.
- d) **Actividades culturais e de lazer** – enquadravam-se numa tipologia de actividade de natureza diversa, na medida em que não se direcciona apenas para um tipo de actividade, mas sim para uma variedade destas, desde a organização de exposições, visitas a museus e peças de teatro, actividade física (como sessões de yoga, caminhadas), etc.
- e) **Iniciativas Sociais** – com o intuito de apelar a um sentido de responsabilidade social e de promover o reforço de valores fundamentais, conjugados com uma intervenção social activa, estas eram organizadas, por uma equipa e/ou pessoa responsável para o efeito, mediante articulação com os temas de vida e/ou datas comemorativas.

f) Concursos – constituíam-se como uma tipologia de actividade que pretendia despoletar o interesse pela pesquisa e apelar à sua criatividade. São lançados desafios em diferentes áreas (fotografia, poesia, pintura, prosa, ates diversas, etc.) que permitissem, também a explicitação/desenvolvimento integrado de competências em diversos domínios.

Definido desde o início quais os temas a serem trabalhados em cada mês, de Janeiro a Junho de 2010, ao longo de todos os meses foram discutidos quais os critérios de selecção de um conjunto de actividades a serem levados à prática no mês seguinte. Para o efeito foi criado, na pasta partilhada do centro (para que todos, de uma forma simples, tivessem acesso), um documento em *Word* com uma tabela dividida em sete colunas onde eram inseridas as seguintes informações: tipo de actividade a ser realizada; subtema da actividade; observações; convidados/formadores; data para realização; espaço a ser utilizado e horário. Cada membro da equipa técnico-pedagógica foi convidado a colaborar nesta discussão, colocando as suas sugestões, sendo estas posteriormente discutidas nas reuniões semanais, a fim de ser definido qual o real programa definitivo, até quinze dias antes do respectivo mês. Um dos quadros pode ser consultado na página seguinte (Cfr. Quadro nº5).

 Actividades do mês de Março: “Ambiente e Energia”						
TIPO DE ACTIVIDADE	ACTIVIDADE/subtema	OBSERVAÇÕES	Convidados/Formadores	Data	Espaço	Horário
Sessões de informação / Workshops	“Gestos Simples de Poupança Energética”		DECO	10 de Março	Anfiteatro	19:00 – 21:00
	“Curiosidades que ajudam o Ambiente”		Professor do ISEP ou Professor Precioso da UMinho	Semana de 15 a 19 ou de 22 a 26	Anfiteatro	19:00 – 21:00
Oficina de TIC		Consulta de sites que promovem o desenvolvimento sustentável, etc. Apresentação do site do Projecto Limpar Portugal. Introduzir as compras e facturas online e pôr as pessoas a reflectir sobre os benefícios e/ou custos desta prática para o ambiente		17 ou 24 de Março	Sala de Informática	19:30 – 21:30
Oficina de Inglês			Raquel	25 de Março	Sala de Informática	19:30 – 21:30
Oficina dos Números	Poupança energética em casa	Nesta oficina pode ser abordado as percentagens, interpretação de gráficos, orçamentos ligados à poupança energética, energias verdes, etc.	Engenheiro João Figueira (convidado)	15 de Março	Sala de Informática	19:30 – 21:30
Iniciativa Social	Limpar Portugal	Esta será uma acção voluntária no âmbito do projecto Limpar Portugal, para a qual teremos de indicar a zona onde pretendemos limpar. As pessoas poderão ser organizadas em pequenos grupos a funcionar por turnos de 2 a 3 horas no máximo.		20 de Março		
Actividades culturais e de lazer	Percurso Pedestre ao Bom Jesus			13 ou 27 de Março		10:00 - 12:00

Quadro nº 5 – Exemplo de uma das tabelas de organização das actividades do projecto Aprender a Ser

Fonte: Elaborado pela própria

Após a decisão dos programas, eram iniciados os contactos – convite aos especialistas de determinada área, considerados mais adequados, para serem os responsáveis pela dinamização de determinada sessão de informação/*workshop*. Aquando desse contacto, era referida toda a lógica do projecto e quais os tópicos que seriam pertinentes serem abordados, bem como o facto do público a que se dirige possuir baixas qualificações, o que implicava a utilização de uma comunicação simples, prática e clara, por parte do orador.

A par das sessões de informação/workshops, era igualmente definido quem orientava as oficinas, quando estas se realizavam. De uma forma geral, estas foram asseguradas por um ou dois elementos da equipa técnico-pedagógica do centro, embora também tenha contado com a colaboração de convidados.

Numa segunda fase, era elaborado o cartaz publicitário do programa de actividades para o respectivo mês. Não ficando ao critério exclusivo da pessoa responsável pela sua elaboração, antes de ser publicado, este era também colocado na área partilhada, a fim de ser aprovado por todos os elementos da equipa.

A publicidade dos programas de actividades

Estando, em termos organizativos, tudo decidido procedia-se à publicidade do programa de actividades. Em primeiro lugar era afixado à entrada do CNO, para que todos aqueles que lá passassem pudessem ver, um cartaz, tamanho A3, onde constavam as actividades com a data, horário e local, a identificação dos convidados para as sessões de informação/ *workshops*, bem como os contactos para a realização da inscrição e/ou pedido de informações. Depois eram impressos entre cinquenta exemplares desse mesmo cartaz, em tamanho A5, alguns para serem colocados no balcão da secretaria, bem como para as formadoras e profissionais de RVC levarem para as suas sessões, e distribuírem pelos seus adultos. Em terceiro lugar, era enviado um e-mail-convite a cerca de quinhentos adultos³⁷ onde, para além de um pequeno texto introdutório, seguia em anexo um exemplar do cartaz e uma ficha de inscrição³⁸. Para além disto, era enviada uma mensagem-convite, para o telemóvel de todos os adultos que já tinham sido encaminhados para processo de RVCC (cerca de setecentas pessoas), após a fase de ADE. Em quarto lugar, era construída uma notícia sobre o programa de cada mês, e enviada, juntamente com um exemplar do cartaz, para a pessoa responsável pela comunicação da TecMinho a fim de se fazer a divulgação no site do CNO da TecMinho. E ainda, para além de tudo isto, era feita publicidade através do blogue³⁹ do próprio projecto “Aprender a Ser”, construído, não só para o efeito, mas também para que todos os interessados pudessem seguir aquilo realizado ao longo dos meses.

³⁷ É enviado o e-mail a todos aqueles que possuem um contacto electrónico. Daí, serem cerca de quinhentos, numa totalidade de mil de seiscentas pessoas inscritas.

³⁸ Pode ver em anexo o exemplar de um cartaz (anexo n°3) e de uma ficha de inscrição (anexo n°4).

³⁹ *Blog* do projecto “Aprender a Ser”, disponível em <http://aprenderasertecminho.blogspot.com>.

→ Participação e Receptividade dos Adultos

Em meados de Dezembro tínhamos todo o projecto estruturado e rapidamente começamos a pensar na sua divulgação junto dos adultos. A publicidade e o cativar os adultos para a participação neste projecto, pensado exclusivamente para eles, era uma meta que tinha de ser mais do que superada. Neste sentido, a criação de um cartaz de identificação do projecto, bem como de uma brochura de explicação do mesmo⁴⁰, bem como a organização da apresentação pública⁴¹ do projecto foram os trabalhos realizados de seguida. Naturalmente que a simples elaboração de um cartaz e de uma brochura não seria suficiente, seguindo-se a realização de contactos dos adultos. Para tal, foram enviadas cerca de 600 mensagens para os telemóveis, enviados *e-mails* a todas as pessoas que estavam inscritas no centro e que possuíam conta de *e-mail*, sendo ainda feita uma publicação no próprio site do CNO da TecMinho.

Chegado ao dia da apresentação, foi realizada uma reunião de manhã com todos os elementos da equipa, cujo objectivo passou por lembrar qual a finalidade, objectivos e enquadramento deste projecto, bem como a ordem de apresentação do mesmo, sendo essa dividida por cada membro da equipa. Com horário de início previsto para as 19horas, por volta das 18h30 começaram a chegar as pessoas, sendo que desde as 17 horas estivemos a preparar o anfiteatro do edifício dos Congregados para o evento. Também para este dia, preparámos uma capa, a ser entregue a todos os presentes, a qual continha a brochura do projecto, o plano de actividades para o mês de Janeiro, uma ficha de inscrição e ainda algumas folhas em branco para quem quisesse fazer algum apontamento.

Quando as pessoas começaram a entrar, rapidamente nos apercebemos que as nossas expectativas tinham sido superadas e que tínhamos a lotação do anfiteatro praticamente cheia. Dando as boas vinda e fazendo todo o enquadramento do projecto, o coordenador do centro iniciou o seu discurso, dando a boas vindas a todos os presentes, e fazendo um pequeno enquadramento do projecto, bem como das suas lógicas de acção e objectivos subjacentes, utilizando um discurso simples para que as pessoas pudessem compreender. Seguiram-se a apresentação dos diferentes tipos de actividades por cada elemento da equipa.

⁴⁰ O exemplar da brochura do projecto “Aprender a Ser” pode ser vista no anexo n°5.

⁴¹ Apresentação realizada no dia 14 de Janeiro, cuja publicação saiu no Diário do Minho no dia 15 de Janeiro.

Uma vez que eu era o “elemento estranho” na equipa, antes da minha intervenção fui apresentada como a coordenadora do projecto, ou seja a pessoa com quem os participantes teriam de contactar sempre que tivessem alguma dúvida sobre o projecto, ou até mesmo para fazerem a sua inscrição⁴². Na minha intervenção apresentei o programa previsto para o mês de Janeiro, numa tentativa simultânea de os fazer perceber qual a importância dessas actividades, tanto para os seus processos de qualificação, como para o seu desenvolvimento pessoal, social e até mesmo profissional. Antes do final foi reforçada a ideia de que este era um projecto totalmente gratuito e voluntário, pensado especialmente para eles (os adultos), seguindo-se um espaço para as pessoas colocarem as suas questões.

Ao longo de toda a sessão pude observar que todas as pessoas estiveram atentas e demonstrando algum interesse. As dúvidas colocadas estiveram ligadas à questão da passagem de um certificação ou declaração de participação nas actividades, bem como aos horários, datas e local⁴³ de realização das actividades. No final da sessão, muitas pessoas entregaram logo as suas fichas de inscrição nas actividades que iriam decorrer no respectivo mês.

Mês de Janeiro

Este foi o mês dedicado à saúde e teve como título de cartaz “Estilos de Vida Saudável”. Neste o objectivo foi trabalhar uma série de questões ligadas à saúde e à adopção de um estilo de vida saudável, não só através de sessões de esclarecimento, onde as pessoas pudessem ver esclarecidas as suas dúvidas, mas também através da utilização das tecnologias de informação e comunicação e da matemática (uma vez que esta última é muitas vezes vista como um problema), num horário que pudesse ser favorável a um maior número de pessoas, neste caso pós-laboral (19h – 21h ou 19h – 21h30). Por conseguinte, as actividades propostas e realizadas foram as seguintes: duas sessões de informação dirigidas por duas professoras da Escola de Enfermagem da Universidade do Minho – uma sobre “alimentação e exercício físico” e outra sobre “tabaco e suas consequências”; duas oficinas orientadas por duas formadoras de Matemática para a Vida (MV), Sociedade Tecnologia e Ciência (STC) e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), uma dedicada estritamente às TIC (“As TIC ao serviço da saúde e estilos de vida saudável”) e outra dedicada à matemática (“Como a matemática pode

⁴² Este é um aspecto engraçado de referir, porque posteriormente as pessoas começaram a me identificar como “a menina dos e-mails”, isto porque todos os meses envia um e-mail com o programa das actividades previstas para cada mês.

⁴³ O local de realização das actividades foi uma questão pertinente, na medida em que as pessoas queriam saber se as actividades iriam ser realizadas nas freguesias onde o centro tem parcerias e também em Guimarães, pois o facto de serem realizadas apenas no CNO condiciona a participação de algumas pessoas devido à distância das suas zonas de residência.

ser útil para a saúde”); uma sessão de YOGA, fruto da parceria estabelecida com a Universidade do YOGA, intitulada “Mente Sã, Corpo Sã”; e ainda uma iniciativa social em colaboração com o Instituto Português do Sangue, com a designação “Oportunidades a dar sangue”.

De facto ao longo deste mês, o número de inscrições não parou de crescer, sendo que a participação nas actividades foi igualmente considerável, embora por vezes o nº de participantes tenha sido inferior ao número de inscrições nas mesmas - o que pôde ser constatado a partir das folhas de presença, elaboradas para cada actividade (ver Quadro nº7).

Mês de Fevereiro

Neste mês, dedicado às questões financeiras, o título escolhido foi “Consumo e Gestão Pessoal/Familiar). Em termos de organização de actividades, mantivemos os mesmos moldes do mês de Janeiro inclusive o horário de funcionamento (19h – 21h ou 19h – 21h30).

Os objectivos para este mês rondaram algumas questões ligadas ao IRS (preenchimento *online*), poupança económica, direitos e deveres do consumidor (que muitas vezes são ignorados), gestão do orçamento, entre outras. Assim realizaram-se: duas sessões de informação – uma especificamente ligada à gestão financeira (“Finanças em Tempo de Crise”) dinamizada por uma professora da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, e outra ao consumo (“Ser Consumidor: que direitos e que deveres?”), orientada por um profissional especializado do CIAB – Braga (Centro de Informação, Mediação e Arbitragem de Consumo); três oficinas, duas delas orientadas, novamente, pelas duas formadoras de MV, STC e TIC, uma dedicada estritamente às TIC (“As TIC ao serviço da gestão do orçamento pessoal/familiar”) e outra dedicada à matemática (“Como a matemática pode ser útil para a gestão pessoal/familiar?”) e uma de Língua Portuguesa (“Como a língua portuguesa o pode ajudar a fazer valer os seus direitos enquanto consumidor”) dinamizada pelas duas formadoras de CLC e CL. Para além disto, foi lançado um concurso de “Imagens de Carnaval”.

No que respeita ao número de inscrições, pôde-se notar uma pequena descida relativamente ao mês anterior, apesar de toda a publicidade que se tenha feito, como já foi mencionado anteriormente. É de referir que algumas das pessoas que se inscreveram e participaram no primeiro mês, voltaram a inscrever-se e a participar, havendo também pessoas

novas. Ainda neste mês verificou-se que o número de participantes foi inferior ao número de inscrições, tendo sido o concurso aquela actividade que menos adesão teve.

Mês de Março

Este foi o mês do “Ambiente e da Energia” e os objectivos para o mesmo estiveram muito direccionados para a sensibilização do uso eficiente das energias e de tudo o que nos rodeia, para a preservação do ambiente e ainda para a desmistificação de conceitos estritamente relacionados com o ambiente, tais como sustentabilidade, aquecimento global, ambiente/economia sustentável, etc. Também neste mês o horário das actividades foi pós-laboral (19h – 21h ou 19h – 21h30 e sábado de manhã).

Em termos de actividades, mais uma vez, mantivemos o mesmo número: duas sessões de informação, uma dinamizada pela DECO intitulada “Gestos simples de poupança de energia” e outra, dirigida por um professor de ambiente e sustentabilidade do Instituto Superior de Engenharia do Porto, intitulada “Ambiente, Energia e Qualidade de Vida: que relação?”; duas oficinas, uma de matemática (“Ambiente e Energia em Números”) dinamizada por um engenheiro electrotécnico convidado para o efeito e outra de inglês (“*Reloading Energies in an Holiday Environment*”) orientada por uma das técnicas de diagnóstico e encaminhamento; uma sessão de cinema, com a passagem do filme “O dia depois de amanhã” seguido de debate, mediado pela formadora de LC; uma caminhada ao Bom Jesus; e ainda uma iniciativa social em estrita colaboração com o projecto nacional “Limpar Portugal”, que teve lugar no dia 20 de Março de 2010.

No que respeita às inscrições e à adesão das pessoas, mais uma vez foi sentido que ambos os números foram decrescendo. Começámos a perceber que as pessoas que se inscreviam nas actividades eram praticamente as mesmas que haviam participado nas actividades do mês anterior, havendo, esporadicamente e como que em jeito de curiosidade, uma ou outra pessoa nova. De todas, a caminhada ao Bom Jesus e a iniciativa Limpar Portugal foram as actividades que menos adesões tiveram, não apenas em termos de inscrições, mas também de participantes.

Mês de Abril

Visto o número de participantes ter vindo a decrescer drasticamente, no mês de Abril dedicado às questões da “Democracia (direitos, liberdades e garantias)”, foi decidido por toda a equipa que deveria haver uma redução no número de actividades. Assim, organizaram-se apenas três actividades, sempre num horário pós-laboral (19h – 21h ou 19h – 21h30 e sábado): uma actividade de cultura e lazer designada, “Um momento de exercício, um instante de liberdade”, a qual seria levada a cabo pelo *VivaFit* – Bragaparque, mas que acabou por ser cancelada, devido especificamente ao baixo número de inscrições, o que acabou por ser um pouco antagónico, uma vez que esta foi uma das actividades que as pessoas mais pediram para ser realizada; e duas oficinas, uma sobre a cidadania, intitulada “Ser+ Cidadão”, dinamizada novamente por uma das técnicas de diagnóstico e encaminhamento e outra de língua portuguesa, a qual pretendeu fazer com que as pessoas percebessem até que ponto a língua portuguesa pode ser um mecanismo de liberdade.

Ao contrário do que aconteceu nos meses anteriores e apesar do número de inscrições para as actividades ter sido muitíssimo baixo, o número de participantes foi de facto superior às inscrições, embora tenha contado com a presença daqueles que participaram sempre desde o primeiro mês.

Mês de Maio

À semelhança do mês de Abril, também em Maio não quisemos correr o risco de organizar uma série de actividades para depois não termos participantes. Com o tema “Gestão da carreira profissional” e o objectivo de trabalhar algumas questões ligadas nomeadamente à procura de emprego, construção de currículo *online*, criação da própria empresa, entre outras, foram organizadas, as seguintes actividades: uma sessão de informação sobre empreendedorismo, cuja orientação foi levada a cabo por uma das pessoas responsáveis pelo departamento de empreendedorismo da TecMinho, designada “Como criar a minha própria empresa”, num horário pós-laboral (19h – 21h); e uma oficina de TIC e língua portuguesa, onde de forma articulada se procurou aprofundar os meios necessários para as pessoas serem activas na procura de emprego, num horário laboral (17h-18h30).

Ao contrário do mês de Abril, para além do número de inscrições ter diminuído drasticamente, o número de participantes também seguiu a mesma lógica. Mais uma vez, as

mesmas pessoas que sempre participaram foram aquelas que estiveram presentes nestas, sendo a oficina aquela que contou com um menos número de pessoas (apenas 3).

Mês de Junho

Embora numa fase inicial do projecto tenhamos pensado em abordar o tema da educação parental neste mês, com o baixo índice de participação ao longo dos anteriores meses, após sucessivas reuniões considerou-se que poderíamos aproveitar a altura para promovermos a cultura junto dos respectivos adultos, organizando-se assim um “mês cultural” com alguns eventos, nomeadamente exposições (de trabalhos dos próprios adultos – quadros, pinturas, fotografia, croché, bordados, tapetes, acessórios, etc.), teatro, *workshops* de artes plásticas (dinamizados pelos próprios adultos) e apresentação pública de um livro (no caso, de uma das formadoras). Efectivamente, deste conjunto de actividades apenas duas foram realizadas – a exposição nos claustros do edifício dos congregados da Universidade do Minho (a qual pôde ser visitada por todas as pessoas que passassem no edifício) e a apresentação pública do livro, no museu Nogueira da Silva, também aberta ao público. Para a participação nestas actividades não foi realizada nenhuma ficha de inscrição, presença e ou questionário, pois não fazia qualquer sentido.

→ Identificação e caracterização dos Adultos que participaram activa e regulamente nas actividades do projecto Aprender a Ser

Ao longo da vigência do projecto existiu um conjunto de aproximadamente dez pessoas que tiveram uma presença assídua nas actividades, ao longo dos meses. Como um dos objectivos deste projecto passava por perceber os contributos das aprendizagens, não apenas para processo de qualificação, mas também para vida pessoal das pessoas, optámos por entrevistar dez pessoas, uma vez terem participado e acompanhado o projecto do início ao fim.

Tendo por base o suporte de dados resultante dos processos de diagnóstico e encaminhamento e fazendo o cruzamento da informação com as informações obtidas nas entrevistas realizadas, o conjunto de adultos entrevistados tem uma relação equitativa entre ambos os sexos (5 mulheres e 5 homens), idades compreendidas entre os 26 e os 63 anos, são residentes no concelho de Braga, à excepção de um (residente em Vila Verde), a situação profissional é variada (duas pessoas estão desempregadas, duas estão reformadas, uma

trabalha por conta própria e as restantes cinco são trabalhadores por conta de outrem, na área industrial) e a passagem por um processo de RVCC teve por base a melhoria das qualificações como forma de precaução para eventualidades futuras e/ou como uma possibilidade de realização pessoal outrora interrompida. Os únicos pontos em comum entre estes participantes são apenas duas: a primeira prende-se com a saída precoce da escola e as razões inerentes a essa situação; a segunda, com o facto de todos eles terem se inscrito no CNO, com vista ao aumento das qualificações.

É ainda de referir que das dez pessoas que participaram mensalmente nas actividades, apenas três pessoas estavam em processo de RVCC, sendo que das restantes sete, três já haviam concluído os seus processos, e as restantes quatro ainda aguardavam o seu início, tendo terminado a fase de ADE. Para além disto, à excepção de dois adultos, todos eles frequentavam e/ou frequentaram o nível básico do referido processo.

O quadro seguinte (Quadro nº6) apresenta de forma sistematizada as razões que levaram as pessoas a saírem da escola e os motivos pelos quais se inscreveram no CNO

Adulto	Data da entrevista	Sexo / Idade Habilitações	Situação profissional	Idade com que começou a trabalhar	Motivo pelo qual saiu da escola	Motivos da inscrição no CNO
1	18 de Maio	F/45 4ºano	Desempregada (faz o trabalho doméstico)	Começou a trabalhar aos 20 anos ⁴⁴ numa fábrica têxtil	<i>...era muito envergonhada e tímida e não queria ir para a escola... chorava muito</i>	<i>Para eu conseguir tirar pelo menos o 6º ano a ver se eu conseguia depois com o 6º ano fazer alguma coisa</i>
2	18 de Maio	M/51 4ºano	Empregado por conta de outrem numa fábrica como maquinista de corte (há 38 anos).	Começou a trabalhar aos 11 anos (enquanto estava na escola) numa fábrica de malas.	<i>Eu quis foi libertar-me da escola, não porque... a minha mãe queria que continuasse a estudar</i>	<i>Quando vim com a minha mulher aquela menina perguntou "porque é que você também não me inscreve?" ... porque também não tenho pachorra... E convenceu-me e olhe estou aqui e tou a gostar</i>
3	21 de Maio	F/56 4ºano	Aposentada	Começou a trabalhar na confecção de camisas, com 10 anos.	<i>Só até à 4ª classe e depois o meu pai não deu mais chance... naturalmente saíamos da escola e ele não permitia que a gente fosse estudar (...) dizia que estudar era ser malandro</i>	<i>Eu queria mesmo era fazer um curso de culinária vegetariana e quando me dirigi à "N" o senhor encaminhou-me para aqui, porque eu só tinha a 4ª classe</i>

⁴⁴ Idade com que começou a trabalhar numa fábrica, apesar de, entre o período em que saiu da escola e completar 20 anos, ter cuidado de crianças vizinhas e das lides domésticas.

4	21 de Maio	M/60 4ºano	Reformado	Começou a trabalhar com 11 anos, embora ainda no tempo de escola já trabalhasse na parte de tarde.	<i>Tornei-me rebelde e como castigo tive de ir trabalhar</i>	<i>Foi ela⁴⁵ que me incentivou... e depois interessei-me... também ouvia o primeiro-ministro a dizer que os portugueses não sei quê...e então interessei-me</i>
5	21 de Maio	F/36 6ºano	Está empregada por conta de outrem numa fábrica têxtil. É remalhadeira (teve sempre o mesmo emprego).	Começou a trabalhar com 15/16 anos na respectiva fábrica têxtil.	<i>Fiz até ao 6ºano. Gostava da escola, mas na altura os meus pais não tinham possibilidades... e também via as minhas colegas que tinham as suas próprias coisas e então também queria ter as minhas.</i>	<i>Eu querer tirar, ter mais escolaridade e depois eu pensei "vou me inscrever, porque se os outros conseguem eu também consigo" e as minhas colegas também disseram que vinham, e viemos todas</i>
6	24 de Maio	F/63 12ºano	Empregada a <i>part-time</i> numa fábrica do marido.	Começou aos 11 anos a trabalhar em casa como doméstica ⁴⁶ .	<i>Fiz só até ao 4ºano (...) falava-se que em 1960 era o fim do mundo e eu pensei o quê que me adianta estudar... eu não me formo em 3 anos...</i>	<i>Para valorização pessoal (...) uma vez que os filhos já estão crescidos e o tempo tem de ser ocupado</i>
7	24 de Maio	F/42 6ºano	Não tem nenhuma actividade profissional de momento ⁴⁷ .	Começou a trabalhar com 16 anos num supermercado na África do Sul.	<i>O 7º ano não acabei porque fui para a África do Sul com 12 anos ... com os meus pais</i>	Sempre teve o desejo de continuar a estudar, mas como esteve muito tempo emigrada não se proporcionou e como ouviu falar nas Novas Oportunidades, decidiu tentar.
8	24 de Maio	M/26 10ºinc.	Está empregado por conta de outrem como comercial	Começou a trabalhar com 18 anos.	<i>Desisti porque não valia a pena (...) faltava muito (...) os meus pais disseram que eu é que sabia</i>	<i>Tentar subir na minha empresa ... tentar entrar na universidade se der</i>
9*	1 de Jun.	M/34 9ºano	Está empregado por conta de outrem como carpinteiro (teve sempre o mesmo emprego).	Começou a trabalhar com 16 anos como pintor.	<i>Eu saí porque precisava de ganhar... saí porque arranjaram-me emprego (...) foi pai com 14...15 anos (fez até o 6ºano)</i>	<i>Foi pa fazer o 9ºano e talvez... pa continuar</i>
10*	2 de Jun.	M/34 9ºano	Está empregado por conta de outrem como serralheiro (teve sempre o mesmo emprego).	Começou a trabalhar com 16 anos como serralheiro.	<i>Não continuei porque não havia ... tive que ir trabalhar para ajudar em casa... os meus pais ganhavam pouco...são lavradores (fez até ao 6ºano).</i>	<i>Foi iniciativa minha... porque eu quero, pa ficar mais validado, mais competências de habilitação</i>

Quadro nº6 - Breve perfil dos entrevistados

Fonte: Elaborado pela própria

⁴⁵ A esposa, que também está em processo.

⁴⁶ Apesar de trabalhar em casa, os seus pais passavam-lhe o papel para entregar na segurança social, com o intuito de se precaver para a idade da reforma.

⁴⁷ É ex-migrante, pelo que após ter regressado a Portugal não se interessou por procurar emprego.

* É de referir que estes dois adultos são gémeos e têm necessidades educativas especiais.

Ao longo das entrevistas ficou claro que o gosto pela escola e a vontade de continuar a estudar não foram um impedimento à progressão dos estudos, até porque quando questionados sobre as suas recordações da escola, a maior parte deles referiam-se à mesma com grande alegria e nostalgia, sendo que as saídas precoces do meio escolar tiveram, de forma geral, associadas não só a questões económicas, mas também a pessoais (tais como a emigração, as crenças religiosas, a rebeldia, etc.). Foi igualmente perceptível a consciencialização destas pessoas relativamente à falta das qualificações ao longo das suas vidas e a percepção de que se continuassem a estudar provavelmente teriam tido vidas completamente diferentes, seguindo, algumas, o ensino superior. Seguem-se alguns testemunhos:

- *Não ganhei nada porque estou nesta situação se continuasse os estudos acho que não estava como estou agora (...). Eu se continuasse a estudar seria enfermeira* (entrevistado nº1).
- *Sinceramente, se calhar perdi alguma coisa... ganhar não ganhei grande coisa. Arrependi-me! Hoje confesso que me arrependi, que eu podia estudar de noite na altura, fazer um curso de noite e a minha mãe insistia comigo... mas estava a trabalhar, estava cansado... hoje não fazia a mesma coisa...* (entrevistado nº2).
- *Quando comecei a crescer e a reflectir aí é que comecei a ver o que perdi* (entrevistado nº6).
- *Perdi muita coisa, que agora dou valor (...) e na altura se o fizesse já o tinha e podia ter um emprego melhor que ao que tenho agora e é nisso que eu sinto que hoje em dia que com o sexto ano não arranjamos emprego melhor com esta escolaridade* (entrevistado nº5).

A procura de novos conhecimentos e de desafios que permitissem alguma aprendizagem de carácter formal, na sua área profissional, à excepção de um, foi posta de lado, havendo uma dedicação, por parte destes adultos, quase que exclusiva ao trabalho e à família. O excesso de trabalho, a falta de tempo e o cansaço foram as principais justificações apresentadas. Por seu turno, também a passagem por iniciativas/actividades de carácter não-formal são quase que inexistentes e associadas a uma fase inicial da vida adulta, onde a participação em ranchos e escuteiros são as principais actividades indicadas. Os entrevistados do sexo masculino referiram a passagem pela tropa como o espaço-tempo em que mais aprenderam nas suas vidas, havendo alguma nostalgia, aquando da entrevista, por não terem podido continuar.

- *Eu fiz aqui a recruta em Braga, daqui fui para Coimbra, fui fazer o curso de enfermagem, depois fui para Lisboa fazer o estágio depois daí fui para Caldas da Rainha em que tive de ir para a enfermaria, tive um médico que me ensinou bastantes coisas, fazer pequenas cirurgias, que depois tive de fazer sozinho quando fui para Guiné, dois anos. Aí, para além das minhas responsabilidades de militar na área de enfermagem, tinha também a população... (entrevista nº4)*
- *Pára-quedista. Porque não continuou? Porque os pára-quedistas têm muitos problemas nos joelhos, por causa das quedas... e tive de fazer alguns exames mas não consegui... depois ainda dei formação em Aveiro, mas depois saí. Gostava de ter seguido a carreira militar? Gostava, mas não pude por causa dos joelhos... (entrevista nº8).*
- *Essa experiência, foi altamente aquilo, queria que voltasse atrás, foi em Chaves fiz a recruta em Chaves, e depois fui para a base aérea eles queriam que eu ficasse lá (...) era ajudante de bombeiros (...) não continuei porque já tinha o meu trabalho (entrevista nº9).*
- *A tropa foi porreira. Gostei de andar lá os 6 meses. Andei em Santa Margarida... não, primeiro foi para o Entroncamento, andei lá 3 meses até fazer a especialidade, mecânica de armamento ligeiro... depois foi pa Santa Margarida e depois escolhi vir pa Braga, tinha três à escolha, só que não tinha vagas... mas gostei de andar lá... quando andei lá conheci pessoas novas, convivi com pessoas, era uma coisa diferente. E cheguei a uma altura que até pensei que me iam meter o contrato, só que faltavam duas semanas para eu vir embora e não dava muito tempo (...) mas gostei, foi das coisas que gostei mais (entrevista nº10).*

No que respeita à ocupação dos tempos livres, o visionamento de televisão, as caminhadas e o computador são as principais actividades referidas, embora também a leitura, o cinema e a visita a museus tenham sido mencionados. É ainda de referir que a leitura é associada aos jornais e revistas e muito raramente a livros. Eis algumas das respostas obtidas:

- *Fui voluntária da Cruz Vermelha onde andei praí 5 anos, no coro da igreja (...) e no rancho (...) nos meus tempos livres, eu estando em casa tenho sempre que fazer alguma coisa, mas sempre que posso sento-me um bocadinho a ler, outras vezes vejo um bocado de televisão, agora vou para o computador, agora que sei vou mexer no computador (entrevista nº1).*
- *Gosto muito de ler, gosto muito de bordar ... Gosto de caminhar, de natação (...) à noite é que eu vejo um pouco de televisão (...) agora como tenho o computador vou todos os dias ver as páginas dos jornais (...) Gosto muito de cinema (...) eu acho que o cinema também nos dá cultura, faz-nos bem. Também gosto de teatro (entrevista nº6).*

- *Nos meus tempos livres, cuido das minhas plantas, (...) faço muitas bricolages na minha arte (...) Gosto também de ver o Nacional Geografic... leio às vezes alguma coisa se me interessar, mas livros não* (entrevista nº2).
- *Adoro caminhar, faço caminhadas com as minhas colegas quase todos os dias, adoro dançar, gosto de ir ao cinema (...) não gosto de ler. É assim, não é o não gostar, eu não tenho tempo para me sentar no sofá a ler um livro, tenho muitas coisas em casa para fazer (...) Gosto de ver museus aquelas antiguidades* (entrevista nº5).
- *Gosto de teatro... de cinema ... de televisão também gosto (...) de ler também gosto, jornais* (entrevista nº10).
- *Neste momento é chegar a casa, comer e dormir... e às vezes fazer os trabalhos das novas oportunidades. Ao fim de semana é que quando não vou trabalhar vou passear com a minha namorada e também faço rádio modelismo* (entrevista nº8).

A passagem por um processo de qualificação, mesmo que de reconhecimento, validação e certificação de competências, onde não há uma aprendizagem efectiva de conteúdos e de matérias, levou a que estes adultos não perdessem a vontade de aprender mais, sendo que quando lhes foi perguntado o que esperavam deste processo, a frase “aprender mais” esteve frequentemente presente. Por seu turno, foi também essa vontade de aprender que motivou estas pessoas a participarem regularmente nas actividades do projecto Aprender a Ser.

Todos os entrevistados referiram que os conhecimentos adquiridos (alguns novos e outros complementares) provenientes dos diferentes tipos de actividades (essencialmente das oficinas e das sessões de informação), foram muito importantes e úteis nas suas vidas diárias, como por exemplo nas questões ligadas à saúde, ao ambiente e à gestão do orçamento, havendo um reconhecimento de que o tempo dispendido ao final do dia foi muito bem empregue. Aqueles que ainda estavam em processo de RVCC mencionaram que essas aprendizagens também contribuíram, em certa medida, para a elaboração dos seus portefólios, pois permitiu-lhes abordar certos temas com mais consistência. Por seu turno, aqueles que haviam já terminado a sua qualificação relataram que se ainda tivessem em processo estes conhecimentos seriam uma mais-valia:

- *Para aprender e para ouvir as pessoas a explicar as coisas! Eu posso depois não fazer a 100%, mas ao menos fico com o conhecimento (...) Todos eles são importantes. Para quem tem interesse! Já usei alguma coisa sobre isso (...) Eu tenho lá uma lista de valores*

das calorias que a Dra. até se passava... saber quantas calorias tem os alimentos...e se posso comê-las... mas é bom, é bom (entrevista nº2).

- *Foi de vontade minha. Para aprender mais, coisas novas que nunca tinha visto na vida (...) aquelas sessões, as primeiras, de informação, depois aquelas de TIC, as oficinas, depois aquela do orçamento... até por acaso tenho lá... Deste ultimo também em gostei (entrevista nº10).*
- *Valeu a pena! Até mudei algumas coisas em casa, por exemplo a tarifa bi-horária. Tudo foi importante! Porque estas actividades do Aprender a Ser também me ajudou no meu processo de RVCC, ajuda-nos em algumas coisas (entrevista nº8).*
- *Aprendi, a ver umas análises, do bi-horário fiquei mais esclarecida do bi-horário e certas coisas que agora já não me recordo muito, fazer aquela conta da massa, o índice de massa corporal, e várias coisas a regra de três simples (...) ate me deram jeito também para o meu RVCC, eu digitalizei uma factura do supermercado falei sobre o IVA, e sobre aquele publicidade enganosa que nós as vezes temos das promoções e foi-me útil para mim (entrevista nº5).*
- *Porque acho que aprendo bastante, embora tudo isso esteja cá dentro mas assim consigo desenvolver mais, vêm reforçar (...) Sim, aprendi um bocadinho de tudo, começando pelas TIC, embora eu não tenha problemas em escrever mas aprendi mais qualquer coisa e depois com todas as informações que fui recebendo aqui foi contribuindo para o meu dia-a-dia. (...) Contribui, porque foi através desses conhecimentos que eu consegui fazer... descrever a minha vida (entrevista nº4).*

A valorização dos conhecimentos adquiridos, bem como do tempo empregue na participação das actividades do projecto AS foi um aspecto bastante realçado pelos entrevistados, o que de certa forma vai de encontro a um dos objectivos deste projecto – *Promover a complementaridade / continuidade do processo de qualificação em que os adultos se envolveram com a sua inscrição no CNO da TecMinho no sentido da adopção de uma estratégia / postura de educação / aprendizagem ao longo da vida.*

Já numa fase final das entrevistas foi-lhes pedido que referissem o que consideravam estar na base do baixo número de participantes nas actividades realizadas. Perante esta solicitação, foi visível algum “desconforto” associado a uma tentativa de não levantamento de “falsos testemunhos”, sendo o “*não sei*” seguido de alguns silêncios, a resposta mais frequente, embora alguns tentassem elaborar alguma argumentação, mas muito superficialmente. Eis alguns exemplos:

- *Eu não sei, mas acho que em cada grupo que existe deviam informar mais as pessoas, porque estou convencido que se as pessoas estiverem alertadas para a importância destas oficinas, as pessoas vão acabar por aparecer* (entrevista nº4).
- *...eu não sei há pessoas que trocam umas coisas pelas outras, são tudo opções, mas ... não sei só elas é que saberão...eu não sei bem ao certo dizer mas, mas há pessoas que... há de tudo, não é verdade? Que ... outras que não poderão vir também, não é? ... eu não sei, eu respondo por mim... (entrevista nº6).*
- *Não sei, alguns podem ser por causa dos temas ou falta de disponibilidade... agora não sei* (entrevista nº10).
- *Talvez cansaço ou, não têm tempo. Desmotivação é impossível ser, porque é sempre bom aprender* (entrevista nº8).

Percepção global do Projecto Aprender a Ser

Desde o início até ao final do projecto para cada actividade realizada era passado uma folha de registo de presenças, na qual as pessoas tinham de colocar o seu nome e uma rubrica à frente do mesmo, e também um pequeno questionário, a ser preenchido no final das respectivas actividades, cujos objectivos específicos passavam por: *a)* Compreender as razões que levam as pessoas a participar nas actividades; *b)* perceber se havia a intencionalidade de uma aplicação prática no dia-a-dia dessas aprendizagens⁴⁸.

A partir deste último instrumento, pudemos perceber que de entre os 205 questionários administrados, as principais razões que levavam estes adultos a participar nas actividades prendiam-se essencialmente com a vontade de aprofundar os conhecimentos (79,3%) e aprender coisas novas (75,9%) (Cfr. Gráfico nº1).

⁴⁸ Ambos os instrumentos podem ser consultados no anexo nº6 (folha de presenças) e no apêndice nº1 (questionário).

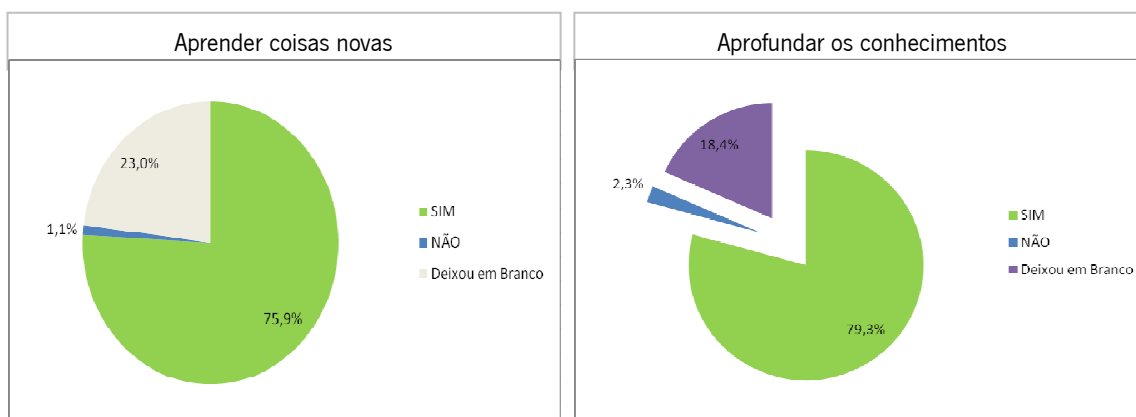


Gráfico n°1 - Intencionalidade da Participação no Projecto Aprender a Ser

Fonte: Elaborado pela própria

No que respeita à consciencialização das aprendizagens, a possibilidade de reflexão em torno das práticas individuais no dia-a-dia foi algo bastante referido (75,9%), assim como identificada a importância dos conteúdos abordados para os seus processos de qualificação (67,8%).

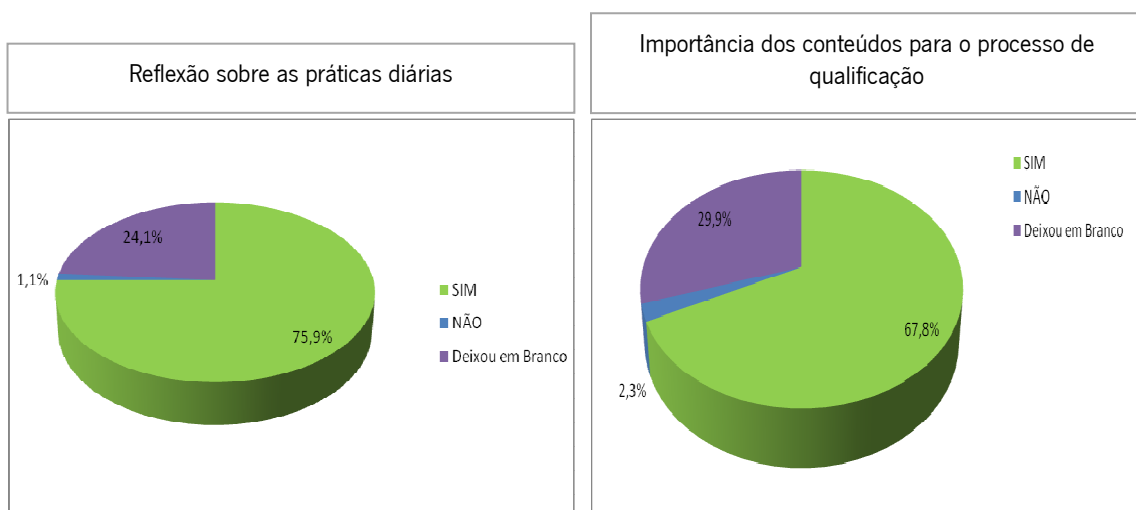


Gráfico n°2 - Consciencialização das Aprendizagens

Fonte: Elaborado pela Própria

Por seu turno, através dos registos nas folhas de presenças foi-nos possível estabelecer uma relação entre o número de inscrições e de presenças ao longo dos cinco meses, a qual é apresentada no quadro seguinte:

Meses	Inscrições	Presenças
Janeiro	122	76
Fevereiro	71	64
Março	75	52
Abril	15	23
Maio	28	12

Quadro nº 7 - Relação entre o número de inscrições e de presenças nas actividades do projecto Aprender a ser, ao longo dos cinco meses.

Fonte: Elaborado pela própria

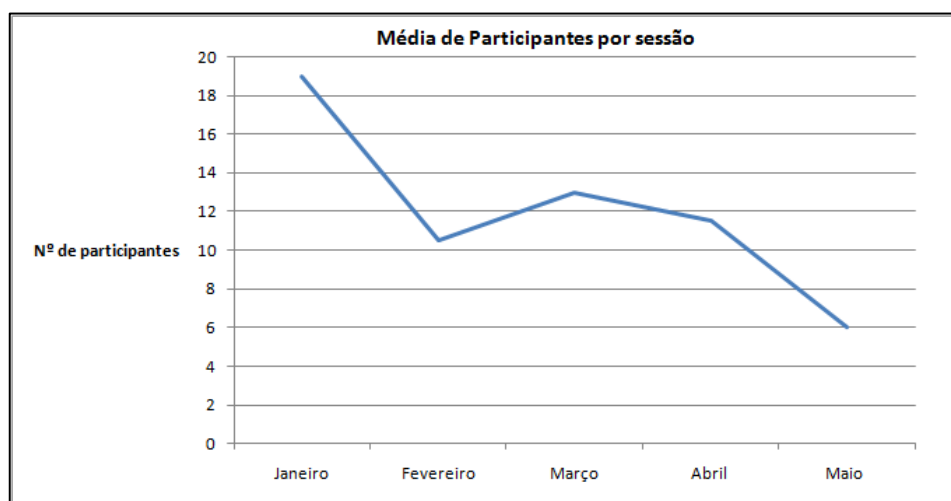


Gráfico nº3 - Média do número de participantes por sessão de actividades do projecto Aprender a Ser ao longo dos meses.

Fonte: Elaborado pela própria

Sem qualquer margem de dúvida o número de participantes foi decrescendo à medida que os meses foram passando, embora não tenhamos percebido o que estava por detrás desta constatação, uma vez que todo o *feedback* recebido através dos questionários passados nas actividades sobre o grau de satisfação dos adultos, como podemos observar no gráfico seguinte,

foi bastante positivo (29,9% e 50,6% dos inquiridos classificaram, respectivamente, as actividades como muito boas e excelentes).

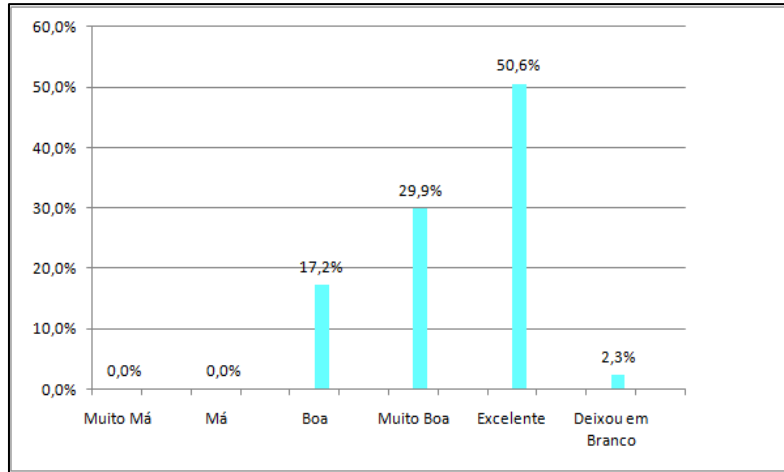


Gráfico nº4 - Classificação geral das actividades do projecto Aprender a Ser

Fonte: Elaborado pela própria

Para além disto, no decorrer das actividades, as pessoas demonstravam bastante interesse, participando activamente nas mesmas. Por exemplo, nas sessões de informação colocavam questões, respondiam prontamente ao que lhes era perguntado, davam sugestões e exemplos das suas experiências de vida; nas oficinas esforçavam-se por realizar os desafios propostos pelas formadoras, partilhavam as suas experiências e hábitos e por vezes debatiam questões, mediante o tema abordado; os concursos, clube de cinema, iniciativas sociais, actividades de cultura e lazer, foram as actividades em que menos pessoas participaram.

Em meados do mês de Março, com o intuito de se perceber o que estava por detrás desta baixa participação - até porque, para além daqueles que nunca haviam participado também algumas das pessoas que estavam sempre presentes nos primeiros meses (Janeiro e Fevereiro) deixaram de participar - nas reuniões semanais colocaram-se diferentes possibilidades para os respectivos resultados, sendo os horários, uma das hipóteses apresentadas. Contudo, não nos podíamos restringir apenas a esse facto, e por conseguinte, uma das medidas tomadas passou pela realização de um esforço acrescido, por parte da equipa (especialmente das profissional de RVC e das formadoras), no sentido de intencionalizar a participação das pessoas em processos de aprendizagem deste tipo, fazendo sempre a ponte para os processos de RVCC

(através da reflexão em torno dessa participação em articulação com as áreas e unidades de competência-chave). Assim (embora não de forma muito frequente), formadoras e profissionais de RVC começaram a alertar os seus grupos, e principalmente aquelas pessoas que nunca haviam participado em nenhuma actividade, para a importância da sua participação, numa tentativa de os incentivar. Não obstante, segundo os seus relatos, as pessoas ora alegavam que não podiam estar presentes por causa dos filhos, outras por causa do trabalho, outras devido ao horário, e outras não queriam mesmo, deparando-nos com exemplos de relatos associados a um profundo desinteresse pela aprendizagem (os quais eram partilhados pela equipa técnico-pedagógica nas reuniões), que diziam “*por favor não nos obrigue a ir para aquelas actividades!*”, entre outros.

Para além disto, e não nos restringindo apenas a este projecto, aquilo que nos foi possível perceber através da observação e acompanhamento de alguns grupos em processo de RVCC (de nível básico ou secundário) é que, na grande maioria, as pessoas querem, de facto, elevar as suas qualificações, estando também, na sua maioria, conscientes da sua importância na sociedade actual, mas, sem que isso esteja associado a um grande esforço, quer mental, quer de tempo, quer de escrita, quer de envolvimento, etc. A esta questão é possível ainda acrescentar o facto de haver igualmente uma grande resistência à participação em processos de formação com vista à conclusão da qualificação⁴⁹.

Perante estas situações começaram a surgir novas questões, não só relativas ao trabalho que é desenvolvido neste centro, quando o seu plano estratégico de intervenção aponta para a *promoção e desenvolvimento das competências, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida*, mas também ao que é esperado das pessoas quando se envolvem em processos de qualificação, impondo-se um novo desafio:

- 1°. Compreender porque é que as pessoas não participaram nas actividades do projecto AS;
- 2°. Perceber se as pessoas percebem a utilidade da participação em acções de educação não-formais, enquanto profissionais e cidadãos.
- 3°. Compreender as representações dos adultos à entrada de um CNO.
- 4°. Apreender se as pessoas ponderam, após a conclusão do seu processo de certificação, apostar na Educação / Aprendizagem LV.

⁴⁹ Isto acontece quando o adulto obtém uma validação parcial através do processo de RVCC e é posteriormente encaminhado para fazer formação modular nos núcleos que lhe faltam para poder obter a qualificação pretendida.

Para conseguirmos dar resposta a este desafio, a aplicação de um inquérito por questionário pareceu-nos a melhor forma de chegar aos adultos; todavia chegar a todos os adultos em processo de RVCC seria impossível. Por consequência optámos por limitar o âmbito de estudo, seleccionando os grupos que haviam iniciado o processo de RVCC (de nível básico ou secundário) entre os meses de Outubro de 2009 e Abril de 2010, isto é, um universo de cento e dois adultos⁵⁰.

Mês de Início	Out.	Out.	Out.	Fev.	Fev.	Fev.	Mar.	Mar.	
Nº Grupo	G14 NB	G14 NS	G17 NB	G18 NB	G18 NS	G19 NB	G19 NS	G20 NB	TOTAL
Nº adultos	13	14	13	14	15	12	10	11	102

Quadro nº 8 – Identificação dos grupos cujos foram administrados inquéritos

Fonte: Elaborado pela própria

Os questionários foram aplicados em contexto de sessão de grupo pelas profissionais de RVC responsáveis por cada grupo, obtendo-se um total de cinquenta e cinco inquéritos respondidos.

Antes de passarmos aos resultados é importante referir que o número de respostas em branco foi bastante acentuado, podendo ser associado à não leitura dos cabeçalhos e induzida como uma resposta “não”, pois segundo relatos ouvidos aquando da aplicação do instrumento, muitas pessoas diziam que como não faziam determinada coisa, então não iam preencher.

Segundo os dados recolhidos, a média de idades ronda os 43 anos, sendo que de entre todos os inquiridos (50,9% mulheres e 49,1% homens) 63% são casados, têm filhos (75%), trabalham por conta de outrem (85,4%), 47% têm habilitações inferiores ao nono ano e 49% habilitações inferiores ou iguais ao nono ano (33% tem o nono ano e 16% superior ao nono ano).

A obtenção de um nível de qualificação superior à que detêm actualmente apresenta-se como a principal razão para a inscrição num CNO (74,5%), seguindo-se a vontade de aumentar a cultura geral (58,2%), o saber que tinha experiências e conhecimentos que podiam ser certificados (34,5%) e o querer subir na carreira profissional (29,1%). Para além disto, cerca de

⁵⁰ Este corresponde ao número de adultos identificados, pelo sistema de gestão de processos do CNO.

50,9% dos inquiridos referiu querer continuar a apostar no aumento das suas qualificações escolares, a médio/longo prazo, após a conclusão do processo de RVCC. Por outro lado, apenas 10,9% dos inquiridos mencionou não pretender seguir mais nenhum percurso formativo, justificando com o facto de não precisarem de mais qualificações (cerca de 9,1%).

Ainda sobre as qualificações, foi igualmente possível aferir que existe uma consciencialização efectiva sobre a sua importância, sendo que do total dos inquiridos, 39,1% concorda e, 40% concorda totalmente, com o facto de a sociedade actual exigir trabalhadores com muitas qualificações e que apostar na formação contínua é indispensável para ser um bom profissional. Por outro lado, a participação em acções que conferem um certificado são identificadas pela maioria como as mais importantes (36,4%). O que nos leva a considerar que as actividades que não tenham um resultado imediato (uma qualificação, ou um retorno objectivo) sejam colocadas de lado por parte destes adultos.

No que respeita à participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida, tais como conferências, palestras, sessões de informação, cursos de formação, oficinas/ *workshops*, escuteiros, grupos de teatro, grupos corais, grupos de igreja, ranchos, bombeiros, entre outros, os resultados apresentados no gráfico seguinte (Gráfico nº5) apontam para uma participação quase inexistente por parte destas pessoas, onde o “nunca” e a resposta em branco foram as mais frequentes.

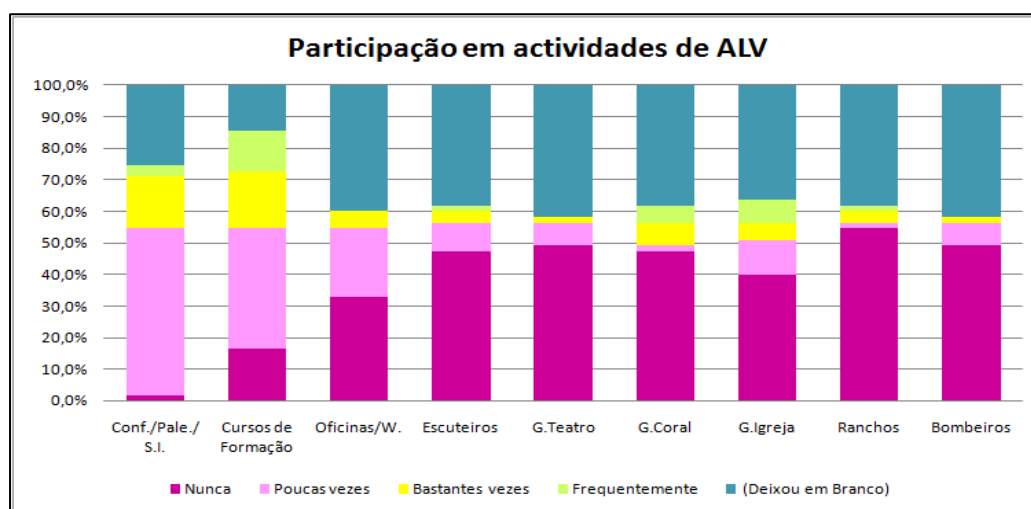


Gráfico nº5 - Frequência da participação em actividades de Aprendizagem ao Longo da Vida.

Fonte: Elaborado pela própria

A ocupação dos tempos livres passa essencialmente pelos passeios com os familiares e amigos (40% frequentemente e 34,5% bastantes vezes), seguindo-se as *bricolages* (21,8% frequentemente e 36,4% bastantes vezes), a prática de desporto (25,9% frequentemente e 27,8% bastantes vezes) e por último a pesquisa na internet (21,8% frequentemente e 27,3% bastantes vezes).

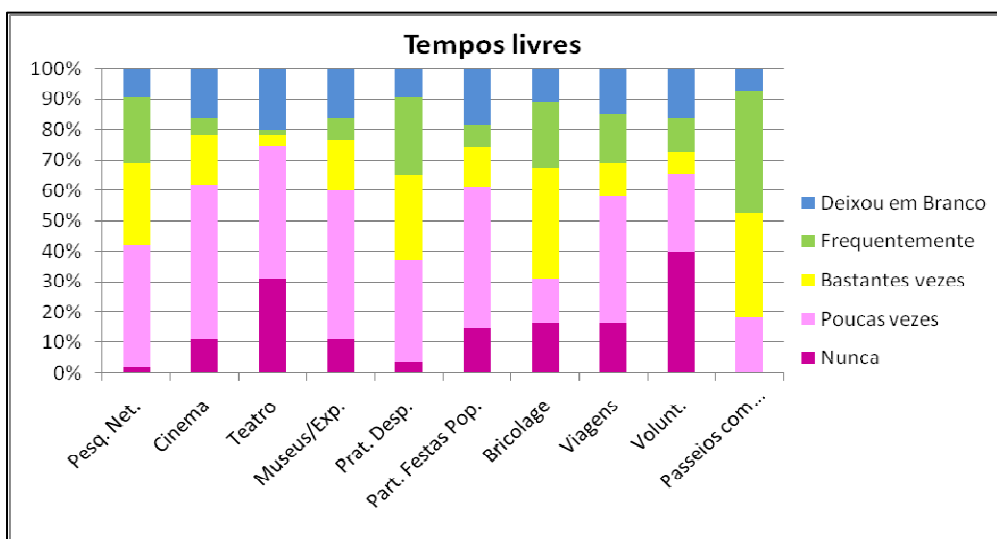


Gráfico n°6 - Tempos livres dos inquiridos

Fonte: Elaborado pela própria

Quanto ao visionamento de televisão os programas informativos, debates, telejornais e documentários são os mais assinalados, sendo que 47,3% referiram que os viam bastantes vezes e 36,4% frequentemente, seguindo-se os filmes e séries e os programas desportivos e o futebol.

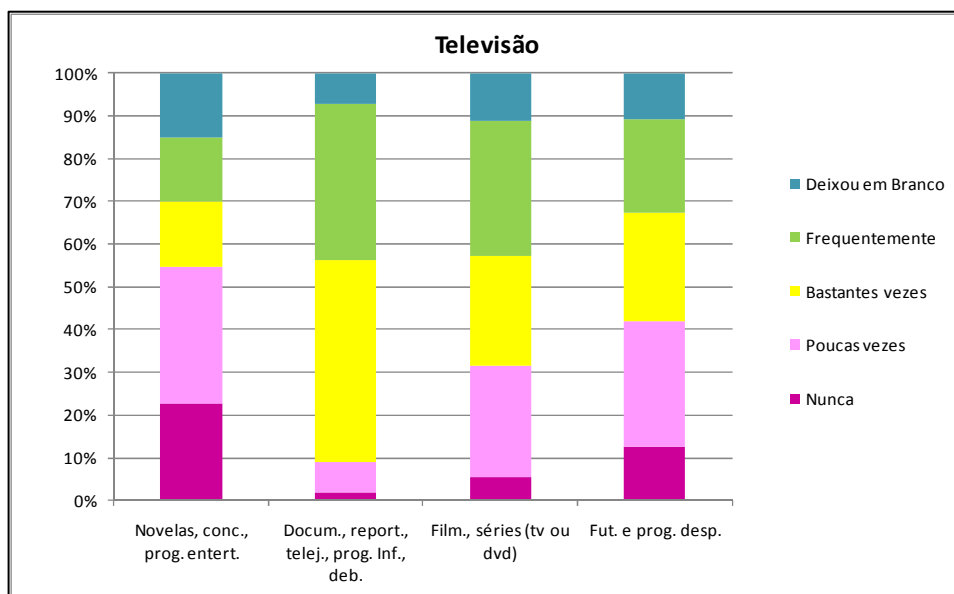


Gráfico n.º7 - Visionamento de televisão

Fonte: Elaborado pela própria

No campo da leitura, os jornais generalistas são indicados como aqueles que mais vezes os inquiridos lêem (45,5%), enquanto os livros de romance, policiais, etc., e os livros técnicos e ligados à profissão são aqueles em que o “nunca” aparece em maior percentagem (40%).

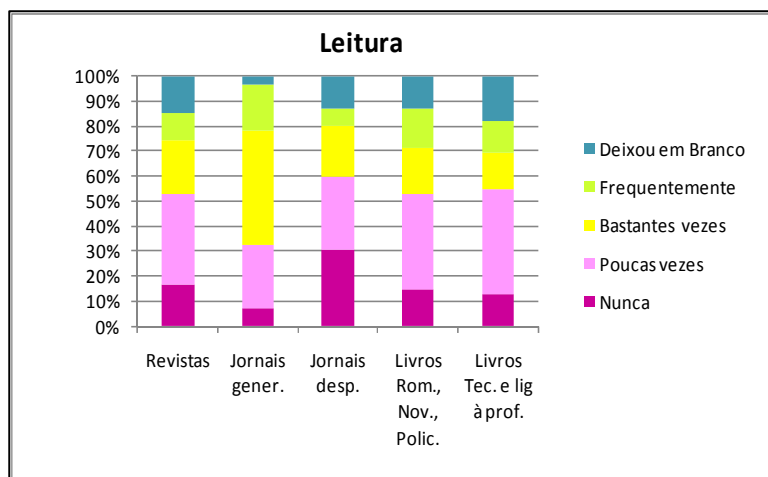


Gráfico n.º8 - Hábitos de leitura

Fonte: Elaborado pela própria

Sobre estes dois pontos podemos concluir que não há de facto uma cultura de envolvimento em actividades, iniciativas de carácter não-formal (social e cultural) que permitam

uma aprendizagem efectiva, sendo os tempos livres ocupados de forma muito simples e pouco diversificada.

Relativamente ao projecto Aprender a Ser, 73% dos inquiridos admitiu já ter ouvido falar no projecto, enquanto apenas 11% referiu não conhecer, justificando com o facto de nunca ter ouvido falar no mesmo (5,5%) e/ou nunca terem recebido nenhuma informação sobre o projecto (9,1%), sendo que os restantes 16% deixaram a questão em branco. De entre aqueles que não participaram, os horários foram de facto, a resposta mais frequente como podemos ver no gráfico em baixo, referindo que as manhãs seriam os seus horários preferenciais.

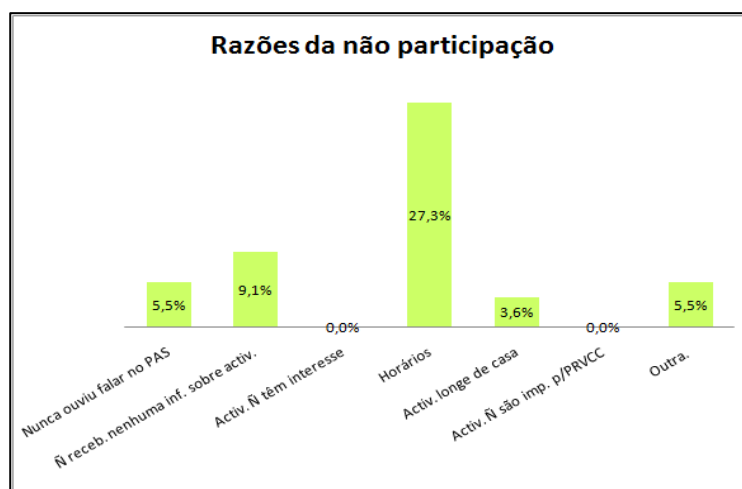


Gráfico nº9 - Principais razões da não participação nas actividades do projecto Aprender a Ser.
Elaborado pela própria

Do total dos inquiridos que conheciam o projecto (72,2%), 55% participaram em pelo menos uma actividade. Dentro deste subgrupo, 36% referiu ter participado uma vez, 14% duas vezes, 18% três vezes e, 32% quatro ou mais vezes. Ainda sobre o projecto, apesar de algumas respostas em branco (33,4%), uma percentagem significativa afirmou concordar com o facto dos temas abordados estarem ligados às áreas de competência-chave (45,5%), consideraram ainda que os temas abordados foram importantes para os seus processos de RVCC (39,4%) e úteis para as suas vidas pessoais e familiares (33,3%), assinalando ainda que, os respectivos temas abordados, permitiu-lhes obter informação e manterem-se actualizados sobre diferentes assuntos (30,3%).

Capítulo V

METODOLOGIA

“O que é novo na razão moderna não é tanto a razão em si,
mas a forma como a utilizamos para explicar o real”

(Henri Atlan)

O presente capítulo pretende descrever a metodologia e os procedimentos levados a cabo no âmbito deste estágio.

Uma vez que num processo de investigação a sucessiva tentativa de acção-reflexão deve estar sempre presente (Gómez & Cartea, 1995), para responder de uma melhor forma aos objectivos desta intervenção, optou-se por efectuar uma abordagem essencialmente qualitativa, dado o seu carácter aberto visar um estudo mais aprofundado e fundamentado da realidade. Para além disto, a abordagem qualitativa caracteriza-se pela sua orientação para a descoberta exploratória, por ser descritiva e indutiva, para além de facilitar a “captação da reflexão dos próprios actores, as suas motivações e interpretações” (Serrano, 2000: 25), promovendo assim uma “espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos” (Bogdan & Biklen, 1994: 51).

Instrumentos de recolha de dados

Constituindo-se como meios técnicos utilizados para registar as observações e facilitar o desenvolvimento do trabalho de investigação, os instrumentos de recolha de dados podem apresentar diversas formas: questionários, observação participante e não-participante, testes, entrevistas estruturadas e não-estruturadas, declarações pessoais, histórias de vida, comunicação não verbal, fotografias, documentos pessoais, recursos audiovisuais, métodos interactivos e não interactivos, etc. (Bogdan & Biklen, 1994).

Na presente intervenção optou-se pelo recurso à análise documental, à observação participante, às entrevistas e ao inquérito por questionário.

1. Análise Documental

Segundo Bell (1997), a análise de documentos escritos é uma fonte de recolha de informação de grande importância, pois permite obter dados úteis para o estudo. No entanto a análise metódica com vista à avaliação do interesse e grau de confiança do seu conteúdo, de forma a produzir informações para validar o estudo, é sempre indispensável, sendo que para tal torna-se necessário aferir a acessibilidade e disponibilidade dos documentos. No caso da presente intervenção, aquando da pesquisa documental foi necessário proceder a uma recolha e sistematização de todos os documentos escritos dispersos, sendo de referir que a entidade mostrou-se sempre disponível e favorável ao acesso aos respectivos documentos, sendo este

trabalho negociado com os respectivos responsáveis. Assim, foram utilizados os documentos existentes no Centro Novas Oportunidades da TecMinho, nomeadamente: o regulamento interno, o portefólio da TecMinho, o organigrama da instituição, o plano estratégico de intervenção, os dados quantitativos relativos às metas a serem atingidas pelo CNO, entre outros. Estando os documentos, maioritariamente, em formato digital, foi necessário proceder à impressão de alguns documentos para a análise posterior.

2. Observação Directa

Tendo em conta os contributos de Quivy & Campenhoudt (1998), a observação permite captar os comportamentos no momento em que eles se produzem, na medida em que o investigador é o principal instrumento de pesquisa. Através dum contacto directo, frequente e prolongado com os actores sociais e respectivo contexto, o investigador consegue uma “recolha intensiva de informação” sobre um “vasto leque de práticas e de representações sociais, com o objectivo tanto de descrever como de alcançar a caracterização local das estruturas e dos processos sociais que organizam e dinamizam” a respectiva instituição (Costa, 2005: 137-141), bem como registar as afirmações não verbais. É assim, uma estratégia global que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista, a participação directa, a observação e a reflexão.

Por outro lado, aquando da observação directa impõe-se a questão da interferência advinda da presença do investigador. Assim, cabe-lhe a preocupação de tentar não criar modificações na dinâmica social, tendo sempre em conta esta preocupação, tentando “controlá-la e objectivá-la, tanto quanto isso for possível” (Ibid.: 135), até porque a essência da observação directa, segundo Peretz (2000), consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas actividades ou residências, sem lhes alterar o seu ritmo normal.

No que respeita a esta intervenção, os momentos em que a Observação Directa e Participante ocorreram repartiram-se por quase todo o tempo de estágio, aquando das dinâmicas institucionais: reuniões da equipa técnico-pedagógica, actividades do projecto Aprender a Ser, sessões de Diagnóstico e Encaminhamento, sessões de grupo e individuais de processos de RVCC, análise de documentos e conversas informais.

3. Entrevistas

Segundo Bogdan & Biklen (1994: 134) as entrevistas são utilizadas para “recolher dados descritivos na linguagem dos próprios sujeitos, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. É assim um instrumento que nos possibilita o acesso a informações concretas e pertinentes sobre as vivências dos actores, os seus pontos de vista e suas lógicas de actuação dentro dos grupos a que pertencem.

As entrevistas qualitativas podem ser classificadas mediante o grau de estruturação, em três modelos (Bogdan & Biklen, 1994): a) a *Entrevista Estruturada*, que obedece a um guião rígido e identificando-se com o inquirido por questionário, sendo a maioria das respostas do tipo “sim” ou “não”, ou outra formulação análoga; b) a *Entrevista Semi-Estruturada*, a qual permite uma maior liberdade de intervenção na resposta aos entrevistados e, embora o guião deste tipo de entrevistas contenha perguntas fixas e iguais para todos os entrevistados, faculta também a flexibilização da sequência das perguntas e do léxico utilizado em função de cada entrevistado; c) *Entrevista Não-Estruturada*, também designada por entrevista aberta, a qual concede grande liberdade ao entrevistado para estruturar a sua resposta, limitando-se o entrevistador a “reforçar e rephrasear as declarações do inquirido” (Sá, 1997: 35).

Nesta intervenção, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas, iguais para todos os entrevistados. Neste sentido, e tendo por base os objectivos deste estágio, estruturou-se um guião⁵¹ de forma a procurar esclarecer aspectos essenciais, tais como: dados pessoais, percurso escolar (infância/juventude); percurso profissional; participação em actividades sociais e culturais; a participação em iniciativas / actividades de educação e formação de carácter não-formal; a entrada num CNO e o processo de qualificação que frequenta; a participação no projecto Aprender a Ser; os traços da personalidade.

No entanto, é de referir que pontualmente algumas questões foram adaptadas à especificidade dos entrevistados (por exemplo relativamente à estruturação das perguntas em termos de linguagem visto dois dos entrevistados terem necessidades educativas especiais).

As entrevistas foram formalmente organizadas através de um contacto prévio, presencial e telefonicamente (em dois casos), com os elementos a entrevistar e o entrevistador, momento

⁵¹ Ver apêndice n.º2

no qual foi explicada a pertinência das mesmas para o estudo. Nesse contacto estabeleceu-se a data, a hora e o local da realização, assim como foram explicitados os seus objectivos e, globalmente, os assuntos a discutir. Salienta-se que todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento prévio e explícito dos participantes, permitindo a sua transcrição.

No decorrer de todas as entrevistas, foi possível conceber um ambiente de abertura com os entrevistados, proporcionando-lhes à-vontade, ouvindo-os atentamente e interferindo apenas pontualmente, quando foi necessário direccionar a conversa para os objectivos da entrevista. Logo após a realização de todas as entrevistas, procedeu-se à sua transcrição⁵² e análise.

4. Análise de conteúdo

De acordo com Quivy & Campenhout (1998: 226), a análise de conteúdo pode incidir “sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, actas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco directas”, bem como em entrevistas extensivas. Enquanto técnica de tratamento da informação, a análise de conteúdo não se limita à descrição, uma vez que a interpretação dos dados recolhidos, permite compreender as lógicas dos mesmos através da inferência das mensagens que foram enumerados e organizados para o estudo. Por conseguinte, após a transcrição e leitura das entrevistas efectuadas, recorreu-se à análise de conteúdo para interpretar os dados, procedendo-se a uma categorização dos elementos mais significativos.

5. Inquéritos por Questionário

Constituindo-se como uma das técnicas de recolha de dados, o inquérito por questionário é estruturado por um conjunto de itens, questões ou situações, mais ou menos organizado, devendo atingir um certo domínio a avaliar. Para além disto, este deve também ter em conta o âmbito e os objectivos do estudo, a população a que se destina, a prova e o contexto da sua realização, as características e dimensões a avaliar.

A opção por este instrumento deveu-se ao facto de permitir, num curto espaço de tempo, inquirir um conjunto elevado de sujeitos (Cohen & Manion, 1990) e ao longo desta intervenção de estágio, foram elaborados e administrados dois diferentes inquéritos por questionário: um com vista à avaliação das actividades, por parte daqueles que participaram nas

⁵² Ver apêndice nº3

actividades do projecto que foram realizadas; outro com o objectivo de ser compreendido o baixo índice de participantes no respectivo projecto.

Na elaboração dos dois questionários procurou-se combinar perguntas abertas com perguntas fechadas. No caso das perguntas fechadas, optou-se por resposta de escolha múltipla, procurando alargar e diversificar as alternativas propostas, acrescentado a opção “outra(s)” para que as alternativas antecipadas não funcionassem com um espartilho condicionador da liberdade do inquirido. Contudo, temos consciência de que as alternativas consideradas provavelmente condicionaram o tipo de respostas dadas.

O primeiro questionário⁵³ contou com quinze perguntas, sendo quatro de resposta aberta e nove de carácter fechado (sim/não). Apesar de este não estar subdividido em grupos de estruturação, aquando da sua elaboração pensou-se numa sequência lógica que nos permitisse aferir os seguintes pontos:

1. Caracterização do indivíduo
2. Intencionalização da participação
3. Consciencialização da aprendizagem
4. Eficácia da Acção

Este primeiro instrumento foi aplicado em todas as actividades do projecto Aprender a Ser, à excepção do mês de Junho (como já foi referido anteriormente). No final de cada sessão foi guardado entre cinco a dez minutos de tempo para que todos os participantes pudessem responder ao questionário. Ainda antes do respectivo preenchimento, aquando da entrega, foi sempre explicado aos participantes qual o seu objectivo e como o deveriam preencher. Num total dezoito actividades realizadas, foram preenchidos 205 questionários.

No segundo questionário⁵⁴ optou-se por, para cada questão, colocar um número relativamente amplo de alternativas de resposta e inseriu-se a opção “outra(s)”, deixando espaço no questionário para que eventuais resposta não previstas fossem discriminadas. Aqui raramente o inquirido aproveitou essa oportunidade, preferindo optar pelas alternativas

⁵³ Ver apêndice nº1

⁵⁴ Ver apêndice nº4

contempladas. Por seu turno, as perguntas abertas, na generalidade, ficaram igualmente sem resposta e naquelas em que os inquiridos se manifestaram foram bastante breves e corroborativos das questões anteriores.

Este foi aplicado aos adultos dos grupos de RVCC iniciados entre Outubro de 2009 e Abril de 2010, onde constaram certa de vinte perguntas, sendo quinze de escolha múltipla e cinco de resposta aberta. A elaboração das questões foi organizada em três grandes grupos:

- * **Bloco I** - Caracterização do Inquirido (sexo, idade, estado civil, filhos, residência, habilitações escolares, situação profissional);
- * **Bloco II** - Consciencialização sobre processos de Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida;
- * **Bloco III** - Participação no Projecto Aprender a Ser

Após ter sido dada autorização pela coordenação do CNO, para a distribuição do inquérito por questionário, procedeu-se à sua aplicação. Numa primeira fase, com a aplicação do pré-teste foi possível sinalizar a existência de itens de difícil compreensão ou inadequados à realidade e constatar eventuais dificuldades. O pré-teste foi realizado com seis adultos, tendo sido acompanhado o preenchimento da maioria dos questionários e solicitada a opinião dos inquiridos sobre algumas questões que o compunham. Este procedimento permitiu concluir que a formulação dos itens estava ao alcance dos inquiridos e que estes respondiam, na generalidade, de acordo com o objectivo pretendido na questão. Feita a análise aos pré-testes, e não tendo sido notória qualquer tipo de dificuldade, os inquéritos mantiveram os mesmos itens, uma vez que foram considerados pelos inquiridos como viáveis.

Como já foi referido no capítulo anterior, o questionário foi administrado, de forma directa, nas sessões de grupo (com a disponibilidade para o esclarecimento de qualquer dúvida que pudesse surgir), pelas profissionais de RVC responsáveis pelos mesmos, à totalidade dos elementos presentes aquando da sua distribuição, entre o mês de Junho e Julho de 2010. Recolheram-se desta forma 55 questionários, correspondente a 53,92% do universo (102 adultos).

Em ambos os questionários, após a recolha dos dados houve necessidade de proceder à sua análise estatística através do programa *Excel*. Apesar de este ser usualmente visto como um mero instrumento de cálculo, o mesmo possui potencialidades que permitem realizar estudos estatísticos de forma rigorosa através de fórmulas específicas de cálculo. Assim, numa primeira fase, procedeu-se à introdução organizada dos dados, seguindo-se a sua contagem e elaboração dos cálculos. Por fim criaram-se os gráficos que permitiram uma visualização mais concreta dos resultados obtidos. Desta forma, os respectivos dados apresentados em gráficos, foram mobilizados no decorrer do presente relatório.

Capítulo VI

REFLEXÕES FINAIS

“À força de secundarizar o essencial em relação ao urgente,
acabamos por esquecer a urgência do essencial”
(Edgar Morin)

A Intervenção e as Aprendizagens

Ao longo do primeiro ano de mestrado todas as unidades curriculares contribuíram de forma significativa para o aumento dos conhecimentos. Contudo, foi a possibilidade de realização deste estágio que permitiu a consolidação dos mesmos, bem como a aquisição de novas competências no campo da educação de adultos e alguma experiência profissional. Para além disto, o passar da teoria à prática é imprescindível aquando de um percursos de formação, pois só assim é possível compreender a teoria, uma vez que a confrontação com os desafios neste campo profissional permite uma reflexão constante sobre os mesmos.

Embora nos primeiros meses de estágio todo o trabalho realizado tenha sido um pouco de *BackOffice*, como que de um subgrupo de trabalho se tratasse, apraz salientar que existiu sempre um esforço de conjugação e articulação com toda a equipa técnico-pedagógica e, portanto, o sentimento de integração efectiva na entidade de acolhimento de estágio foi algo constante desde o início da intervenção.

Os objectivos inicialmente desenhados estiveram sempre presentes em todas as acções, sendo estes facilitadores de uma orientação para a prática. Todos os dias foram promotores de aquisição de novas aprendizagens, não apenas decorrentes das observações, mas do contacto directo com todos os elementos da equipa deste Centro Novas Oportunidades, onde a interacção, o trabalho em equipa e o diálogo foram uma constante.

A possibilidade de assistir às várias etapas do processo, desde o momento de inscrição, até à sessão de júri e também de se discutir e reflectir (em equipa) sobre aspectos e metodologias adoptadas, consideradas importantes para o sucesso e credibilização do trabalho desenvolvido nesta entidade, constituíram momentos de elevada importância para a reflexão em torno das práticas e objectivos estratégicos da educação de adultos levados a cabo por este CNO.

Para além disto, a possibilidade de experienciar o acompanhamento e orientação de grupos de adultos em processos de RVCC, quer de nível básico, quer de nível secundário, bem como de fazer parte da coordenação de um projecto de educação de adultos, permitiu a aquisição de competências profissionais (não apenas de carácter burocrático, mas também pedagógico) significativas para o exercício futuro no campo da educação e formação de adultos,

ressalvando a importância premente e permanente da reflexão crítica em torno das políticas educativas institucionais, bem como das práticas de educação e formação levadas a cabo pelas mesmas.

O Projecto e a Educação de Adultos

A verdadeira essência e utopia para a qual orientamos todos os esforços no desenho e desenvolvimento do projecto “Aprender a Ser” consistiu, essencialmente, na promoção da aprendizagem ao longo da vida.

No entanto, foi possível aferir que existe ainda um caminho muito longo a percorrer no campo da educação e formação de adultos. Subsistem ainda muitas convicções e pré-conceitos enraizados, frequentemente associadas ao envolvimento e participação em actividades/iniciativas que possibilitam a aprendizagem ao longo da vida - dos quais emergem expressões como *para que é que isso interessa?*, *eu não preciso de nada disso*, *eu já sei como é*, *por isso não vou lá fazer nada*, *isso é só para quem não tem nada que fazer*; entre outros - que necessitam ser desconstruídos.

Aqui, os Centros Novas Oportunidades poderão, por um lado, ter um papel preponderante enquanto agentes facilitadores dessa mesma desconstrução e, por outro, possibilitar a estruturação de um caminho aberto à mudança onde a promoção de uma cultura de (auto)aprendizagem e formação se tornem em algo sólido, consistente e encarado como natural à existência humana, na medida em que são a porta de entrada para a concretização efectiva deste objectivo. Isto porque o passo mais difícil já foi dado pelo indivíduo – a sua inscrição “autónoma” e “voluntária” num CNO – o que para tal tinha um objectivo concreto (o aumento das suas qualificações). Falta, portanto trabalhar todo o resto. Aqui importa, também, salientar o papel dos actores especializados nesta área de intervenção, para que o indivíduo perceba que a obtenção de determinada qualificação (independentemente da sua via de conclusão) não deve ser um fim em si mesma, mas sim uma alavanca para o envolvimento autónomo em outros processo, contextos e actividades/iniciativas de (auto)aprendizagem/formação. Todavia, essa intervenção não deve ocorrer apenas e só nestes espaços, mas também nas entidades empregadoras, em especial nos departamentos de formação e gestão de recursos humanos através de uma incidência particular nas políticas e

práticas de formação dessas mesmas entidades em articulação, não só com o trabalho do indivíduo, mas também em termos de formação pessoal e social.

Importa ainda reflectir sobre o papel que a sociedade exerce no indivíduo. Pensemos em primeiro lugar nas entidades laborais, pois é neste contexto que o indivíduo passa a maior parte do seu tempo e se não existir uma cultura de promoção e valorização do conhecimento e da aprendizagem, seja através da realização de formações dentro dos seus espaços, seja através do incentivo (que muitas vezes pode passar pela subida na carreira), torna-se “natural” para o mesmo que para o exercício da sua função nada mais precisa do que a realizar, de forma rotineira, sem qualquer questionamento.

Por outro lado, tenhamos em linha de conta o meio familiar e os círculos de amigos. Se também nestes não existir um apoio, nem for dada a devida importância à participação em actividades/iniciativas de carácter (auto)formativo (aquisição de novos conhecimentos) como por exemplo, a leitura (não só dos jornais regionais e/ou desportivos e das revistas cor de rosa, mas essencialmente de livros, independentemente do género) e/ou a formação em determinada área de interesse pessoal ou profissional, mais uma vez, o indivíduo não se sentirá suficientemente “seguro” para dar esse passo, pois o pensamento adjacente muito provavelmente será: *para que é que irei fazer isto se toda a gente me diz que não irá servir para nada?*

Para além destes, temos também toda a dinâmica social, familiar e profissional que muitas vezes se impõe a qualquer desejo ou ambição do indivíduo. Aqui enquadra-se especialmente a situação profissional, sendo que aqueles que se encontram empregados alegam que o factor “tempo” e o excesso de trabalho se apresentam como principais constrangimentos, seguindo-se os filhos (pequenos), frequentemente também apresentados como justificação para a falta de “tempo” e disponibilidade.

Quanto às principais conclusões do projecto de investigação e de intervenção podemos aferir que neste contexto o envolvimento em processos e acções de desenvolvimento de competências e/ou para a aquisição de novos conhecimentos, não fazem parte dos rituais daqueles que passam por processos de RVCC. Apesar de o factor tempo ter sido frequentemente mencionado nos discursos dos adultos e até apontado no inquérito por questionário como a principal razão da não participação nas actividades realizadas no decorrer do projecto AS, não nos pareceram convincentes, arriscando-nos a dizer que, provavelmente, a principal causa

poderá ser mesmo a “falta de interesse”. Este motivo não nos parece estranho na medida em que, se atendermos aos contextos e percursos de vida destas pessoas, a educação, a aprendizagem e a formação nunca foram alvo de grande aposta, ou porque a vida não lhes permitiu ou, porque nunca sentiram necessidade de ir para além daquilo que sabiam para gerir o dia-a-dia profissional, familiar e social de forma regular. Por outro lado, foi igualmente perceptível que as pessoas querem aprender, mas existe ainda um longo trabalho a desenvolver, junto a estas, no sentido de desconstruir a percepção da aprendizagem exclusivamente associada à obtenção de uma certificação ou de um diploma, isto é associada à educação/aprendizagem não formal.

Tendo em conta a evolução histórica da Educação de Adultos em Portugal, neste momento a iniciativa Novas Oportunidades é a bandeira da qualificação escolar e profissional. Ora, se pensarmos que existe toda uma divulgação no sentido de incentivar as pessoas integrarem processos de qualificação com vista ao aumento de qualificações (apostando e valorizando-se por si só na certificação), a promoção e, também a explicação, da importância da participação num outro conjunto diversificado de ofertas de educação/aprendizagem, de carácter não-formal e informal, que complemente os processos de qualificação seguidos (independentemente da via – cursos EFA, processos de RVCC, FM, etc.) torna-se complicada.

No que respeita à continuidade do projecto “Aprender a Ser” após o término deste estágio, essa poderá ser uma possibilidade, mas provavelmente seria oportuno repensar-se: em primeiro lugar, na sua forma de implementação, visto que o deixar ao livre arbítrio do adulto a decisão de participar ou não nas actividades realizadas não levou às sessões um grande número de participantes⁵⁵; em segundo lugar, nas dinâmicas e tipologias de actividades a serem realizadas, procurando ir de encontro, não só, às expectativas e interesses de aprendizagem atempadamente expressos pelos adultos, mas também que facilitem uma articulação visível com os desenvolvimentos previstos aquando do desenrolar das áreas de competências-chave nos processos de RVCC de ambos os níveis; e, em terceiro lugar, na sua descentralização, para, por exemplo, as itinerâncias realizadas nas Juntas de Freguesia, locais onde provavelmente a receptividade e participação efectiva seria muito maior, podendo ali ser encarado como uma oportunidade de aprendizagem.

⁵⁵ Importa aqui relembrar que a determinada altura os participantes eram praticamente os mesmos nas actividades.

Considerando a necessidade de multiplicar as oportunidades de aprendizagem (Canário, 2006), sentimos que, na realidade, colocámos a primeira pedra na construção desse caminho, estando sempre conscientes de que a própria ambição do projecto necessitaria de um esforço muito mais longo, no tempo, e persistente, para que os obstáculos identificados pudessem vir a ser ultrapassados. No entanto, temos consciência de que a aprendizagem é algo inerente a todo o indivíduo, que todos os contextos são de aprendizagem e neste sentido, todas as aprendizagens desencadeiam-se ao longo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maryline *et al.* (2008). *Metodologia de Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento de Adultos: Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.

AFONSO, Almerindo J. & ANTUNES, Fátima (2001). Educação, Cidadania e Competitividade: algumas questões em torno de uma nova agenda teórica e política. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.ºs 21-22, pp.5-31.

AFONSO, M^a da Conceição & FERREIRA, Fernanda (2007). *O Sistema de Educação e Formação Profissional em Portugal. Descrição Sumária*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. [Em Linha]. Consultado em 12 de Fevereiro de 2008, disponível em http://www.trainingvillage.gr/etv/Information_resources/Bookshop/publication_details.asp?pub_id=475.

ALONSO, Luisa *et al.* (2002). *Referencial de Competências-Chave – Educação e Formação de Adultos*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.

AMBRÓSIO, Susana Isabel Janeiro (2007). CRVCC – Um Centro de Novas Oportunidades. In Maria Conceição Antunes (coord.), *Educação de Adultos e Intervenção Comunitária II*. Coimbra: Almedina.

ANTUNES, Fátima (2008a). *Nova Ordem, Educacional, Espaço Europeu de educação e Aprendizagem ao Longo da Vida: Actores, Processos, Instituições, Subsídios para Debate*. Coimbra: Almedina.

ANTUNES, Fátima (2008b). Pedagogias, competências e mediações: da competency-based training ao projecto Tuning. *Página da Educação*, n.º180, p. 9.

ANTUNES, Fátima (2008c). Educação e trabalho: perspectivas no século XXI. Um olhar desde a semiperiferia Europeia. *Revista da Rede de Estudos do Trabalho*. Ano II, número 3. [Em Linha]. Consultado a 10 de Agosto de 2010 e disponível em: www.estudosdotrabalho.org/7Fatima%20Antunes.pdf.

ARAÚJO, Maria Cidália & COUTINHO, Clara Pereira (2009). *A Iniciativa Novas Oportunidades e o combate à info-exclusão da população adulta*. In *Actas do X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 10, Bragança, 2009 –. [Em Linha]. Consultado a 16 de Outubro de 2009, disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9353/1/comunica%C3%A7%C3%A3o_%20Cc.pdf.

BENAVENTE, Ana (coord.) (1995). *Estudo Nacional de Literacia: relatório preliminar*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

BACALHAU, Mário (1974). Educação: as dimensões de um verdadeiro movimento popular. *Revista Flama* nº 1378. Centro de Documentação 25 de Abril, Universidade de Coimbra [Em Linha]. Consultado a 09 de Outubro de 2010, disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=flama7929>.

BECKER, Gary S. (1964). *Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education*. Chicago: University of Chicago Press, 3rd. edition.

BELL, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BOWDEN, John & MARTON, Terence (1998). *The University of Learning – beyond quality and competence in higher education*. London: Kogan Page.

CANÁRIO, Rui (2007). Multiplicar as oportunidades educativas. In Portugal. Conselho Nacional de Educação (org.), *Aprendizagem ao Longo da Vida no Debate Nacional sobre Educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp. 167-173.

CANÁRIO, Rui (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In Licínio C. Lima, José Augusto Pacheco, Manuela Esteves & Rui Canário, *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 195-247.

CANÁRIO, Rui (1999). *Educação de Adultos. Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

CARDOSO, Carlos Cabral (2002). Ética e políticas éticas em contexto empresarial. In Miguel Pina e Cunha & Susana Braga (orgs.), *Manual do Comportamento Organizacional*. Lisboa: Edições RH, pp. 225-239.

CARNEIRO, Roberto, (coord.), FIGUEIREDO, António, LIZ, Carlos, AZEVEDO, Joaquim, GOMES, Maria do Carmo, PEDROSO, Pedro (2007). *Avaliação ex-ante do programa Operacional Temático para o Potencial Humano*. Lisboa: Relatório. [Em Linha]. Consultado a 05 de Maio de 2009, disponível em: http://www.poph.qren.pt/upload/docs/apresenta%C3%A7%C3%A3o/Estudos_Avalia%C3%A7%C3%A3o_Ex_Ante_POPH.pdf.

CATÁLOGO NACIONAL DE QUALIFICAÇÕES (2008). *Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências*. [Em Linha]. Consultado em 21 de Fevereiro, disponível em: <http://www.catalogo.anq.gov.pt/rvcc/Paginas/default.aspx>.

CASTILLO, Juan (1998). *Qualificação do trabalho e distritos industriais. Novos modelos de produção*. Oeiras: Celta Editora.

CENTRO INTERAMERICANO PARA EL DESARROLLO DEL CONOCIMIENTO EN LA FORMACIÓN PROFESIONAL. *Modelos de Certificação na União Europeia*. [Em Linha]. Consultado a 01 de Junho de 2010, disponível em: http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/complab/evento/sem_belo/turin.pdf.

CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES TECNINHO (2010). *Regulamento Interno de Funcionamento*. Braga.

COHEN, L. & MANION, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.

COOMBS, Philip H. (1976). Nonformal Education: Myths, Realities, and Opportunities. *Comparative Education Review*, Vol. 20, nº3, pp. 281-293.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2006). *Educação de adultos: nunca é tarde para aprender*. Bruxelas, 23 de Novembro. [Em Linha]. Consultado a 29 de Outubro de 2009, disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0614:FIN:PT:PDF>.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2004). *Comunicado de Maastricht sobre as prioridades futuras da cooperação europeia reforçada em matéria de ensino e formação profissionais (EFP)* – Revisão da Declaração de Copenhaga. Maastricht, 14 de Dezembro.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2002). Declaração dos Ministros Europeus da Educação e Formação Vocacionais e da Comissão Europeia sobre o *Reforço da Cooperação Europeia em Educação e Formação Vocacional - "A Declaração de Copenhaga"*. Copenhaga, de 29 a 30 de Novembro.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2001). *Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade*. Comunicado da Comissão. Bruxelas, 11 de Novembro.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2000). *Memorando sobre a Aprendizagem ao longo da vida*. Bruxelas, 30 de Novembro.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (1995). Livro Branco sobre a Educação e a Formação. *Ensinar e Aprender Rumo à Sociedade Cognitiva*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

COSTA, António Firmino da (2005). A pesquisa de terreno em Sociologia. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 13ª Edição, pp.129-148.

COSTA, Auxilia P.F. da (2005). *Competências Adquiridas ao Longo da Vida. Processos, Trajectos e Efeitos*. Tese de Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

DECRETO-LEI nº 396/2007. D.R. I Série. 251, de 31 de Dezembro (estabelece o regime jurídico do Sistema Nacional de Qualificações e define as estruturas de asseguram o seu funcionamento).

DELORS, Jacques et al. (1996). *Educação - Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora.

DESPACHO nº 29856/2007, de 27 de Dezembro (estabelece o procedimento para a acreditação de avaliadores externos que integram o júri de processos RVCC nos Centros Novas Oportunidades).

DIAS, José Ribeiro (coord.) *et al.* (1983). *Curso de Iniciação à Educação de Adultos*. Braga: Unidade de Educação de Adultos – Universidade do Minho.

DIAS, José Ribeiro (1982). *A Educação de Adultos. Introdução à história*. Braga: Universidade do Minho, Projecto de Educação de Adultos, 3ª Edição.

DUBAR, Claude (1997). Formação, Trabalho e Identidades Profissionais. In Rui Canário (org.), *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, pp. 43-51.

DUBAR, Claude (1995). *La formation professionnelle continue*. Paris: La Découverte.

EDWARDS, Richard (1997). *Changing Places? Flexibility, Lifelong Learning and a Learning Society*. Londres: Routledge.

ESTELLA, António Monclús & VERA, Carmen Sabán (2008). La enseñanza en competencias en el marco de la educación a lo largo de la vida y la sociedad del conocimiento. *Revista Iberoamericana de Educación*. Nº 47, Agosto/Maio. [Em Linha]. Consultado a 04 de Agosto de 2010, disponível em: <http://www.rieoei.org/rie47a08.htm>.

ESTÊVÃO, Carlos V. (2003). Ideologia e Gestão das Competências. *Teorias e Práticas da Educação*. Vol. 6, nº 13, pp.209-357.

FAURE, Edgar *et al.* (1972). *Aprender a Ser*. Paris: UNESCO.

FERNÁNDEZ, Florentino Sanz (2006). As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas. Lisboa: Educa | Unidade de I&D de Ciências da Educação. Cadernos SÍSIFO 2.

FERREIRA, Aurélio (2007). *O Centro de RVCC na Escola. Impacto do Processo de RVCC no Percurso dos Adultos e da Escola*. Dissertação de Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.

FIELD, John (2001). Lifelong education. *International Journal of Lifelong Education*, vol.20, n°1 e 2, pp. 13-14.

GOMES, Maria do Carmo (2006). *Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário*. Lisboa: Direcção-Geral de Formação Vocacional.

GÓMEZ, José A. & CARTEA, Pablo Angel M. (1995). A Perspectiva Ecológica: Referências para o conhecimento e a praxis educativa. In Adalberto Dias de Carvalho (org.), *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 137-164.

GUERRA, Isabel Carvalho (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*. Lisboa: Principia.

KALLEN, Denis (1996). A Aprendizagem ao Longo da Vida em retrospectiva. *Revista Europeia de Formação Profissional*. N°8/9, pp.16-22.

KING, Kenneth (1982). Formal, Nonformal and Informal Learning: Some North-South Contrast. *International Review of Education / Internationale zeitschrift für erziehungswissenschaft / Revue Internationale de l'Education*. Vol.28, N°2, pp.177-187.

LA BELLE, Thomas J. (1976). Introduction. *Comparative Education Review*, vol. 20, n° 3, pp. 278-280.

LE BOTERF, Guy (2000). *Construire les competences individuelles et colectives*. Paris: Les Les Edition d'Organization.

LE BOTERF, Guy (1994). *De la compétence. Essai sur un atracteur étrange*. Paris: Les Edition d'Organization.

LIMA, Licínio (2007). *Entre a mão esquerda e a mão direita de Miró*. São Paulo: Cortez.

LIMA, Licínio (2004). Políticas de Educação de Adultos: da (não) reforma às decisões políticas pós-reformistas. In Licínio Lima (org.) *Educação de Adultos. Forum III*. Braga: Unidade de Educação de Adultos, Universidade do Minho, pp. 19-44.

- MELO, Alberto; LIMA, Licínio C. & ALMEIDA, Mariana (2002). Para uma política pública de educação de adultos em Portugal. In *Novas Políticas de Educação e Formação de Adultos. O Contexto Internacional e a Situação Portuguesa*. Lisboa: Anefa, pp. 103-128.
- MELO, A., QUEIRÓS, A. M., SILVA, A. S., SALGADO, L., ROTHES, L. & RIBEIRO, M. (1998). *Uma Aposta Educativa na Participação de Todos*. Documentos de estratégia para o desenvolvimento da educação de adultos. Lisboa: Ministério da Educação.
- MELO, Alberto (1981). Educação de Adultos: Conceitos e Práticas. In Maria Silva (coord.) *O Sistema de Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.355-382.
- MENDONÇA, Maria Amélia & CARNEIRO, Maria Ana (2009). *Iniciativa Novas Oportunidades. Primeiros Estudos de Avaliação Externa. Políticas Públicas*. Caderno Temático 1. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação L., P. e Universidade Católica Portuguesa.
- NÓVOA, António (2007). É preciso manter uma vigilância crítica sobre o reconhecimento de adquiridos. *Aprender ao Longo da Vida*, nº 7, pp. 10-18.
- NUNES, Adérito Sedas (1987). *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Presença.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO [OIT] (2003). *Learning and Training for Work in the Knowledge Society*. Geneva: International Labour Conference, 91st Session.
- PALHARES, José Augusto (2009). Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. *Revista Portuguesa de Educação*. Vol. 22(2), pp. 53-84.
- PALHARES, José Augusto (2007). *Um olhar retrospectivo sobre a educação não-formal: A institucionalização, as dinâmicas e as reconfigurações actuais de um subcampo educativo*. In *Actas do XIV Colóquio da AFIRSE. Para um Balanço da Investigação em Educação de 1960 a 2005. Teorias e Práticas*. Lisboa: Educa/Unidade de I&D de Ciências de Educação.
- PERETZ, Henri (2000). *Métodos em Sociologia: a Observação*. Lisboa: Temas e Debates.
- PERRENOUD, Philippe (2002). *A Escola e a Aprendizagem da Democracia*. Porto: Edições ASA.

PINTO, Luis Miguel Castanheira Santos (2007). *Educação não formal: um contributo para a compreensão do conceito e das práticas em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

PINTO, Susana Cristina & ALVES, Maria Palmira (2009). *Práticas de Reconhecimento e Validação de Aprendizagens Adquiridas pela Experiência: consequências para a avaliação na escola e na formação profissional*. In *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. [Em Linha]. Consultado a 31 de Maio de 2010 e disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t8/t8c290.pdf>.

PIRES, Ana L. O. (2005). *Educação e Formação ao longo da vida: Análise Crítica dos Sistemas e Dispositivos de Reconhecimento e Validação de Aprendizagens e de Competências*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT/MCES.

PIRES, Ana L. de O. (1999). A aprendizagem experiencial dos adultos. *Revista Formar, revista de formadores*, nº31, pp. 27-36.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

REINBOLD, Marie-France & BREILLOT Jean-Marie (1993). *Gérer la compétence dans l'entreprise*. Paris: Ed. L' Harmattan.

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS n.º 173/2007 de 07 de Novembro.

ROGERS, Alan (2004). *Non-Formal Education. Flexible Schooling or Participatory Education?*. Hong Kong: University of Hong Kong/Kluwer Academic Publishers.

SÁ, Virgínio (1997). *Racionalidades e Práticas na Gestão Pedagógica. O caso do Director de Turma*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

SÁ, Rosanna Maria Barros (2009). *Políticas para a Educação de Adultos em Portugal – A Governação Pluriescalar da «Nova Educação e Formação de Adultos» (1996-2006)*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Tese de Doutoramento em Educação, área do Conhecimento em Sociologia da Educação.

SERRANO, Gloria Pérez (coord.) (2000). *Modelos de Investigación Cualitativa en Educación Social y Animación Sociocultural. Aplicaciones Prácticas*. Madrid: Narcea.

SILVA, Paulo (2008). Introdução Editorial. *Newsletter mensal do CNO da TecMinho*, nº1. [Em Linha]. Consultado a 12 de Novembro de 2010, disponível em: www.tecminho.uminho.pt/newsletter/cno/news_01-html.

SILVA, Augusto Santos & PINTO, José Madureira (2005). Uma visão global sobre as ciências sociais. In Augusto S. Silva & José M. Pinto (orgs.), *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 13ª Edição, pp. 9-27.

SMITH, Mark K. (1997, 2005). *Non-formal Education*. Infed – The Encyclopedia on Informal Education. [Em Linha]. Consultado a 06 de Outubro de 2009, disponível em: <http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm>.

SOUZA, João Francisco de (2007). Educação popular e movimentos sociais no Brasil. In Rui Canário (org.), *Educação Popular & Movimentos Sociais*. Lisboa: Educa/UIDCE, pp. 37-48.

STOER, Stephen R. & MAGALHÃES, António M. (2005). *A Diferença Somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas Sociais*. Porto: Afrontamento.

STOER, Stephen R. & MAGALHÃES, António M. (2002). A Nova Classe Média e a Reconfiguração do Mandato Endereçado ao Sistema Educativo. *Educação, Sociedade & Cultura*, nº 18, pp. 25-40.

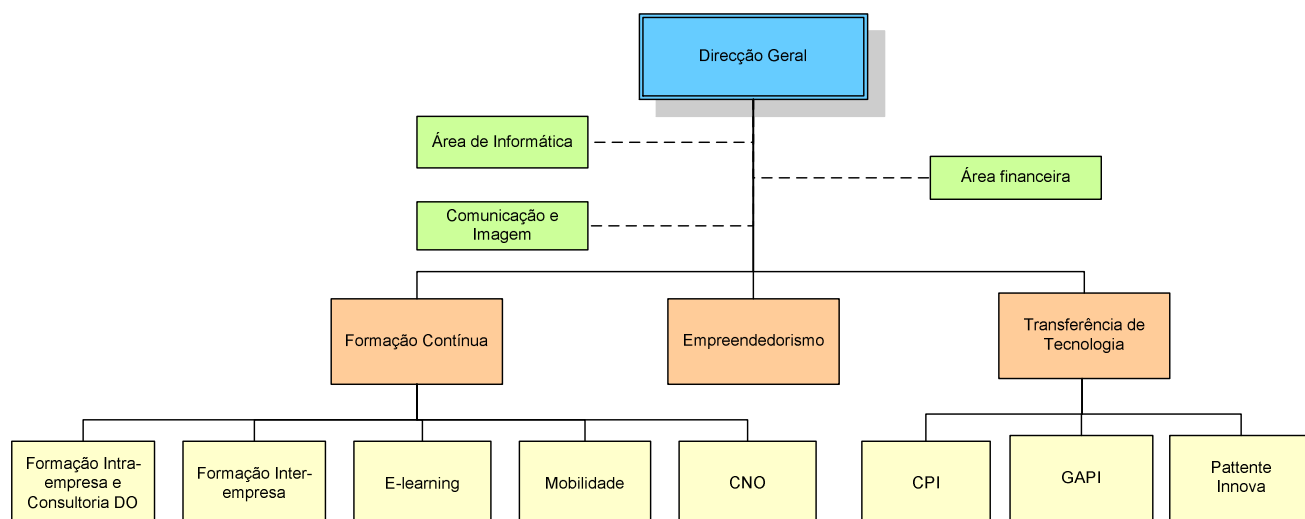
SULEMAN, Fátima (2000). Empregabilidade e Competências-chave: do conceito de competências às competências chave. In Helena Lopes & Fátima Suleman (coord.), *Estratégias Empresariais e Competências-Chave*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional, pp. 79-116.

TECMINHO – Associação Universidade Empresa para o Desenvolvimento. Consultado em 25 de Junho de 2009, disponível em: www.tecminho.uminho.pt.

TERSAAC, Gilbert (de) (1998, 1996). Savoir, compétences et travail. In Jean-Marie Barbier (org.), *Savoir théorique et saviors d'action*. Paris: PUF, pp. 223-248.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO (1976). *Recommendations on the development of adult education*. Adopted by the General Conference at its nineteenth session. Nairobi, 26 November 1976.

ANEXOS

ORGANIGRAMA TECMINHO

LISTAGEM DE ENTIDADES COM AS QUAIS A O CNO TECMINHO TEM PROTOCOLO

Designação da Entidade	Tipologia
Associação Cultural e Recreativa de Cabreiros	Associativa
BV Taipas	Associativa
Motoclube de Braga	Associativa
ANJE - Associação Nacional de Jovens Empresários	Associativa / Formadora
Safira Services, SA	Empregadora
Universidade do Minho	Empregadora
Viagens Abreu	Empregadora
Blaupunkt Auto-Rádio Portugal, Lda	Empregadora
CH Business	Formadora
Expoente	Formadora
Forvisão - Consultoria em Formação Integrada, Lda	Formadora
XZ Consultores	Formadora
Junta de freguesia da Sé	Autarquia
Junta de Freguesia de Crespos	Autarquia
Junta de Freguesia de Mire de Tibães	Autarquia
Junta de Freguesia de Parada de Tibães	Autarquia
Junta de Freguesia de Merelim S.Paio	Autarquia
Junta de Freguesia de Panóias	Autarquia
Junta de Freguesia de Padim da Graça	Autarquia
Junta de Freguesia de Esporões	Autarquia
Junta de Freguesia de Lamas	Autarquia
Junta de Freguesia de Cabreiros	Autarquia
Junta de Freguesia de São Lázaro	Autarquia
Junta de Freguesia de Dume	Autarquia
Junta de Freguesia de Cunha	Autarquia

EXEMPLAR DE UM CARTAZ DE ACTIVIDADES (PROJECTO APRENDER A SER)



Actividades do mês de Janeiro - Tema: Estilos de Vida Saudável



Sessões de Informação / Workshop

“Alimentação e Exercício Físico”

Docentes da Licenciatura em Enfermagem da Universidade do Minho
19-01-2009 das 19:00 às 21:00
Local: Anfiteatro do Edifício dos Congregados da Universidade do Minho

“Tabaco: consequências e tratamento”

Docentes da Licenciatura em Enfermagem da Universidade do Minho
26-01-2009 das 19:00 às 21:00
Local: Anfiteatro do Edifício dos Congregados da Universidade do Minho



Oficina das TIC

“As TIC ao serviço da Saúde e Estilos de Vida Saudável”

28-01-2009 das 19:30 às 21:30
Local: CNO da TecMinho



Oficina dos Números

“Como a Matemática pode ser útil para a Saúde”

21-01-2009 das 19:30 às 21:30
Local: CNO da TecMinho



Actividades Sociais

“Oportunidades a dar Sangue”

Recolha de Sangue levada a Cabo pelo Instituto Português do Sangue
25-01-2009 das 09:30 às 19:00



Actividades Culturais e de Lazer

“Corpo São, Mente Sá”

Sessão de Yoga, levada a cabo pelo Yoga Braga

30-01-2009 das 15:00 às 16:00
Local: Ginásio do Edifício dos Congregados da Universidade

Apresentação Pública do Projecto Dia 14 de Janeiro pelas 19horas, Anfiteatro do Edifício dos Congregados

Inscrições

Para participar nestas actividades terá de fazer uma pré-inscrição até dois dias antes da data de cada actividade, através de uma das seguintes formas:

- Presencialmente nas instalações do CNO da TecMinho
- Por telefone (253604010)
- Por e-mail (cno@tecminho.uminho.pt)



Informações:

Para qualquer esclarecimento de dúvidas poderá contactar para:

- E-mail: cno@tecminho.uminho.pt
- Telefone: 253 604 010



Edifício dos Congregados da Universidade do Minho
Avenida Central, nº100 | 4700-029 Braga

Tel. 253 604 010 | Fax 253 604 019 | www.tecminho.uminho.pt | cno@tecminho.uminho.pt | <http://aprenderasertecminho.blogspot.com>

EXEMPLAR DE UMA FICHA DE INSCRIÇÃO (PROJECTO APRENDER A SER)



Actividades do mês de Abril

Tema: Democracia (direitos, liberdades e garantias)

Ficha de Inscrição

Nome: _____

Contacto telefónico: _____

Contacto de E-mail: _____

Actividades em que vou participar (assinalar com um X) *

Aula de Body Vibe (exercício f " Um momento de exercício, um instante de liberdade" <u>10-04-2010 às 11:00</u>	
Oficina de Língua Portuguesa "A liberdade da língua portuguesa na actualidade" <u>29-04-2010 das 18:00 às 19:30</u>	

* A inscrição em cada actividade deverá ser efectuada até dois dias antes da mesma.



Edifício dos Congregados da Universidade do Minho
Avenida Central, nº100 | 4700-029 Braga
Tel. 253 604 010 | Fax. 253 604 019 | www.tecminho.uminho.pt | cno@tecminho.uminho.pt

BROCHURA DO PROJECTO APRENDER A SER



CNO da TecMinho espera poder contar com a sua participação activa!



Actividades a desenvolver:

Sessões de Informação/Workshop - contam com a presença de um especialista sobre um tema, que partilhará com os participantes informações relevantes e responderá a perguntas / dúvidas dos participantes;

Oficinas - constituem-se como sessões de aprendizagem, com participação voluntária dos adultos, no âmbito das quais, com o apoio / facilitação de um tutor / formador, adquirem saberes em diferentes áreas (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, TIC, Matemática, Artes, ...);

Clube de Leitura e Cinema - actividades estruturadas que permitem o contacto dos participantes com a leitura e o cinema, entendidas como áreas fundamentais para a aquisição de saberes em diversas áreas;

Cultura e Lazer- actividades de natureza diversa (exposições, visitas a museus, participação em peças de teatro, actividades físicas / desportivas diversas, ...) organizadas em função de temas, que têm como objectivo desenvolver a dimensão cultural e de bem-estar dos participantes;

Concursos - desafios lançados aos participantes em diferentes áreas (fotografia, poesia, pintura, prosa, artes diversas, ...) que permitem a exploração / desenvolvimento integrado de competências em diversos domínios;

Iniciativas Sociais - actividades de natureza diversa (voluntariado, apoio a causas sociais, doação de sangue, ...), que promovem o reforço de valores fundamentais, conjugados com uma intervenção social activa.

**Projecto
Educação de Adultos**

Janeiro a Junho de 2010



**CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES
TECMINHO**

Edifício dos Congregados da Universidade do Minho
Avenida Central, nº 100 | 4700-029 Braga

Tel.: 253 604 010

Fax: 253 604 019

E-mail: cno@tecminho.uminho.pt

Blog: <http://aprenderasertecminho.blogspot.com>

Fórum: <http://aprenderaser.forumeiros.com>

Desenvolver potencialidades, criar oportunidades!

Algumas vantagens em participar

- Reforçar competências estruturantes e fundamentais para a sua actuação enquanto cidadão, nas diferentes esferas da sua vida;
- Melhorar a capacidade crítica e interpretativa dos contextos em que está inserido (a) e de outros contextos mais alargados;
- Intervir, de forma consciente, para a resolução dos seus problemas e dos problemas da sociedade em que participa;
- Melhorar a sua empregabilidade, explorando competências e projectos futuros, de acordo com a evolução do mundo profissional, contribuindo para a manutenção ou criação de emprego;
- Desenvolver competências de auto-aprendizagem, de forma a ser mais autónomo na aquisição e desenvolvimento de saberes relevantes para as diferentes dimensões / contextos da sua vida.

Finalidade

Promover, nos adultos que se encontram ou já terminaram processos de qualificação no CNO do Técnico e de forma complementar ou paralela a esses processos, numa perspectiva de educação / aprendizagem ao longo da vida, o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, no sentido de serem cidadãos cada vez mais conscientes, críticos e participativos nos diferentes contextos da sua vida.

Destinatários:

Adultos inscritos no Centro Novas Oportunidades do Técnico, independentemente da fase em que se encontrem e do nível de qualificação.

Estratégia de Operacionalização

A operacionalização deste projecto terá por base diferentes actividades, que serão implementadas em associação a temas relevantes para a generalidade dos adultos. Por cada mês seleccionar-se-á um tema, que servirá de enquadramento para as diferentes actividades a levar cabo.

Alguns temas a trabalhar:

- Estilos de Vida Saudável
- Consumo e Gestão Familiar
- Ambiente e Energia
- Democracia (direitos, liberdades e garantias)
- Gestão da carreira profissional
- Educação parental / familiar

CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES TÉCNICO

Edifício dos Congregados da Universidade do Minho
Avenida Central, nº 100 | 4700-025 Braga

Tel.: 253 604 010
Fax: 253 604 019

E-mail: cnoc@tecninho.uniminho.pt

Blog: <http://aprenderseatecninho.blogspot.com>

Fórum: <http://aprenderseatecninho.forumairos.com>

Data:

Hora Fim:

APÊNDICES



Questionário de Avaliação de Satisfação

Este questionário tem por finalidade aferir o grau de satisfação de todos os participantes nesta actividade, sendo este de carácter **anónimo** e **confidencial**.

O CNO da TecMinho agradece a sua colaboração!

1. Actividade em que participou: _____

2. Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
-----------	--------------------------

Feminino	<input type="checkbox"/>
----------	--------------------------

3. Estado Civil: _____

4. Qual o seu nível de habilitações: _____

5. Qual a sua idade? _____

6. Qual a sua situação face ao emprego:

Doméstico(a)	<input type="checkbox"/>
Desempregado(a)	<input type="checkbox"/>
Empregado (a)	<input type="checkbox"/>
Reformado (a)	<input type="checkbox"/>
Outra situação	<input type="checkbox"/>

7. Qual a relação com o CNO da TecMinho?

Não está inscrito no CNO da TecMinho	<input type="checkbox"/>
Está apenas inscrito, mas ainda não realizou nenhuma acção	<input type="checkbox"/>
Está na fase de diagnóstico e encaminhamento	<input type="checkbox"/>
Está a aguardar início de processo de RVCC	<input type="checkbox"/>
Está em processo de RVCC	<input type="checkbox"/>
Concluiu o processo de RVCC	<input type="checkbox"/>

8. Participei nesta actividade porque:

	SIM	NÃO
Queria aprender coisas novas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Queria aprofundar os meus conhecimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Queria estar em convívio com os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Queria conhecer novas pessoas / estabelecer novos contactos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. As informações / aprendizagens adquiridas nesta actividade:

	SIM	NÃO
Complementaram o conhecimento que já tinha sobre esta temática		
Permitiram-me reflectir sobre as minhas práticas do dia-a-dia		
Poderão ser importantes para os meus trabalhos ao longo do processo de RVCC		
Por serem importantes, vou aconselhar outras pessoas a participar		
Por serem importantes, vou transmitir aos meus amigos, colegas e familiares os conhecimentos adquiridos		
Vou esquecer tudo, pois não considero as informações/aprendizagens sejam assim tão importantes		

10. Esta actividade foi de encontro às suas expectativas?

SIM	
-----	--

NÃO	
-----	--

Porquê?

11. Para mim esta actividade foi:

Excelente	
Muito Boa	
Boa	
Satisfatória	
Insatisfatória	

Obrigado!

Guião de Entrevista aos Adultos

1. Dados pessoais

- Idade
- Estado civil
- Tem filhos
- Onde reside
- Onde nasceu
- Situação profissional

2. Percorso escolar (Infância/Juventude)

- Nível de escolaridade
- Local da escola
- Dificuldades
- Porque saiu da escola
- Outras actividades para além da escola

3. Percorso Profissional

- Primeiro emprego
- Profissões que teve
- Tarefas/responsabilidades
- Profissão actual
- Relevância das experiências profissionais

4. Actividades Sociais e Culturais

- Tempos livres
- Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.
- Participação em associações/clubes desportivos / assembleia da freguesia/ranchos/bandas de música/grupos de teatro

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

- Tipos
- Frequência
- Motivos da participação
- Importância da participação

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho
- Inscrição
- Razões / Motivos
- Processo de qualificação que frequenta/frequentou
- Dificuldades
- Representações sobre o processo e a certificação

7. O projecto Aprender a Ser

- Conhecimento do projecto
- Razões / Motivações da participação
- Aprendizagens
- Importância da participação
- O que pensa sobre o projecto
- O que pensa sobre o baixo nº de participantes

8. Traços da personalidade

- Auto-caracterização
- Projectos para o futuro

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

1. Dados pessoais

- **Idade** 45 Anos

- **Tem filhos** Tenho dois filhos.

Os dois filhos estão a estudar? O mais novo está no 11º ano num curso de artes, e o mais velho está no 12º ano e está a tirar um estágio de secretariado

- **Onde reside** Em São Lázaro, em Braga.

- **Situação profissional** Estou desempregada.

2. Percorso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade** Tenho a 4ª classe porque não continuei os estudos porque tinha medo de ir para a escolar (...) Era muito tímida, muito envergonhada no recreio sentava-me sozinha.

Depois fez Foi para o segundo ciclo? Não cheguei a ir, a minha mãe foi me fazer a matrícula mas depois no dia de eu apresentar-me na escola eu chorei, chorei, chorei que a minha mãe não me levou, porque eu não quis (...) Era diferente, e eu já aqui já era muito envergonhada e aqui para baixo a escola era muito maior que aquela e eu metia-me aquilo na cabeça e não sabia como me dar com as salas, e eu metia-me aquilo na cabeça e não quis. E passados uns anos arrependi-me bastante, porque estou agora a passar o que estou, porque nessa altura não ter continuado.

Que recordações tem da escola? Gostar gostava, mas era muito envergonhada. São boas, gostava tenho boas recordações quando vinha para aqui, mas tenho uma que não me vou esquecer porque nós éramos obrigados a usar bata e no fim-de-semana tínhamos que lavar a bata para trazer na segunda e eu muitas vezes esquecia-me e a professora mandava-nos outra vez a casa buscar a bata tínhamos que ir a pé a casa e vir para trazer a bata.

O que é que acha da escola de antigamente e da escola de agora tem muitas diferenças? Eu acho que sim, acho que há muita diferença, antes na escola não se fazia o que se faz agora, antes havia uma parte para raparigas e outra para rapazes não juntavam, agora é diferente têm mais liberdade do que nós tínhamos naquela altura.

E do que é que mais gostava da escola? Era do Português, porque gostava muito de ler e fazia as composições lá na escola. Lia e continuo a ler, porque é uma das coisas que eu gosto é de ler. Li e gosto de ler, sempre que eu posso eu leio.

O local da sua escola da primária? Eu a primária andei aqui, (na TecMinho) dantes era a escola... Vinha a pé. Ainda Era um bocado longe.

Não havia transporte naquela altura? Havia só que como vínhamos muitos a pé, vinha a minha mãe trazer nos e vínhamos a pé. Naquela altura não tínhamos carro e vínhamos todos a pé.

- **Dificuldades:** A minha maior dificuldade era a matemática como quase toda a gente, e também as aulas de desenho que tínhamos que desenhar e eu não sei nada, nada, nada de desenho. Era uma dificuldade para mim quando havia uma aula de desenho, isso para mim não dava.

- **A escola teve algum papel quando saiu?** Não, não porque naquela altura não era obrigatório seguir a estudar e por isso ninguém fez nada, porque se fossem a casa claro que eu tinha que ir, mas não fizeram nada.

E os seus pais? Os meus pais insistiam comigo para ir para a escola, mas eu não queria. Eu chorava, eles bem insistiam os meus irmãos vieram mas eu não.

O que acha que ganhou ou perdeu ao sair da escola? Eu acho que não, não ganhei nada porque estou nesta situação se continuasse os estudos acho que não estava como estou agora.

Acha que teria uma vida diferente? Acho, acho porque eu agora em todo o lado que vou para arranjar um emprego no mínimo eu tenho que ter o 6º ano, e eu não tenho, e eu tenho a 4ª classe para mim não dá para nada e se continuasse os estudos tinha o 6º e conseguia arranjar alguma coisa (...) Eu se continuasse a estudar seria enfermeira.

- **Outras actividades para além da escola:** Não isso tudo fiz depois de adulta.

3. Percorso Profissional

- **Primeiro emprego e Profissões que teve (Tarefas/responsabilidades) - Então quando saiu da escola o que é que fazia?** Eu fiquei em casa com a minha mãe, a minha mãe ensinou-me os trabalhos de casa e depois comecei a tomar conta de crianças. Eram vizinhas, tenho algumas que já casou, e que tem uma menina e eu já tomei conta da menina dela. Crianças tomei conta e depois fui trabalhar aos dias, era a única coisa que eu arranjei depois consegui ir para uma fábrica, duas fábricas que já fecharam. Andei eu assim (...) O que eu mais gostei foi na escola, porque eu também depois trabalhei numa escola foi essa que eu mais gostei... Na escola era tarefaira. Lá só trabalhava à hora. Trabalhava de tarde das 2h às 7h da tarde. Mas quando as crianças vinham cá para fora na hora do intervalo, eu tinha que tomar conta delas fora disso tinha que limpar as salas, tinha que limpar as casas de banho, os corredores, tudo. Tudo o que os professores precisassem nós é que tínhamos que dar. Pronto era isso que eu fazia. Foi a primeira vez que foi para uma escola. Gostei muito.

Portanto fez de tudo para ficar lá? Sim fiz de tudo, e queria ficar só que naquele ano a escola mudou para a republicana e o Mesquita Machado acabou com as tarefairas porque eram eles que pagavam as tarefairas.

E a escolaridade teve alguma influência? Ao concurso eu concorri só que eu só tinha a 4ª classe e não tinha curso nenhum e isso contou muito, e tive pouco tempo na escola só um ano lectivo e isso contou tudo, porque não tinha curso nenhum, não tinha nada por isso, começou por aí.

Acha que o valor que recebia era justo para a tarefa que desempenhava? *Justo, justo não era, mas já me tinham avisado. Quando eu fui pedir para ir para a escola disseram-me que o trabalho era um bocado pesado, mas que ia ganhar pouco. E era pouco eu só ganhava 2,5 euros à hora. Era o que eu ganhava. E o que eu ganhava era dependente dos meses. E tinha uma coisa as crianças entravam de férias e eu ficava em casa, havia uma greve eles não tinham escola eu também não ia e claro nessa altura não ganhava nada, ganhava pouco, eu trabalhava como as outras, fazia o serviço das outras e ainda fazia mais porque a partir das 6h30 na escola é que se trabalha, porque as crianças saem todas e temos que limpar tudo. Eu ficava lá até as 7h, e por vezes tinha 4 salas para limpar em meia hora, era pouco o que ganhava mas não me importava que fosse esse pouco porque já me dava um jeito.*

Começou a trabalhar mais ou menos com que idade? *A trabalhar para aí a trabalhar foi para aí aos 20, 21. Tinha para aí 20.*

Isso foi quando foi para uma fábrica? *Sim, sim foi. Depois eu casei com 23 e depois já trabalhava nessa fábrica.*

E o que é que fazia nessa fabrica? *Eu nessa fábrica era ajudante de corte, eu ajudava a estender o tecido nas mesas e os moldes e peças ia cortando e tudo era isso que eu fazia... Tanto numa como noutra fazia exactamente a mesma coisa... na fábrica não me podia enganar no corte, tínhamos todos uma grande responsabilidade.*

Actualmente está em casa? Cuida da casa? *Sim agora tou em casa, cuido da casa e ainda vou levar uma... vou buscar uma miúda à escola na parte de tarde, às 5:30 vou busca-la à escola.*

Tem andado à procura de emprego? *Tenho, eu tenho...eu tou inscrita em muitos sítios. E todos os dias eu vou ao jornal só que os que aparecem a idade mínima é até aos 35 anos. Ou muitos tem que se ter o 9º ano e eu não tenho nada disso.*

E acha que este processo lhe vai ajudar? *Eu espero bem que sim, que me ajude em alguma coisa, mas pelo menos há uma coisa que eu já aprendi aqui, com isto que foi os computadores que eu não sabia nada e já dou um jeito.*

Acha que saber trabalhar com o computador é importante? *Eu acho que é muito importante, agora não se faz nada sem o computador. Vai-se lá procurar tudo. Uma coisa que eu olhava para ele que os meus filhos tem que eu não sabia por onde se havia de pegar...*

O que é que acha desta situação que estamos todos a passar, esta situação actual do país? *O que eu acho, é que está muito mal, acho que não está nada bem e que cada vez estamos a ficar pior o desemprego a aumentar, ainda hoje na televisão o desemprego a aumentar e as coisas estão a aumentar e os salários, os patrões não aumentam não dão, o exemplo do meu marido que há 7 anos que não recebe aumento e ele sozinho acho que está tudo muito mal. Por isso eu queria conseguir um emprego porque o meu filho mais novo vai agora para a universidade e eu não sei se vou conseguir mantê-lo na universidade e tem que ficar no Porto e o Pai só a trabalhar não vai dar para isso.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- Tempos livres: *Eu nos meus tempos livres, eu tenho sempre que fazer em casa, eu estando em casa tenho sempre que fazer alguma coisa, mas sempre que posso sento-me um bocadinho a ler, outras vezes vejo um bocado de televisão, agora vou para o computador, agora que sei vou mexer no computador, vou para a Internet, vou procurar alguma coisa, o outro dia foi a sessão que eu queria saber quando era, vou procurar outras coisas, vou fazer trabalhos daqui que tenho.*

E já procurou emprego através da Internet? *O emprego ainda não procurei aí, isso não, o emprego é mais pelos jornais e mais quando me dizem “estou a precisar de gente ali e acolá”.*

Quais são os programas que gosta de ver na televisão? *Eu gosto muito de ver filmes, e gosto de ver o telejornal, que é uma coisa que na hora de jantar vemos sempre e quando há reportagens gosto muito de ver, e quando há uma reportagem na televisão que não posso ver ponho a gravar (...) Não gosto de filme de terror, gosto de filmes que dá do CSI esse estilo de filmes eu gosto.*

E o que é que a fez deixar de ir ao cinema? *Casei, mudou, vieram os filhos e depois ele sozinho a trabalhar já não dava para irmos ao cinema, não tinha possibilidades para estar a dar aquele dinheiro para ir ao cinema, esse dinheiro já dava para outras coisas.*

- Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.: *Fui voluntária da Cruz Vermelha onde andei para aí 5 anos, fui na loja social e ainda no coro da igreja que fazia parte da cruz vermelha ... e depois foi no banco alimentar contra a fome mas isso foi pela escola, que a escola quando há isso manda sempre pessoas da escola, também fiz parte disso (...) nessa altura enquanto andei no rancho como no coro conheci outras pessoas e fui para muitos lados que se não fosse por isso eu não ia, fui a Lisboa e fui a Corintos e fui a muitos sítios como disso porque eu não tinha possibilidades e de outra maneira não tinha ido. Eu cantava, fazia parte do coro, e cantava lá no rancho, os meus filhos dançavam os dois e eu cantava, eu gostei, eu gostava daquilo, depois eles começaram a crescer e não quiseram ir mais.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho *Eu, naquela altura em que fiquei sem o emprego na escola disseram-me “se eu fosse a ti ia fazer um curso” e eu fui ali à Nexus e só que para fazer um curso tinha que ter o 6º ano, e não dava porque eu não tinha, mandaram-me à junta e eu fui à junta e a junta mandou-me vir aqui me inscrever porque aqui é que podia fazer uns cursos, foi através da junta que eu vim ter aqui.*

- Razões / Motivos: *Essa ideia foi para eu conseguir tirar pelo menos o 6º ano a ver se eu conseguia depois com o 6º ano fazer alguma coisa, porque o que eu queria tirar era alguma coisa sobre crianças, era o maior sonho que eu tinha (...) e eu não tinha nada disso só com o 6º ano, e então eu, mandaram-me à junta e a junta mandou-me aqui e era mais por causa disso para ver se eu depois conseguia fazer alguma coisa.*

- Processo de qualificação que frequenta/frequentou: *Nível Básico*

- Dificuldades: *A maior dificuldade é quando é aquelas trabalhos porque nós escrevemos aquilo da nossa vida e depois para encaixar o que fui fazendo ao longo da vida era difícil ao principio mas agora já vou encaixando aos bocados, mas vai.*

Alguma vez pensou em desistir? *Já, porque me metia em confusão esse trabalho todo e quando fui para o computador que não sabia trabalhar no computador pensei “não sei nada”, pensava em desistir mas pensava logo que não eu tenho que fazer alguma coisa... e depois eu pensava que ia deixar isto, mas também tinha o meu marido que dizia “não tu agora não vais desistir, nem que seja só para tirar o 6º ano, se ficarmos só com o 6º ano não faz mal ao menos ficamos já com o 6º ano”.*

O que acha deste processo? *Eu acho que sim, porque houve coisas que eu já vivi que assisti nas actividades, e já aprendi muitas coisas, coisas que eu nem passava pela cabeça. E agora há umas coisas que eu já aprendi aqui, acho que sim que eu estou a gostar disto.*

Como acha que a sociedade vê este processo de RVCC: *Eu ouço muitas opiniões diferentes, há sítios que é totalmente diferente daqui eu tenho uma Sr.^a que já foi minha tia agora já não é, ela fez o curso dela para aí num mês e eu não vi ela a fazer trabalhos que estamos a fazer, e já ouvi muitas pessoas que dizem que aqui exigem muito, são muito exigentes. E tenho outra colega em celeiros que os trabalhos são totalmente diferentes daqui, elas têm as perguntas todas, elas só respondem, elas têm as perguntas todas ali e só dão a resposta, é totalmente diferente daqui.*

E o que é que acha sobre isso? *Não sei, não fiz os outros não sei eu.*

Acha que é justo uma pessoa fazer num mês? *É assim eu acho que aquilo foi muito depressa aquilo não deu para aprender nada, eu não sei como é que ela conseguiu fazer isso.*

E onde é que acha que se aprende mais? Conhece pessoas que estão a fazer um processo onde só têm perguntas para responder, e aqui tem que puxar mais por si... *Pelo o que eu estou a pensar acho que se aprende mais aqui por nós é que temos que puxar pela nossa imaginação e ela não, ela tem lá tudo escrito e elas só respondem. A pergunta está ali e ela só dá a resposta à frente e nós não.*

7. O projecto Aprender a Ser

- Conhecimento do projecto: *Foi quando eu vinha aqui fiquei a saber disso, já não sei quem nos deu o papelinho das actividades, e foi através disso. E depois sempre que vinha aqui via ali as actividades do mês agora já vou ao computador e vou ver.*

- Razões / Motivações da participação: *Vinha que era para aprender.*

- Aprendizagens: *Aprendi, alguma coisa aprendi, e já mudei as lâmpadas em casa para as economizadoras, aprendi a reciclar o lixo porque antes fazia e não fazia, agora faço sempre, o autoclismo já não descarrego todo (...) Eu acho que sim, para mim foram era por isso que eu vinha porque era diferente.*

E acha que essas aprendizagens que foi fazendo, podem ser reflectidas agora no seu trabalho? *Acho que sim, porque já está reflectido porque eu já estou a fazer coisas daquilo que eu aprendi aqui.*

Acha que é importante para o seu processo de qualificação? *É porque já saiu coisas que se eu não andasse aqui nessas actividades eu não sabia.*

Acha que o tempo foi bem empregue?

Foi, mas passaram num instante. Às vezes custava a vir, mas depois de estar aqui as horas passavam num instante. Mas foi importante porque agora, coisa que sai no trabalho que eu se não tivesse vindo eu não sabia.

Acha que este projecto devia continuar? *Sim claro, Claro que sim devia continuar, toda a gente tem que ter uma oportunidade.*

E acha que deviam de haver mais actividades, mais temas diferentes, outro tipo de coisas, de actividades? *Eu acho que o que tem dado até agora, acho que está bom.*

8. Traços da personalidade

- Auto-caracterização: *Não sei, eu sou uma pessoa que não falo muito e para todo o lado que eu vou para falar têm que puxar muito por mim, sou muito calada, mas gosto de ajudar as pessoas, e quando tenho que falar eu falo, mas não sou aquela pessoa de falar muito, porque vou para qualquer lado e vejo as pessoas a falar, falar e eu não falo, e muita gente pensa que eu sou má pessoa por não falar e autoritária mas eu não sou. Eu não gosto de falar muito, mas na altura certa eu falo, eu acho que sou assim uma pessoa um bocado tímida pronto, já fui mais.*

- Projectos para o futuro: *Para o futuro eu queria arranjar um emprego, era só isso. Era a única coisa que queria... Era, era arranjar um emprego.*

E então acha que este processo lhe vai ajudar? *Eu acho que sim, eu espero bem que consiga ter mais qualquer coisa, que depois tendo o 6º ou o 9º eu vou procurar outras coisas, e ao menos tenho aquilo para apresentar a dizer que tenho o 6º ano ou tenho o 9º. Com isso a ver se já consigo mais alguma coisa.*

Entrevista 2

1. Dados pessoais

- Idade: *vou fazer 52 este ano em Agosto. Já estou velho...*

- É caso? *Sou*

- Tem filhos? *Dois Filhos.*

- Estudam? *Estudam os dois... um acaba agora... parece que não quer seguir... o outro queria seguir artes, mas se calhar o pai vai poder... não há aqui em Braga e ter que ir para o Porto... actualmente só trabalho eu... o que é muito complicado e cada vez pior, não é? cada vez está pior... O trabalho já não é assim muito certinho. Eu estou ali há muitos anos, mas a*

qualquer momento é só fechar-nos a porta e nós vamos para o desemprego... o que não era muito agradável... mas se tiver que ser... paciência... não é?

- Sempre incentivou os seus filhos? *Sempre... sempre quis que eles tivessem mais do que aquilo que o pai pôde ter.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

- Nível de escolaridade: *Eu tenho a quarta classe, mas acho que foi uma quarta classe bem feita, mas tive uma mãe que me deu uma educação muito boa (...) sem violência. Eu também não tive assim algumas coisas porque eu fui um bocadinho mau... estava saturado de andar tanto tempo na escola... Eu na escola primária fui muito castigado, não sei porquê, porque eu era inteligente...*

- Foi castigado por quem? *Não sei... pelo sistema...eu tive um ano na escola que reprovámos todos. Eu só passei na terceira classe porque tive um professor... um é porque não gostava de mim, não sei porquê... nunca fiz mal à senhora... mas lá a senhora não sei porquê não gostava de mim... era uma rapariga muito má...tomou-nos logo de ponta... talvez por sermos os grandes... Hoje... hoje ponho-me a pensar e seria por isso, não sei mas éramos em relação aos que andavam lá coitadinhos... éramos mais desenvolvidos... Eu reprovei sempre... na primeira, na segunda e na quarta até ao ponto que mudei de escola porque era assim ... eu tinha de fazer o exame da quarta. Porque se eu sei fazer as coisas... porque é que eu... eu era bom em história e geografia... quer dizer se eu era bom nessas coisas todas porque é que eu chumbava? Fiquei um bocadinho revoltado na altura... cheguei a um ponto a dizer "não! Eu nesta escola não estou mais" (...) depois como já estava cheio disse assim "não... eu agora vou é trabalhar" (...) eu quis foi libertar-me da escola... não porque... a minha mãe até queria que eu fosse estudar... ela queria (...) É difícil um professor estar dentro de uma sala com trinta crianças... que a senhora sai de lá com a cabeça... Eu imagino! Condeno muito o nosso sistema actual porque faz muito pouco plos professores...Eu, sempre tentei com que os meus filhos cumprissem a regra e nunca tive professor nenhum que me fizesse queixa deles. Eu acho que se todos os pais fizessem assim não havia tanta maldade...*

- Então da escola tem muitas recordações negativas? *Muitas! Eu hoje digo assim... não vou ficar com rancor aos professores... talvez o sistema não fosse muito adequado... tínhamos um director que aquilo era do pior... levamos muito porrada (...) e nem direito tínhamos de dizer aos nossos pais... houve um dia em que levei sessenta bolos... e a minha mãe dizia assim, se levaste porrada é que porque mereceste.*

- Do que mais gostava na escola? *Eu gostava muito da escola, só não gostava era dos ditados (...) do resto gostava de tudo.*

- O que acha que ganhou e/ou perdeu ao sair da escola? *Sinceramente se calhar perdi alguma coisa... ganhar não ganhei grande coisa. Arrependi-me! Hoje confesse que me arrependi, que eu podia estudar de noite na altura, fazer um curso de noite e a minha mãe insistia comigo... mas estava a trabalhar, estava cansado... hoje não fazia a mesma coisa...*

- Se tivesse continuado a estudar, mudaria de profissão? *Veterinária! Adoro animais e posso dizer que já salvei mais animais que alguns veterinários ...*

- Outras actividades para além da escola: *Não fiz nada...havia nada... na altura queria ir para os escuteiros... mas na altura não me deixaram ... também não era ali na freguesia, era longe. Mas eu gosto dessas coisas todas.*

- Fez tropa? *Infelizmente não fiz tropa... ainda me alistei para pára-quedista... mas não dava por causa da bronquite, não me chamaram.*

3. Percurso Profissional

Eu fiquei sem pai ia fazer 17 anos e só trabalhava eu. Os meus irmãos não trabalhavam... um estudava, estudavam dois! A minha irmã mais velha também não trabalhou, era muito doente, ainda hoje é... e a minha mãe teve de ir trabalhar... mas morreu muito cedo (...) foi um choque para mim, embora agente já estivesse à espera... mas foi um choque. (...) Eu sempre fiz tudo pelos meus irmãos. Eu trabalhava na empresa onde trabalho até hoje e tínhamos um negócio ... que era para elas de produtos alimentares só que elas não tinham vida para aquilo... Eu salvei aquela casa duas vezes da falência. Eu pedia licença ao meu patrão... e fazia uma coisa que era contra a lei... mas eu fazia que era para salvar aquilo ... Eu hoje posso dizer assim... eu hoje não quero nada, mas quero tudo. Por exemplo eu ando aqui e pode-se não perceber mais eu já aprendi muito e aprendi uma coisa que pensei que nunca ia aprender que é o computador! Eu não sou artista... mas depois a prática é que o vai fazendo.

- Primeiro emprego: *Eu tinha 11 anos e tinha escola de manhã e saía à uma e cindo e à uma e meia entrava numa fábrica de malas até às seis e meia. Na altura aprendi a fazer malas. Hoje já não, mas naquela altura aquilo era tudo em lona (...) era trabalho infantil, mas eu precisava de dinheiro para as minhas coisas (...) comprei o meu primeiro relógio... com o meu esforço e até gostava, mas depois quando fui fazer o exame da quarta classe (...) passei.*

- Profissões que teve: *Depois fui para marmorista, ainda sou hoje, mas nesse período de setenta e dois até noventa e dois que fez duas pausas e fui ao estrangeiro, foi à Suíça. Em oitenta foi trabalhar para uma vacaria, adorei, adorei lidar com duzentas cabeças de gado. Era sozinho e o empregado. Mas adorei. Trabalhava 18 horas por dia... gostei, mas tive um acidente e tive de estar internado num hospital e foi dos dias mais difíceis da minha vida, foi ficar sozinho num hospital a ver aquelas visitas todas e eu não tinha nenhuma...pensei... isto é para mim? Depois em noventa e dois fui contratado pelos ministérios dos negócios estrangeiros, um contrato de quatro meses. Foi com a minha profissão, mas depois alteraram*

aquilo e fizeram-me uma proposta, ou vinha-me embora e pagavam-me o contrato ou então ficava lá mas fazia outra coisa...e optei por ficar lá... depois eles queriam que voltasse para lá mas tinha um filho já, o mais velho, o rapaz sentia... sentia saudades do pai e tive de ficar e fui sempre trabalhar para o mesmo sítio. Foi sempre trabalhar para o mesmo sítio porque? Porque não tem lá mais ninguém como eu.

- Profissão actual/Tarefas e responsabilidades: *Eu trabalho com uma máquina que não posso errar, aliás até não tenho o direito de errar! Mas tenho! Mas e depois trabalho... se aquilo é matemática eu trabalhei toda a vida com matemática. É números que eu às vezes até vou para a cama e vejo números que até fico maluco. São medidas... e depois é a matemática do dia-a-dia... essa é que é a mais complicada. Aprendi a trabalhar com essa máquina em duas horas... nós tinham que fazer uma formação em Aveiro mas o meu patrão nunca...nunca... fez isso e então o senhor que veio lá montar a máquina era o especialista, estava a dar as dicas e eu com o papel e um lápis... e eu... trau trau trau... e com aquele que ele fez é que eu aprendi a trabalhar. Já tentei fazer isso a colegas meus mas.... Eu se não for trabalhar um dia, dois, três ou quatro aquela máquina não funciona (...) nós cortamos pedra... mármore, granitos...*

- Relevância das experiências profissionais: *A que mais gostei foi trabalhar com o gado. Dava-me vida. Porque é assim eu gosto de ver nascer (...) eu sempre gostei muito de mexer com os animais.*

- Se pudesse mudaria de profissão? *Mudava! Mudava já! Para qualquer coisa!*

- O que está na base dessa vontade? *Saturação... saturação! Muitas vezes... se aparecesse aí um trabalho que me dessem menos 100€ eu mudava logo! Eu tenho carta profissional... que eu podia andar aí na estrada num camião... mas eu nunca... acomodei-me um bocadinho. Mas... mudava, mudava porque já não estou com capacidade física para pegar com pesos (...) mas mudava... nem que fosse para jardineiro!*

- O que acha desta situação que estamos a viver actualmente? *Actualmente está a ser complicado. Nós em questão de trabalho... as coisas... acho que estou a trabalhar mais agora do que há uns anos, vamos tendo... eles vão dizendo que é os clientes que não pagam, mas se eles não pagassem eles não se aguentavam muito tempo.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- Tempos livres: *Eu faço muita coisa nos meus tempos livres, cuido das minhas plantas e todo o pau que espeto na terra dá fruto, mas faço muitas bricolages na minha arte. (...) Às vezes também toco piano, sai assim umas musiquinhas e toco. E às vezes dá-me a sensação que sou o melhor pianista no mundo... mas não sei tocar. (...). Gosto também de ver o Nacional Geográfico adoro ver isso, sou capaz de perder uma tarde a ver isso ou até ficar acordado até à madrugada a ver esses programas. (...) eu tinha muitos livros disso. Eu lia muitos livros principalmente sobre a segunda guerra mundial...*

- Actualmente não lê? *Actualmente não... leio às vezes alguma coisa se me interessar, mas livros não porque é assim se eu pego numa coisa tenho de ler até ao fim e como muitas vezes vou para a cama*

- Costuma ir ao cinema? *Foi ao cinema até aos 30 anos, mas depois de casar nunca mais foi ao cinema. O filme que mais me marcou foi o filme "Direito de nascer" (...) mas aprendi muita coisa também no cinema, gostava de filmes de Karaté, mas não aprendi nada com eles.*

- Participação em associações/clubes desportivos/assembleia da freguesia/ranchos/bandas de música/grupos de teatro: *Já participei, já fiz parte do rancho folclórico da Cruz Vermelha, do grupo coral, ler e cantar no santuário de Fátima, ler e cantar em São Bento da Porta Aberta (...) não que tivesse muito boa voz ... mas é voz de tenor. Gostava mesmo daquilo, mas depois deixámos por causa dos rapazes e depois há certos ambientes...*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

Não fiz formações nenhuma! Aquilo que sei foi tudo sem professores, sem técnicos, sem nada. Posso-lhe dizer que aquilo que foi aprendendo foi eu... e depois experimentava. Eu via... é assim eu via a fazer as coisas e depois em casa se fizer mal, ninguém vê... ninguém sabe. Mas geralmente sempre me saiu bem.

- Nunca fez porque? Por indisponibilidade de tempo? *Não! Eu, tempo, durante vinte anos nunca teve grande disponibilidade, mas procurava sempre ver a aprender.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho: *Foi na Junta de Freguesia*

- Inscrição / o que o levou a se inscrever/ Razões e Motivos? *Quando vim com a minha mulher aquela menina perguntou "porque é que você também não se inscreve?" ... porque também não tenho pachorra... E convenceu-me e olhe estou aqui e tou a gostar. Nem que não tenha depois o diploma, não me interessa. Levou-se foi para a incentivar a não vir sozinha... Prontos ela vem... ela também queria fazer o 6º e eu vim para dar apoio... também a minha missão é essa (...) disse a não sei quem foi... que não estava aqui para ter diplomas.*

- Processo de qualificação que frequenta/frequentou: é para o 9º ano? *É, em princípio parece que sim. A Dr.ª Cristina na altura disse que ia para o nono mas não sei se chego lá!*

Não acha que tem um leque de experiências que merecem ser reconhecidas? *Tenho, tenho! Eu acho que tenho e acho que até sei mais do que aquilo que me ensinaram, mas não sei... nunca fui com intenção de vencer... fui sempre naquela se vencer venci, se perder perdi...*

- Dificuldades: *Aqui? Nenhuma!*

- Nunca pensou em desistir? *Não. Não é também do meu feitio desistir. Posso desistir a não se que tenha de ser mesmo. Mas eu nunca desisti!*

- Representações sobre o processo e a certificação: *É melhorar mais um pedacinho. Já melhorei... já tenho resultados! Já aprendi a fazer uma coisa... já sei ir à internet...*

- Acha que este é um processo justo, uma vez que tem os seus filhos na escola? *Mas eu sei mais do que eles! Tenho um no 12º... que meu deus... ele que nem se ponha à minha beira porque eu... pode fazer muitas coisa que eu... mais modernas mas... (...) tal como o meu filho mais velho há muitos outros que não sabem nada!*

7. O projecto Aprender a Ser

- Conhecimento do projecto: *Aqui... como é que tive... Eu acho que foi a Dr.ª que ... foi... que começou aqui a mostrar as coisas todas...*

- Razões / Motivações da participação: *Para aprender e para ouvir as pessoas a explicar as coisas! Eu posso depois não fazer a 100%, mas ao menos fico com o conhecimento.*

- Aprendizagens / para que serviram? *Eu tenho lá uma lista de valores das calorias que a Dr.ª até se passava... saber quantas calorias tem os alimentos...e se posso comê-las... mas é bom.. é bom.*

- Todos os meses tivemos temas diferentes. Acha que foram importantes para o dia-a-dia? *Todos eles são importantes. Para quem tem interesse! Já usei alguma coisa sobre isso.*

- Aquilo que aprendeu acha que contribuiu para o seu processo? *Olhe, eu sinceramente ainda não falei muito sobre isso. Falei sobre qualquer coisa... mas acho que não é bem aquilo que quero falar.*

- O que pensa sobre o projecto? *Este projecto já devia ter surgido há mais anos... se calhar as coisas já eram capazes de estar melhor... eu também já devia ter vindo mais cedo.*

- Acha que o tempo empregue na participação de actividades foi proveitoso? *Foi! Para mim foi! Se não fosse eu não vinha, não é?*

8. Traços da personalidade

- Auto-caracterização/ como se caracteriza enquanto pessoa? *Eu sou uma excelente pessoa... Eu as vezes sou o melhor homem do mundo. Se calhar sou um pedacinho egoísta, não? Não, mas sou uma pessoa simples, muito simples até, gostava de poder ajudar toda gente... sou muito sentimental, não gosto de Tenho pena das pessoas... pena... salvo seja... gostava de poder fazer muita coisa. (...) Se me saísse o euro milhões o meu nome ia ficar na história por boas acções... formava um centro... eu acho que metade do dinheiro ia ser investido nisso, para acolher crianças desamparadas que estão na miséria daqui e de muitos países se calhar.*

- Projectos para o futuro: *Não... eu nunca pensei no futuro. Eu gostava de muita coisa... mas já não vou lá! Se calhar daqui por 10 anos ou 15 se calhar ainda vou lhe dizer Dr.ª afinal cheguei ao outro lado (...) gostava, gostava de poder pôr os meus filhos bem... mas da maneira que isto está... não sei... vamos esperar para ver. De qualquer maneira não faço projectos. Tenho casa, tenho carro. Férias se poder vou, se poder não vou... são coisas que se passa! Posso mudar as minhas férias... em vez e ir para Tenerife ou para a Jamaica... eu gostava muito de ir à Jamaica mas fica no gosto só. Pode ser... mas enquanto há vida há esperança.*

Entrevista nº 3

1. Dados pessoais

- Idade *59*

- Estado civil *Casada*

- Tem filhos *3 filhos.*

- Onde reside *Braga*

- Onde nasceu *Nasci em Nogueiró, depois fui para Lamações, depois fui para o Porto e depois vim para Nogueira e depois casei.*

- Situação profissional *Eu não estou reformada, mas sou aposentada.*

2. Percorso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade** *Só até à 4ª classe e depois o meu pai não deu mais chance. Naturalmente saíamos da escola e íamos... porque ele não permitia que fossemos estudar, nem punha a hipótese (...) ele dizia que estudar era ser malandro e pôs todos a estudar. A educação antes era muito rígida*

- **Local da escola** *Era muito perto de casa.*

Que recordações tem da escola? *Maravilhosas. Eu adorava aquilo. Era muito responsável com os estudos, mas também brincava muito.*

- **A escola teve algum papel quando saiu?** *Até foi lá a professora. E disse que eu não podia parar. Mas em contrapartida também tinha um médico que dizia a minha mãe para não me deixar estudar...*

O que acha que ganhou ou perdeu ao sair da escola? *Por um lado, eu empreguei-me logo e sentia-me realizada... porque dava-nos uma certa pose.*

- **Outras actividades para além da escola:** *De teatro participei em vários grupos da freguesia.*

3. Percurso Profissional

- **Primeiro emprego e Profissões que teve (Tarefas/responsabilidades):** *eu ainda não tinha 10... quando estava na 4ª classe eu fazia tarde numa modista, depois daí fui para a camisaria Oliveira, depois fui para casa novamente bordar chapéus com ráfia (...) depois tive também numa minha irmã que comprou uma máquina de fazer camisolas e ia para lá para aprender, eu comecei a atender os clientes e a fazer uma parte do trabalho dela (...) depois na Grundig, trabalhei com aparelhos de vidro, rádios (...) trabalhava numa cabine e através dos auscultadores tinha de detectar os defeitos todos que o aparelho tivesse. Deram-me formação para isso, depois todas as miúdas que entravam eu é que lhes dava a formação, porque aquela formação não se aprendia nas escolas. Depois pronto, vim para casa e comecei a costurar em casa.*

- **Acha que se tivesse continuado a estudar teria uma vida diferente?** *Acho que seria a mesma coisa, ou estilista ou assim, ligado à moda seria de certeza! Acho que mesmo que tirasse uma curso teria seguido a mesma área.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- **Tempos livres** *Todos os dias tenho de sair de casa para gastar dinheiro... Gosto de ler, mas agora vou mais para o computador. Li muitos livros. Mas agora vou lendo de vez em quando, tenho em atenção comprar livros com letra grande, porque não tenho uma vista. E gosto muito de ver televisão, aprendo muito.*

- **E cinema e teatro, não vai?** *Nem por isso.*

- **Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.:** *Agora eu acompanho a minha filha nos concertos. Ela faz parte de alguns grupos e eu vou com ela.*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

- **Tipos:** *ainda fiz um curso de primeiros socorros na cruz vermelha, mas tive de desistir quando cheguei à parte do sangue.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho** *Eu tinha ouvido dizer que em Amares ia haver um curso de cozinha e fui ali à Nexos pedir informações, mas lá o senhor perguntou-me que escolaridade eu tinha e eu disse que tinha só a 4ª classe, muito baixinho e então o senhor disse que eu não ia fazer o curso de culinária, mas que ia era para o centro novas oportunidades da TecMinho. E foi assim.*

- **Razões / Motivos** *Eu queria era mesmo um curso de culinária, porque eu queria era aprender mais, mas depois soube que ia aprender computadores, já fiquei animada.*

- **Processo de qualificação que frequenta/frequentou:** *9º ano.*

- **Dificuldades:** *Nenhuma!*

Alguma vez pensou em desistir? *Nunca*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto** *Ah foi aqui. Deram-me os papéis e começamos a vir.*

- **Razões / Motivações da participação** *Eu gostei muito! Gostei da ginástica... do yoga...*

- **Aprendizagens:** *Sim aprendi muita coisa. Aprendi a tratar do IRS... quem trata disso é o meu marido, mas ao menos agora já sei o que ele tá fazendo e como se faz.*

- **Importância da participação** *Acho que foi um tempo bem empregue. Acho que foi um bem para mim e para o meu marido que passava as tardes inteiras a jogar cartas no computador...e quando vinha para aqui as vezes nem era por mim, era para o tirar de casa.*

8. Traços da personalidade

- **Auto-caracterização:** *Não sei. Hoje, estou de férias de mim mesma. Sou muito autónoma...*
- **Projectos para o futuro:** *Se eu passar o 9º ano, aí muita coisa vai mudar na minha vida! Vou para o 12º ano mesmo que vá sozinha, mas eu vou! Eu gostava muito de aprender línguas...*

Entrevista nº4

1. Dados pessoais

- **Idade** 61
- **Estado civil** *Sou casadinho e tenho 3 filhos, já estão todos formados*
- **Onde reside** *Braga, no Centro*
- **Onde nasceu** *Eu nasci em São Lásaro e sempre vivi naquela freguesia até aos 25 anos, depois casei e sai de lá.*
- **Situação profissional** *Agora estou reformado, mas sempre trabalhei no comercio em medicamentos.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade** *É a 4ª classe, só. Porque naquela altura os meus pais não me incentivaram para isso, para continuar... quando eu tava na 4ª classe, já tinha chumbado o 3º ano e depois os meus pais meteram-me a trabalhar. Eu já trabalhava com medicamentos e eles arranjaram-me aqui, então eu saía da escola e ia trabalhar, foi o castigo.*
- **Gostava da escola?** *Sinceramente não... eu também era o irmão mais velho de sete irmãos e tinha de tomar conta deles... desde criança tive responsabilidades e acho que também foi isso que me levou no meu trabalho e subir bastante.*
- **O que acha que ganhou ou perdeu com a saída da escola?** *Olhe, eu acho que não perdi nada, porque felizmente ao ir para o trabalho eu consegui alcançar aquilo que certamente com os estudos eu não conseguiria, foi porque eu andava com colegas que eram enfermeiros e eles ganhavam menos do que eu. Hoje ganham mais, claro, mas naquela altura eles ganhavam metade do que eu ganhava.*
- **Outras actividades para além da escola:** *tive muitos grupos, eu fazia parte do grupo da rua e de pressa fazia parte da organização. Eu até sou uma pessoa bastante reservada, mas quando me meto eu gosto de ir pa frente. Nos fazíamos teatro, jogávamos futebol, uma vez para angariar fundos, organizamos uma festa popular... Depois fiz parte do grupo Juventude operária católica, que já fazia parte da igreja, aqui também assumi responsabilidades.*
- **Acha que dessas participações que teve resultaram aprendizagens para a sua vida?** *Sim, bastantes, andar mais junto das pessoas, socialmente, a respeitar, a educação e aí acho que foi uma oficina para todos nós.*
- **Fez tropa?** *Fiz, 3 anos. Eu fiz aqui a recruta em Braga, daqui fui para Coimbra, fui fazer o curso de enfermagem, depois fui para Lisboa fazer o estágio depois daí fui para Caldas da Rainha em que tive de ir para a enfermaria, tive um médico que me ensinou bastantes coisas, fazer pequenas cirurgias, que depois tive de fazer sozinho quando fui para Guiné, dois anos. Aí, para além das minhas responsabilidades de militar na área de enfermagem, tinha também a população...*

3. Percurso Profissional

- **Primeiro emprego e Profissões que teve (Tarefas/responsabilidades):** *Comecei a trabalhar aos 11 anos, eu já trabalhava enquanto andava aqui na escola, na parte de tarde ia trabalhar, o meu serviço seria o armazém, arrumar medicamentos, depois sempre fui curioso, encontrei o escritório desarrumado, porque não havia contabilista, comecei a arrumar as facturas, as pastas mas primeiro perguntava ao patrão se podia fazer aquilo (...) levantava dinheiros,*
- **Teve sempre a mesma experiencia profissional?** *Sempre... embora aos 16 anos eu tenha passado para outro armazém ... e lá estive 40 anos. Fiz tudo! Fazia o que fazia no anterior, depois fui subindo, fui organizando o armazém embora houvesse colegas que eram os que lá estavam primeiro, enfim o armazém começou a crescer e a colocar filiais em vários sítios (...) já tínhamos 6 filiais estes são armazém que distribuem os medicamentos às farmácias, depois tive de organizar esses armazéns todos, ficou tudo a meu cargo, depois fui formando colegas para esses serviços e também tava na recepção de mercadoria (...).*
- **Gostava daquilo que fazia?** *Gostava, gostava porque me mantinha sempre ocupado. Tinha liberdade para fazer tudo aquilo que eu queria.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- **Tempos livres** *os tempos livres é com a família e com os amigos. Gosto de cinema... de teatro...também organizo um encontro anual com os antigos colegas do grupo e do serviço militar.*
- **Gosta de ver televisão?** *Sim, principalmente telejornais, futebol, claro, e alguns filmes.*
- **Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.:** *Não, o meu grupo depois foi a família...*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal – *Só depois de vir para aqui. A gente depois de informatizar o sistema no armazém a gente nunca teve formação, tive de aprender sempre sozinho.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho** *Eu comecei a ouvir falar disso quando andava no desemprego e ouvia muitas pessoas a dizer que iam fazer o 9º ano, mas não me interessava muito. Depois foi a minha mulher que disse que podíamos ir para as novas Oportunidades e foi ela que tratou de tudo.*

- **Razões / Motivos** *A ideia de me inscrever foi dela, uma vez que eu não me importei... Mas depois interessei-me e ouvia sempre o primeiro-ministro a dizer que a população portuguesa não sei quê... e isso também me levou a andar para a frente. Também foi a Dr.ª Cristina que me incentivou bastante.*

- **Processo de qualificação que frequenta/frequentou:** *9º ano, mas não sei se vou chegar lá, se eu ficar com o 6º já fico contente.*

- **Dificuldades:** *A minha dificuldade é sempre a mesma, enquanto eu não conseguir perceber eu não avanço, depois eu lá vou caminhando.*

- **Alguma vez pensou em desistir?** *Não. Desde o início nunca pensei... eu quando me meto é para ir até ao fim.*

- **O que acha de todo este programa nacional?** *Acho que sim que é um bom incentivo, até porque para os adultos, acho que é bom porque põmos o cérebro a trabalhar mais, as células não ficam paradas e faz-nos recordar de certas coisas, acho que é bom.*

- **Como acha que a sociedade vê este processo de RVCC:** *Bom se falarmos com os jovens e dizem que isto é tudo uma treta, porque eles vêem o processo deles que têm aulas e exames e quando eles vêem que nós através da nossa história de vida conseguimos ultrapassá-los ... mas não é bem assim porque se a gente consegue um 6º ou um 9º ano através da nossa vida, eu acho que a gente não somos mais do que eles, porque eles é que sabem as teorias e nós não, nós só sabemos a parte prática.*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto** *Tive conhecimento através da Dr.ª Dúnia, pessoalmente e pela mensagem que me mandava por e-mail.*

- **Razões / Motivações da participação** *Porque acho que aprendo bastante, embora tudo isso esteja cá dentro mas assim consigo desenvolver mais, vêm reforçar.*

- **Aprendizagens:** *Sim, aprendi um bocadinho de tudo, começando pelas TIC, embora eu não tenha problemas em escrever mas aprendi mais qualquer coisa e depois com todas as informações que fui recebendo aqui foi contribuindo para o meu dia-a-dia.*

- **Acha que os temas foram adequados e importantes:** *Foram bastante importantes, porque eram coisas que a gente desconhecia e fomos aprendendo mais.*

- **E para o seu processo, acha que contribuiu de alguma forma?** *Contribuiu, porque foi através desses conhecimentos que eu consegui fazer... descrever a minha vida...*

- **Acha que o tempo dispendido foi bem empregue?** *Foi...*

- **Acha que este projecto deveria continuar no futuro?** *Acho que sim, acho que tem pernas para andar.*

- **O que pensa sobre o baixo numero de participantes?** *Eu não sei, mas acho que em cada grupo que existe deviam informar mais as pessoas, porque estou convencido que se as pessoas estiverem alertadas para a importância destas oficinas, as pessoas vão acabar por aparecer.*

8. Traços da personalidade

- **Auto-caracterização:** *O Ângelo é o mesmo, mas mais esclarecido... aprendi de facto muita coisa, mas continuo a ser o mesmo. Como pessoa acho que serão as outras pessoas a falar de mim e não eu...*

- **Projectos para o futuro:** *Não sei, pretendo aproveitar o mais possível a vida para viajar, é o que me falta, mas pa viajar estou a pensar em meter-me em inglês, queria aprender... Se vou fazer o 12º ano, não sei, vamos ver pa frente.*

Entrevista nº5

1. Dados pessoais

- **Idade:** 36

- **É casada?** *Sou casada*

- **Tem filhos?** *Tenho 2 Filhas.*

- **Estudam?** - *Estudam, tenho uma com 12 anos, que é a mais velha e chama-se Daniela, e a mais pequenina tem sete e chama-se Diana, anda no segundo ano e a outra anda no sétimo.*

- **Sempre incentivou os seus filhos?** *Claro, porque eu não tive possibilidades de o fazer então gostaria que elas continuassem, porque elas são obrigadas a fazer o 12º ano, eu na altura não tive possibilidade de o fazer, mas quero e gosto que elas façam.*

- **Onde reside, é em Braga?** *Sim, na Sé.*

- **É a mesma localidade onde nasceu?** *Não, eu nasci em Mire de Tibães, e morei lá até casar e depois vim morar para a Sé onde comprei um apartamento e vim morar para cá.*

- **Situação profissional/ Trabalha?** *Sim. Sou “remalhadeira”, trabalho como uma operária têxtil só que tudo o que fazemos é remalhagem. remalhagem é um trabalho muito minucioso (...) foi o meu primeiro emprego até hoje.*

- **Dentro da empresa o seu cargo foi subindo ao longo dos anos, ou sempre teve a mesma função?** *Eu faço sempre a mesma coisa, mas em operações diferentes, eu trabalho numa linha e sei fazer várias operações na peça mas é sempre o mesmo posto de trabalho.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

Gostava da escola? *Gostava, só que na altura os meus pais não tinha possibilidades, porque somos oito irmãos, eu como sou a mais nova estudei até ao sexto ano, os meus outros irmãos estudaram só até à quarta classe, e prontos, gostei da escola gostei, e gosto só que na altura via as minhas colegas também que eram da escola e foram trabalhar e eu também tinha aquela ambição de ganhar dinheiro e de comprar as minhas próprias coisas, e então desisti da escola.*

- **Nível de escolaridade / Porque saiu da escola:** *Fiz só até ao sexto ano. Não, é assim, eu é que queria sair da escola mas o meu pai também dizia, “isso já chega de escola” na altura ele dizia também “já andas a passear livros”.*

- **Quando saiu da escola, esta teve algum papel?** *Não, não porque a situação era complicada e eu via mesmo, que não dava.*

- **Teve dificuldades na escola?** *Tive, e era complicado porque os meus pais as vezes, muitas vezes não sabiam explicar, o meu pai por vezes sabia, ele trabalhava nos TUB como cobrador dos autocarros e em contas ele era muito bom, mas a minha mãe não. E então tinha, mas perguntava as minhas colegas e aos meus irmãos as minhas dificuldades e depois acabava por as resolver.*

- **Que recordações tem dessa escola?** *Muitas, tenho muitas recordações fiz muitas amizades, ainda hoje tenho algumas delas e tenho boas recordações das professoras, porque ainda há pouco encontrei uma minha professora que já aos anos que não a via e falei com ela, e tenho boas recordações dos passeios que a gente fazia, eu adorava os passeios da escola.*

- **Qual era a disciplina que mais gostava na escola?** *Da ciências da natureza, adorava, porque eu gostava de fazer quando era aquelas experiências do corpo humano, gostava muito de dar o corpo humano, o que se passava nas transformações no nosso corpo eu gostava muito disso.*

- **O que acha que ganhou e/ou perdeu ao sair da escola?** *Perdi muita coisa, que agora dou valor porque agora vou ver se consigo tirar o nono ano, e gostava de fazer o décimo segundo, e na altura se o fizesse já o tinha e podia ter um emprego melhor que ao que tenho agora e é nisso que eu sinto que hoje em dia que com o sexto ano não arranjamos emprego melhor com esta escolaridade.*

- **Se tivesse continuado a estudar o que gostava de ser?** *Gostava de ser tanta coisa... gostava de ser cabeleireira, era o meu sonho, porque sempre desde pequena, gosto de tudo de maquilhagens, cabelos, unhas e essas coisas. Também gostava de ser educadora de infância, porque adoro crianças.*

- **O que ganhou ao sair da escola?** *Ganhei, nem sei o que ganhei, ganhei muitas coisas, ganhei novas amizades no emprego, aprendi algumas coisas em relação aquilo que eu faço, aprendi a ser mais responsável porque eu era nova mas já tinha muita responsabilidade, porque eu era a mais nova mas eu fazia muitas coisas em casa, jantar, assim tinha que ser os meus pais trabalhavam então nós tínhamos que ajudar. Aprendi a ser mulherzinha muito novinha.*

- **Outras actividades para além da escola:** *Não, fui uma altura para um coro, mas eu não gosto muito, o que eu gosto muito é de dançar, eu adora dançar e quando era os desfiles da escola eu gostava de fazer as coreografias e hoje em dia gosto porque estou inscrita nas danças de salão.*

3. Percurso Profissional

- **Começou a trabalhar com que idade?** *Dezasseis anos, e entrei logo para esta indústria têxtil.*

- **Gosta daquilo que faz?** *Não, é assim não gosto porque são muitos anos e eu fui me acomodando porque podia ter procurado outra coisa, mas foi me acomodando e agora com duas filhas é complicado. Mas prontos é o que é, mas não gosto de fazer o que faço. Faço e faço perfeito, procuro ser sempre perfeita naquilo que faço, mas gostar... gostar, gostava de fazer outra coisa.*

- **Acha que a sua escolaridade teve um peso muito grande?** *Pois teve, eu com o sexto ano não dá para eu arranjar um emprego melhor e depois fui me acomodando, depois casei tive os filhos, e depois com os filhos pequenos não dá para fazer nada, é só mesmo para eles... agora elas já estão mais crescidas já dá para eu fazer mais alguma coisa.*

- E nunca pensou em retomar os estudos mais cedo? *Já tinha pensado só que era difícil porque eu trabalho muito cedo, pego às sete e meia só que uma pessoa buscar os filhos ao colégio, fazer o jantar e assim era complicado, agora com estas novas oportunidades deu-me mais um incentivo para o fazer.*

- Profissão actual/Tarefas e responsabilidades: *Todos nós temos responsabilidades daquilo que estamos a fazer, tenho responsabilidades mas não tenho assim aquela responsabilidade como um chefe ou como uma chefe de equipa que tem que controlar o trabalho que entra e sai das linhas. Mas nós temos que ter a consciência que o que estamos a fazer estamos a fazer direito.*

- Acha que o seu salário é justo para as responsabilidades que faz? *Não, não é justo, porque para além de nós trabalhar mos bastante temos que dar produção, e temos um chefe que é mau, é mau posso dizer que é mesmo mau, e quase sempre ele não compreende o esforço que nós fazemos, e chega à nossa beira a dizer que temos que dar mais, mas ele as vezes não vê os problemas que nós encontramos para um trabalho que é diferente. Mas para o que nós fazemos o salário não é justo.*

- Relativamente à situação actual do país, qual é a sua opinião? *É assim, está mal mas não é para todos. Eu acho que não é para todos, eu acho que os pobres são mais prejudicados, porque nós ao fim do mês temos que fazer bem as contas, e como está tudo a ficar mais caro é complicado chegar ao fim do mês e ter um dinheirinho para se eventualmente acontecer uma doença, porque quem tem filhos é complicado, mas está mal, porque cada vez a gente está a perder mais o poder de compra e tudo a encarecer e nós com os salários mais baixo é complicado. Eu à dez anos recebia mais ao que ganho agora, porque antes tínhamos prémios de produção agora cortam tudo.*

- Esse também deve ser um dos motivos por não estar contente com o trabalho que tem: *Sim, aquela empresa é muito boa nunca nos deixou de pagar mas se nós faltarmos ou tivermos um imprevisto no trânsito dez minutos já descontam no tempo que temos para o prémio de assiduidade. Não dão tréguas.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- Tempos livres: *Gosto de tanta coisa, adoro caminhar, faço caminhadas com as minhas colegas quase todos os dias, adoro dançar, gosto de ir ao cinema.*

Que tipo de filmes gosta de ver? *Românticos, sou muito romântica, gosto de ver uma história de romance.*

Gosta de ler livros? *Não, não gosto de ler. É assim não é o não gostar, eu não tenho tempo para me sentar no sofá a ler um livro, tenho muitas coisas em casa para fazer.*

- Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.

- Gosta de ir ao teatro, museus? *Gosto de ver coisas diferentes, gosto, adoro passear, gosto de ir para a praia, gosto de ver coisas diferentes, museus aquelas antiguidades.*

- Como tem sido a experiência nas danças de salão? *Eu ainda estou a começar, mas é diferente porque eu gosto de música mexida e assim, e aquela temos que ter certas posições que temos que ter aquela postura firme, mas está a ser muito bom.*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

Não só do "Aprender a ser".

- E formação no local de trabalho? *Já tivemos, sobre a reciclagem, houve uma altura que tivemos isso, mas foi uma coisa muito pouca.*

- A participação na formação foi obrigada ou voluntaria? *Não, não essa formação tem a ver com as empresas e eles são obrigados a fazer essa formação, e então foi uma maneira de incentivar as pessoas a poluir menos o meio ambiente e a usar os biodegradáveis para não poluir tanto a atmosfera.*

- Acha que foi importante? *Sim, foi útil o que nós demos e discutimos e foi me útil para mim porque já meti no meu portfólio.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho: *Foi através das minhas colegas de trabalho, houve algumas que frequentaram pela junta de freguesia, eu como vi que tinha lá as minhas colegas interessei-me e viemos todas em grupo e foi mais fácil, mas depois dividimo-nos umas ficaram na localidade e eu vim cá para cima.*

- E deste centro como teve conhecimento, foi também na junta de freguesia? *Foi na reunião que houve na Junta.*

- Inscrição / o que o levou a se inscrever/ Razões e Motivos? *O motivo foi eu querer tirar, ter mais escolaridade e depois eu pensei "vou me inscrever, porque se os outros conseguem eu também consigo" e as minhas colegas também disseram que vinham, e viemos todas.*

- Sentiu dificuldades: *Ao princípio foi complicado, foi complicado não foi pelo trabalho, foi porque não estava a perceber, é assim vocês explicam, mas depois à frente do computador é difícil escrever o que é importante porque para mim uma*

simples coisa que pode não ser importante para vocês pode ser. E para mim uma coisa pode ser banal, mas posso estar a não evidenciar competências. O que é o que eu vou escrever? Eu não sei o que vou escrever...vou escrever sobre mim? Eu sei lá o que vou escrever, só que depois escrevi e entreguei o primeiro trabalho e a partir daí já temos mais uma orientação. Porque a Dr.ª Isabel corrigiu e disse assim, você tem que acrescentar mais aqui e ali e então eu fiquei mais com uma ideia do que eu tinha que fazer e depois foi mais fácil, tivemos as formadoras e apresentaram-nos um trabalho para nós fazermos e então aí eu já sabia o que tinha que fazer dentro do que eu sabia foi mais fácil. Para meu agrado, muito bom quando entreguei o trabalho elas disseram que estava ótimo.

- Alguma vez pensou em desistir? *Não, não porque não encontrei muita dificuldade, e não porque é uma coisa que eu quero é como tirar a carta de condução, se não vai à primeira vai à segunda ou à terceira.*

- Acha que este é um processo justo, relativamente àquelas pessoas que fazem um percurso normal? *Foi, foi ... Depende, foi, acho que muitas escolas tem maneiras diferentes... eu tenho um caso na minha família, que ela tá a tirar uma minha irmã, o RVCC numa escola e não tem nada a ver o que ela está a fazer com o que eu estou a fazer e eu as vezes... digo-me assim para mim não é, porque é que ela vai ficar com a mesma escolaridade que eu e eu estou a fazer muito mais do que ela... e ela não tá, vai ficar igual e às vezes penso assim, porque é que para uns é mais assim e para outro é diferente tá a perceber o que eu quero dizer, prontos aí eu não fiz nada disto, muita gente diz "aí eu não fiz nada disto" ah tenho a minha colega que até pode achar estranho o que eu vou dizer mas que ela diz que fez o nono ano num mês... e eu vou-lhe dizer eu não sei como é que ela fez aquilo... é por isso que foi uma boa iniciativa mas.... acho que muita gente aproveitasse deste processo desta maneira de ter a escolaridade, não sei se estou a explicar bem.*

- O que é que acha que a população em geral diz sobre este processo? *Eu tenho muitas colegas que acham que é muito bom, que é positiva, esta maneira de aprender para quem já saiu da escola há bastantes anos que já não se lembra de muitas coisas, porque antigamente para fazer o nono ano, tínhamos que fazer o sexto, sétimo o oitavo e depois o novo, tínhamos que andar quatro anos, e agora é diferente é melhor para nós eu penso que é melhor.*

- Em relação as suas colegas que fizeram o RVCC num mês, quem acha que está a ganhar mais com este processo, você ou elas? *Sou eu, porque é assim eu sei o que estou a fazer é correcto e tem nexos aquilo que eu faço, porque tem.. o que eu estou a fazer muitas delas não sabem.. elas ao fazer isso fazendo o nono ano num mês, não aprendem nada... eu também não aprendo muita coisa mas dentro daquilo que me pendem eu faço não é e há coisas que eu até tinha me esquecido como a regra de três simples e essas coisas, que eu acho que dei na altura não sei o quê, mas já aprendi alguma coisa e elas eu acho que elas não aprendem nada, elas podem ficar com o nono ano, mas essa minha colega que fez num mês ela não tem base nenhuma para o decimo segundo ano, ela não consegue não consegue fazer nada para se inscrever no decimo segundo ano.*

7. O projecto Aprender a Ser

- Conhecimento do projecto / Razões e Motivações da participação / Aprendizagens /Acha que aprendeu alguma coisa?: *Foi você que mandou a mensagem, daqui da TecMinho, eu já estava aqui inscrita e até pensei que era engano que era para o RVCC, só que depois da primeira da reunião vi que não era mas fiquei interessada, porque apresentaram fiquei interessada na altura da obesidade, do tabaco e então interessou-me mas ainda não tinha nada marcado do RVCC e então tinha disponibilidade e gostei de vir ao Aprender a Ser. (...) tenho pena de não ter vindo a algumas, mas ainda participei em algumas e aprendi várias aprendi, a ver umas análises, do bi-horário fiquei mais esclarecida do bi-horário e certas coisas que agora já não me recordo muito, fazer aquela conta da massa, o índice de massa corporal, e várias coisas a regra de três simples.*

Acha então que essas aprendizagens foram úteis? *Foram, foram e até me deram jeito também para o meu RVCC, eu digitalizei uma factura do supermercado falei sobre o IVA, e sobre aquele publicidade enganosa que nós as vezes temos das promoções e foi-me útil para mim.*

- Todos os meses tivemos temas diferentes. Acha que foram importantes para o dia-a-dia? *Sim, olhe eu pus bi-horária na minha casa, porque eu trabalho durante o dia e só à noite é que ponho as máquinas de lavar e as máquinas de secar e então eu achei que era interessante meter, que me fazia jeito e foi reparando nas promoções que às vezes a gente vê e o pacote é mais pequeno, as quantidades são menos e foi-me útil para mim em relação a consumir menos água, e eu gostei, gostei muito.*

- Acha que o tempo empregue na participação de actividades foi proveitoso? *Sim, foi muito bem empregue, é pena uma pessoa não ter mais tempo, não é porque era as sete, sete e meia e o horário de muita gente não tem grande disponibilidade é hora do jantar e nós temos que fazer o jantar antes de vir para o curso, mas foi bom.*

- Acha que este projecto deveria continuar, uma vez que termina agora em Junho? *É assim acho que sim, eu se tivesse disponibilidade eu vinha outra vez, eu gostei de vir acho que sim.*

- À medida que o tempo ia passando o número de participantes ia diminuindo? *Sim eu também reparei nisso, acho que na primeira sessão eu acho que muita gente é como eu disse, tava a pensar que era outra coisa em relação a tirar o RVCC tinha lá muitas colegas que pensaram o mesmo que eu, não sei se foi por falta de tempo (...) ou não sei se as actividades que foram apresentadas nos meses seguintes não eram tão aliciantes para nós, para quem participava.*

- **Acha que os temas também foram importantes?** *Eu acho que sim, acho que sim pelo menos nos que eu participei que ainda foram alguns acho que foram interessantes, para mim foram, agora não sei para os outros.*

- **Já agora quais foram as sessões mais interessantes para si?** *Quando foi a da obesidade da alimentação, gostei também da aula de yoga, também gostei muito daquela da luz sobre os painéis solares, agora não me estou a recordar eu gostei de muita coisa também gostei da aula de TIC, fazer muitas coisas, fazer uma reclamação por escrito.*

8. Traços da personalidade

- **Auto-caracterização/ como se caracteriza enquanto pessoa?** *Olhe sou uma pessoa muito divertida, sou uma pessoa normal, gosto muito de brincar e sou muito sociável, porque eu sou uma pessoa assim que não conheço a pessoa em si mas se eu tiver alguma dúvida eu faço, sou assim espontânea.*

- **Projectos para o futuro:** *Tenho tantos, olhe é conseguir tirar agora o nono ano, acho que vou conseguir não é, e depois gostava de tirar o decimo segundo, porque eu acho que o nono ano é pouco, só que o decimo segundo vai ser mais complicado, porque todos os dias é complicado, como tenho duas filhas uma casa, é complicado mas vou ver se consigo e depois logo se verá. Tirar um curso profissional fazer alguma coisa. (...) eu gostava de tirar um curso de cabeleireiro.*

Entrevista nº6

1. Dados pessoais

- **Idade:** 63

- **É casada?** *Sou casada*

- **Tem filhos?** *Tenho 3 Filhos. Já estão uns homens. O mais velho 34, 31 e o mais novo 29.*

- **Seguiram um percurso escolar/académico?** *Sim, sim.*

- **Sempre incentivou os seus filhos?** *Sempre, eu era o conselho que dava aos 3, se completar fazer uma formação. Acho sempre que é importante. Ainda mais nos dias de hoje.*

- **Onde reside, é em Braga?** *Sim, perto do Bom Jesus.*

- **Onde nasceu?** *Sou natural de Barcelos. Nasci lá, casei e só depois mais tarde é que já tinha os filhos já estavam na secundária e o meu marido mudou a localidade do emprego para Vila Verde e nós pensámos para o futuro dos nossos filhos estudar na Universidade, pensamos vir para Braga. E cá estamos há 20 anos.*

- **Situação profissional/ Trabalha?** *Sim. O meu marido estabeleceu-se tinha uma fábrica, mas agora já não tem e eu agora estou até ao fim do ano ainda vou lá, mas não a tempo inteiro.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

Gostava da escola? *Muito, foi muito bom! Entrei ao sete, nessa altura era aos sete que se entrava na escola e depois tive a sorte de ser uma professora que gostava.. ensinava muito bem. Gostava muito de todas as disciplinas.*

- **Nível de escolaridade / Porque saiu da escola:** *Fiz só até ao quarto ano. Estava a pensar seguir... eu gostava de ser professora. E tive pena, porque eu gosto muito de crianças desde pequenina... ainda me recordo de pedir à minha mãe para ter mais manos (...) a minha professora era um ídolo para mim e não sei... sempre tive esse sonho (...) mas depois tudo mudou (...) eu andava num colégio... e falava-se muito no segredo de Fátima, que em 1960, nós estávamos em 1957, que ia ser revelado e falava-se que ia ser o fim do mundo... e eu pus-me a pensar "de quê que me adianta pôr-me a estudar! Eu em três anos não me formo!" e depois na escola as colegas também "para quê que vais estudar" também me incentivaram assim... deram-me força e eu cheguei a casa e disse aos meus pais... éramos sete irmãos e nessa altura eu acho que toda a gente vivia com muitas dificuldades... eles tinham um estabelecimento de cereais mas as pessoas tinham pouco dinheiro era muitas vezes fiado e não pagavam... muitas dificuldades (...) vivíamos sem dívidas. (...) eu com receito ... desisti e os meus pais também não me forçaram e eu fui... como eu era muito novinha no meio de 6 irmãos a minha mãe pediu... andei sempre muito pelo colégio mãe de Deus. As minhas horas eram, ao fim de escola ia lá aprender a bordar, as minhas horas eram ocupadas lá... que eu em casa fazia as brincadeiras que eles faziam. (...). Terminei a escola e continuei a ir sempre pra lá e gostava muito de andar por lá... sentia-me bem.*

- **Quando saiu da escola, esta teve algum papel?** *Não, não! Eu até me admirei com a minha professora nesse aspecto, porque eu tinha muitas boas capacidades, era muito boa na aritmética... era uma disciplina que eu gostei sempre, depois fui estudar mais tarde, nem era preciso estudar a observação das aulas já me chegava (...) e eu admirei-me que ela não... e os meus pais tinham o estabelecimento perto da escola! Ela ao ir para casa dela passava lá. Se ela fizesse isso, era muito bom para mim. Tinha sido muito bom para mim, porque a gente é criança e assusta-se... e eu não sei, assustei-me com isso. Eu também não deito culpa aos meus pais, porque eu sei que eles também com poucas posses (...) só um dos irmãos é que teve força de vontade (...) os meus pais fizeram o sacrifício e ele foi (...) e foi para o Porto e formou-se e foi único que aproveitou. Mas depois mais tarde, todos nós, eu e os meus irmãos torcemos as orelhas por se não ter estudado e fomos todos estudar mais tarde... todos ou quase todos têm o nono ano ou o 12º. (...) Eu com uma prima fiz o ciclo em explicações com uma professora... duas! Fizemos o exame e depois passamos para a escola industrial e Comercial onde fiz o curso de ... Depois entretanto conheci o meu marido... ele veio da tropa incentivei-o também a fazer também. E o 12º ele também já completou.*

- O que acha que ganhou e/ou perdeu ao sair da escola? *Ao sair da escola... como eu fui aprender a bordar... e também gostava não senti na altura assim grande coisa. Só vim a sentir mais tarde, quando comecei a crescer e a reflectir e aí é que comecei a ver o que perdi, porque na altura era novita e estava com aquela convicção de que o mundo ia acabar. Há medida que fui crescendo e fui vendo mundo é que eu comecei a ver o meu erro.*

3. Percurso Profissional: *Entretanto, uma empregada que contratámos não apareceu e depois... fiquei eu em casa. Numa semana eu aprendi tudo. Ir às compras a minha mãe foi uma vez comigo para se ver como é que se compra ... deu-me umas voltinhas... eu fiz tudo tão bem que a minha mãe nunca mais procurou... ela sentia-se bem. (...) depois quando comecei a crescer, comecei a sentir que nunca tive ordenado... no colégio ainda cheguei a ter, mas também foi só pai um ano... 30 escudos semanais (...) depois tive pena quando saí, tive pena mas acho que também fiz um bem que ajudei os meus pais... os meus pais tinham... havia dificuldades... e eu ajudei a poupar um ordenado da empregada, só que o meu futuro também foi afectado. Que eu senti na pele mais tarde, quando casei... depois o meu marido era sozinho a ganhar... só tive por outro lado o benefício quando criei os filhos, não é? (...) criei os três filhos em casa, ensinava-lhes...*

- Primeiro emprego e Profissões que teve: *No colégio⁵⁶ (...) o primeiro considero que foi esse, depois da primária, aos 11. Depois foi o serviço doméstico que não era renumerado. De maneira que depois é que fui, mais tarde, quando o meu marido se estabeleceu⁵⁷ é que foi para a fábrica e aí é que.... Mas antes quando fui estudar à noite, tinha uma colega que me começou a perguntar se eu fazia descontos para a segurança social, se eu não estava empregada na segurança social e eu disse que não... que trabalhava em casa e diz ela "mas trabalha em casa, também trabalha! Pode pedir à sua mãe e começa a descontar se não um dia não tem reforma!"... e elucidou-me e assim fiz, pedi à minha mãe e ela assinava-me todos os dias uma folha e eu fui me inscrever à segurança.*

- Profissão actual/Tarefas e responsabilidades: *Indústria têxtil. Ia para o escritório... ordenava facturas, ia aos bancos... às vezes era preciso linhas e eu ia a Barcelos... portanto tudo o que fizesse falta assim eu ia ajudando.*

- Acha que a sua escolaridade que teve condicionou a sua profissão? Se tivesse continuado a estudar o seu percurso seria o mesmo? *Tinha seguido outro caminho...*

Seria professora? *Era professora... tive muita pena de não ter seguido... eu tinha vocação para isso, era mesmo vocação... Não há como ter uma profissão de que se gosta.*

E mesmo depois de adulta nunca pensou em continuar? *Não porque o trabalho – casa também uma pessoa e os filhos também, não é fácil... para os criar e depois... e depois também tinha a minha mãe já com muita idade, teve acamada sete anos e tirava as hipóteses de sonhar. Mas eu quando fiz o nono eu tive sonho de seguir mais, mas logo a seguir tive um filho e alcancei o outro e aí já me varreu todas as ideias de continuar... Porque eu gosto de aprender, gosto de evoluir... bem e depois ainda veio mais o terceiro ... os filhos também são importantes... não sei uma mãe também pensa no melhor e esquece-se de si e prontos... também acho que assim eles tiraram benefícios também de eu estar disponível...*

4. Actividades Sociais e Culturais

- Tempos livres: *Tenho várias coisas, gosto muito de ler, gosto muito de bordar ... eu também às vezes faço coisitas. Gosto de caminhar, de natação...tenho assim... gosto, gosto de conviver (...) à noite é que eu vejo um pouco de televisão, mas só se for algum em especial, se não procuro fazer outras coisas (...) mas assim novelas já não tenho muito esse hábito (...) nunca perdi muito tempo com as novelas.*

Gosta de ler livros, notícias? *Sim, sim. Jornais, agora como tenho o computador que vou todos os dias ver as páginas dos jornais, gosto muito de estar a par, desde pequenina que em casa tínhamos sempre o jornal, os meus pais gostavam sempre de estar actualizados e penso que ficou sempre marcado e então a leitura assim do dia-a-dia e as notícias para mim são fundamentais. Ficou enraizada.*

- Costuma ir ao cinema? *Gosto muito de cinema, o meu pai também era o vício dele, mas não vou muitas vezes, raramente vou com o meu marido. Eu quando vem assim um filme que eu gosto eu peço, mas ele também não puxa muito o cinema (...) Não gosto daqueles violentos... não me sinto bem a ver... e os outros gosto... um filme com uma boa história... que nos instrua... eu acho que o cinema também nos dá cultura, faz-nos bem. Também gosto de teatro... o meu marido... sou eu muitas vezes que é que puxo por ele, sempre que vamos ao Porto ou a Lisboa, tem que ir ver sempre um peça de teatro, puxo sempre por ele. E ele depois termina por gostar...*

- Participação em associações/clubes desportivos/assembleia da freguesia/ranchos/bandas de música/grupos de teatro: *O meu marido é que sim, ele teve num coro e eu não, porque a vida de casa era muito intensa e ... ora bem... agora há uns anos para cá o meu marido é repurtário e as senhoras também têm o seu papel de ajuda e no natal fazia-se peditórios e ajudava-se os lares oferecia-se cobertores, cadeiras de rodas ... fazia-se umas vendas, organizava-se algumas coisas para ganhar dinheiro e aí eu já colaborei, fazer coisas para vender... Entretanto os filhos já foram crescendo e havia mais espacinhos (...) e aí é que comecei a sentir que tinha mais tempo para fazer umas coisinhas extra.*

⁵⁶ A bordar

⁵⁷ Indústria têxtil

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal: *Fiz cursos de controlo da qualidade... formações para ir me aperfeiçoando... para estar a par das necessidades do trabalho (...) fiz no Cítex⁵⁸, fiz também em Braga de computador... fui aproveitando os bocadinhos e assim. Era à noite.*

- **Importância da participação** *Acho que sim...sempre com bom proveito! é uma mais valia cada vez que a gente se integra numa coisa destas... acho que... é uma mais valia para nós (...). Pronto com o curso do Cítex foi mais para o trabalho, mas o dos computadores dá também para casa... eu agora já todos os dias vou ver se houve correio, as notícias, se tenho dúvidas de palavras também vou, diz-nos tudo. E ter vindo para as novas oportunidades acho que consegui evoluir mais e agora já estou a tirar proveito... estou a praticar aquilo que eu vim aqui... Nunca é tarde, vale sempre a pena a gente por muito que andarmos nunca é tarde e eu acho que é muito bom, o esforço que agente faz para vir cá tiramos muitos benefícios.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Inscrição / o que o levou a se inscrever/ Razões e Motivos?** *Olhe o meu marido foi primeiro que teve essa ideia ... e depois nós temos uma sobrinha que tá no Cítex em Barcelos e ele soube que lá havia também para fazer o 12º e ligou-lhe ... e lá fazia as viagens. Depois logo a seguir ela lembrou-se de mim, ela sabe as minhas capacidades também, não é? (...) pronto foi ela que me abriu o caminho e me seguiu para aqui, porque eu pa ir pa Barcelos tinha o transporte, mas perde-se tempo nas viagens e eu preferi aqui e facilitou-me.*

Já concluiu o nível secundário? Não foi? *Sim, Sim!*

- **Sentiu dificuldades:** *Eu acho que sim, muitas vezes era eu assim “ai meu deus... pra quê...” porque eu não tive férias no ano passado e andava num período intenso de ter que fazer trabalhos, nada, nada... nada... acho que aqui ensinam muito bem e tirei proveito por isso, que se não exigissem nada ficávamos na mesmo do que quando entramos, mas acho que foram muito competentes, gostei muito e tirei o meu proveito, que agora noto que estou a usufruir.*

- **Alguma vez pensou em desistir?** *Relâmpagos, mas depois eu dizia assim “não, não! Andar pa trás... andar é pa frente!”, foi sempre um princípio em mim nunca deixar nada a meio (...) porque acho que é triste a gente para a meio e não acabar... que não tem muita lógica.*

- **Acha que este é um processo justo, relativamente àquelas pessoas que fazem um percurso normal?** *Sim, sim, sim. Acho muito bom qualificar quem já têm experiência, porque a via ensina-nos muito. Às vezes, as pessoas que se formam assim desde pequeninas sabem muita teoria, mas depois também vão para o mundo de trabalho e encontram muitas barreiras que a experiencia conta também e assim...*

- **O que dizem os seus amigos e familiares sobre este processo de rvcc?** *Quando eu lhes dizia, eles davam-me os parabéns, ficavam admirados pela minha força de vontade... e ... que achavam bem ... muito bom... uma mais valia que é os conhecimentos e mesmo para os meus irmãos e ficaram muito admirados e dão-me ... sou uma pessoa que não fica estagnada que tem vontade de assim, de andar para a frente.*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto / Razões e Motivações da participação:** *Ora, como eu andei cá, através dos e-mails que recebi em casa aderi e era temas sempre importantes que me despertava para eu vir e procurei... algumas vezes por causa de doença ou qualquer coisa que me aconteceu que não pude vir mas, sempre que pude cá estava.*

- **Aprendizagens /Acha que aprendeu alguma coisa?** *Aprendi e vinha outra vez de novo... eu agora só penso vir no mês de Junho, depois termina e depois eu vou po Porto e já não posso. Se não era uma pessoa que estava sempre cá.*

- **Todos os meses tivemos temas diferentes. Acha que foram importantes para o dia-a-dia?** *São, São.*

- **Se ainda estivesse em processo, acha que aquilo que aprendeu contribuiria para o seu processo?** *Acho que sim, que neste tempo que andei aqui e coisa, acho que sim que me completava ainda mais.*

- **O que pensa sobre o projecto?** *Acho que deve continuar. Porque ele há sempre temas novos a vir e sempre coisas que faz falta saber, acho que sim!*

- **Acha que o tempo empregue na participação de actividades foi proveitoso?** *Sim, sempre.*

- **O que pensa sobre o baixo nº de participantes:** *porque... eu não sei há pessoas que trocam umas coisas pelas outras, são tudo opções, mas ... não sei só elas é que saberão...eu não sei bem ao certo dizer mas, mas há pessoas que... há de tudo, não é verdade?, que... outras que não poderão vir também, não é?... eu não sei, eu respondo por mim...*

- **Acha que os horários foram os mais adequados?** *Foram, foram. Acho que sim. os horários eram bons, ao fim do trabalho. Embora, embora será por aí que algumas pessoas não venham. Portanto há sempre um sacrifíciozinho, a gente janta depois muito mais tarde, mas isso é tudo assim na vida... tem que ser... só assim se consegue alcançar alguma coisa mediante um pedacinho de sacrifício, porque se não, não vai a lado nenhum, é só assim e há pessoas que também não*

⁵⁸ Cítex é um Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil, localizado entre outros lugares, em Barcelos.

querem perder nada, mas isso também não vai levar... programas de televisão... e eu acho que mais importante é estas coisas. Eu troco... e por mim falo.

8. Traços da personalidade: *Acho que sou uma pessoa determinada, com vontade de ser firme, de vencer os obstáculos que me surgem, de resolver os problemas, as vezes vêm cada um forte mas temos que reflectir acerca de uma solução para tudo e com calma e pensando vai-se vencendo esses obstáculos e nada de desanimar na vida, porque não é só coisas más, há também as boas e umas compensam as outras e a gente vai vivendo assim de uma maneira melhor.*

- Projectos para o futuro: *Ora, agora vem a vinda do meu netinho... porque eu agora tava também encaminhada para isso que... mas eu vou estar também muito resolvida, porque a vinda do meu netinho também veio como foi a dos filhos que me travou um bocadinho e eu... agora com a vinda do neto, como eu gosto muito de crianças eu vou adorar ajudar a criar e embora eu vou... mas enquanto ele dorme e não sei quê, eu não vou estar quieta. Vou aproveitar nas pinturas que eu gosto muito de pintar, vou aproveitando os meus tempos livres, faço... tenho que fazer alguma coisa! E eu agora, não sei... eu de momento vou indo e vou vendo o que posso fazer pela minha vida... mais!*

Entrevista 7

1. Dados pessoais

- Idade: 42

- É casada? *Sou casada*

- Tem filhos? *Não*

- Onde reside, é em Braga? *Sim*

- O seu local de residência actual é o mesmo de quando era criança? *Não. Eu cresci no bairro da Sr^a do Monte, perto do estádio novo e agora moro em Sampaio d'Arcos. Mas já morei em Nogueira em São Pedro d'Este.*

- Situação profissional/ Trabalha? *Não tenho nenhuma.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude) e Percurso Profissional:

- Nível de escolaridade / Porque saiu da escola: *Quando tinha mais ou menos 5 anos, a minha mãe inscreveu-me num colégio, sou filha única, pôs-me no colégio de Nossa Senhora da Torre, onde andei até entrar para a escola primária no bairro da Misericórdia ... acabei a escola primária fui para o ciclo preparatório da escola Dr. Francisco Sanches, onde fui directora de um jornal, fui presidente de turma nos dois anos que lá estive, depois fui para o liceu Sá de Miranda até ao 7º ano, só que não o acabei porque fui para a África do Sul. Porque, na altura era por carta de chamada, e quando vinha a carta a pessoa tinha que ir, não se podia estar a... “Não, não. Agora espere aí que...” Não! Então eu aí fui para a África do Sul com 12 anos. Depois lá não pude ir para a escola porque era assim, aquilo funcionava... eles davam os vistos de três meses e muitas vezes podíamos vir embora. E como houve uma altura em que ficamos... eu fiquei com uns tios meus, os meus pais tiveram que vir embora e eu fiquei lá ilegal, está a perceber? E os meus pais vieram embora. Passados 20 dias saiu o visto os meus pais regressaram.*

E não continuou na escola lá? *Não, porque depois o meu tio tinha um supermercado e eu... eu não gosto muito assim de estar parada... e comecei a ir para o supermercado, mais para me divertir... distrair um pouco não é? E depois fui... ia ajudando assim, e às empregadas qualquer coisa também ia ajudar e depois comecei a gostar daquilo. E depois com 16 anos o meu tio disse “que queres trabalhar aqui, vais trabalhar!”, e eu disse “mas tem que me pagar!”*

Então trabalhava lá sem ganhar? *Yes, era só mais para passar o tempo. Não fazia assim grandes esforços era só mais ajudar a pôr as coisas nas prateleiras, às vezes meter as coisas, as compras nos sacos dos clientes... depois fui aprendendo a melhorar o inglês... fui começando a ler a escrever... a prender inglês, a comunicar com as pessoas e fui passando por várias etapas até aos 16, que disse ao meu tio que queria fazer alguma coisa. Entretanto os meus pais vieram embora, que a minha avó estava doente, mas eu não quis vir. E então os meus tios disseram que eu podia ficar com eles e... aos 17 anos comprei um apartamento e continuei a trabalhar para o meu tio... passei... lá está como eu disse fiz as várias etapas para aprender tudo o que era preciso para gerir um supermercado, mais ou menos do tamanho de um Pingo Doce... maior! Maior que o Pingo Doce. Depois... até que fui para a gerência. E fui um bocado de tudo... pagamentos, encomendas... fiz tudo.*

Em todas essas etapas que foi passando, foi tendo alguma formação? *Não, não! Foi tudo lá! O meu tio ensinou-me tudo e eu fui aprendendo, que eu também não sou assim... ia vendo como se fazia e ... eu acho que tenho uma facilidade a aprender e adapto-me a qualquer situação, adapto-me muito bem... não tenho problemas de adaptação. E depois... aos 16 anos, eu nem sabia, concederam-me a nacionalidade sul-africana. O próprio governo ao saber que eu era menor, concedeu-me a nacionalidade sul-africana. Mas depois ir estudar aos 16 anos, já não fui. Não fui porque já estava a gostar de trabalhar e queria... como eu sou uma pessoa muito independente... e queria a minha independência e não fui... e naquela altura não me arrependo porque... estava a fazer uma coisa que gostava... tinha a minha casa, depois tive o meu carro e depois aos 20... Ah! Depois o meu tio comprou outro supermercado e pôs-me a mim à frente desse supermercado. Fui eu gerir, sozinha, esse supermercado. Só que depois o meu tio tinha assim um feitio muito esquisito... para mim era mais ou menos, mas eu não concordava com a maneira dele lidar com as pessoas, era assim um bocadinho bruto e eu depois disse-lhe que ia sair. Entretanto conheci o meu marido, vim cá a Portugal casar e fui pa trás e disse ao meu tio que ia sair e ia abrir a*

minha própria empresa. Não um supermercado, mas uma empresa (...). Abri a minha própria empresa e correu bem... felizmente...

Era uma empresa de quê? *Catering... Não era bem catering... nós começamos muito pequeninos com o dinheiro que eu tinha junto e que o meu marido tinha, não pedi nada a ninguém! Eu nunca trabalhei com bancos, não sei o que é créditos, graças a deus. Troquei o meu carro por uma carrinha e começamos por abrir um armazém de frutas, vegetais, refrigerantes e vendíamos para outros. Depois eu tinha uns amigos que eram chefes nas linhas aéreas, nas cozinhas, cozinhavam para as linhas aéreas e eles diziam “olha, porquê que tu não vais lá ver se consegues entrar porque aquilo dá bastante dinheiro e tal” e eu disse “ah, tá bem” (...) Eu não vendia ao público, era mesmo um armazém, então comecei por fornecer alguns restaurantes logo e imediato, comecei a fornecer alguns supermercados (...) eu levava as encomendas eles pagavam à noite, e depois entrei para uma das cozinhas, fui lá falar e entrei numa das cozinhas e comecei... pouquinho... e era assim, pedia aos outros meus clientes para me pagarem mal eu levasse, que era para eu ter dinheiro para fazer as compras, porque as cozinhas das linhas aéreas só pagavam a 90 dias (...). Eu quando meto uma coisa na cabeça eu faço e faço tudo direitinho o preciso é eu me interessar e gostar daquilo que faço... e por acaso dava-me imenso prazer aquilo, eu gostava mesmo daquilo e era bastante esforçada e sempre gostei de dar o um bom serviço, o preço nem por isso, porque eles queriam um bom serviço e se queriam boa qualidade tinham de pagar, não é?, mas (...) o que eles precisassem, mesmo que não fosse da minha área eles ligavam-me porque eles sabiam que eu arranjava. (...) Eu comecei na altura, isto foi nos anos noventa...que eu comecei a minha empresa, passado... eu comecei com 5 mil euros, va lá... e passados 6 meses estava a fazer 1 milhão e tal (...) uma pessoa nem se tinha apercebido porque a minha vida era sempre a correr e sempre atarefada (...) e depois comecei sempre a meter mais pessoal, no final tinha 40 empregados, tive chances de aumentar a empresa, só que não quis, porque eu sou assim, eu gosto de controlar e tudo o que começa a sair assim do meu controlo eu já não me dou muito bem e eu já me via bastante aflita para controlar tudo. O meu marido contribuía mas de forma diferente. Eu geria a empresa, os clientes, essa parte era toda minha e o meu marido não. (...) Uma das coisas que eu fazia quando metia um empregado novo era... no início era eu que ensinava mais o meu marido, depois o outro pessoal que há estava mais antigo, depois deleguei isso para as outras pessoas, não é? se não eu também... mas... mas era bastante puxado (...). Depois o que aconteceu é que estava a haver muito serviço e eu já conhecia muitas pessoas (...) e depois o que aconteceu foi que eu ultrapassei os outros fornecedores, porque... em todas as cozinhas tinha de haver 3 fornecedores de cada (...) e eu depois fiquei com 70% das coisas e os outros ficaram com o resto... eles depois até me chamavam “little máfia”, mas eu não fazia máfia nenhuma era só trabalhar, dar o bom serviço (...) foi rápido, eu no espaço de um ano fiquei no fornecedor principal. (...) depois quando decidimos vir para Portugal, porque aquilo na África do Sul estava a ficar um bocadinho mau... viemos para Portugal e acomodámo-nos um bocadinho. Talvez por não ter assim pessoas conhecidas, porque os meus amigos estão espalhados por todo o mundo (...)*

Portanto, formação nunca fez ao longo da sua vida? *Não.*

Foi tudo fruta da experiencia? *Ya! Eu acho que eu, tudo o que fiz na minha empresa deu-me bastantes capacidades pra muita coisa, porque... eu por exemplo, tinha que avaliar os meus empregados, tinha que os formar, no início, tinha que os avaliar, eu era a relações públicas da empresa, ao fim ao cabo, fiz sempre a parte de contabilidade da empresa, sempre tratei de qualquer aspecto que houvesse, nem tudo era um mar de rosas... eu tinha que resolver as coisas, não é (...) deu-me muitas capacidades... também me ensinou a não ser preconceituosa (...)*

4. Atividades Sociais e Culturais

- Tempos livres: *Não são assim muito engraçados... olhe, eu no início quando cheguei cá a Portugal, eu já tinha cá casa, eu mandei fazer uma casa, depois cheguei cá e já não gostava (...) e fiz outra casa à minha maneira e nesse tempo foi “nice” porque entrei-me, eu e o meu marido a gente entreteu-se, tavamos sempre a acompanhar a obra e essas coisas... depois disso... a gente passeava (...) e depois uma altura que ficámos cansados dos passeis, houve uma altura em que lia muito e depois havia uma altura em que via muita televisão, mas eu não sou muito de novelas, não gosto de novelas, gosto de ver um bom filme, gosto de documentários, gosto muito de história, mas eu até isso já cansei um bocadinho... depois já tinha comprado o computador pai a uns 5 ou 6 anos, só que uma pessoa só sabia o básico, depois inscrevemos aqui no curso, foi melhor para aprendermos muito mais coisas... é o computador, depois... jogos... troco mail's com os amigos e não faço assim mais nada... E depois é as coisas da casa...o jardim... tenho uma hortinha em casa e mais nada...*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho: *Como eu disse, eu passar o tempo eu vendia e fazia casas que era para me entreter (...) e havia lá uns trolhas que falavam muito nisto, que às 6 horas tinha que ir para ... e engraçado que eu pensava que só podiam ir pessoas que trabalhassem, ou pessoas muito novas que não queriam continuar a estudar, ouvia falar naquilo mas nunca, nunca me interessei muito embora visse na televisão, mas lá está eu pensei que era para pessoas que ou não tivessem possibilidades ou que estivessem a trabalhar para evoluir profissionalmente, ou para jovens que não quisessem estudar. Quer dizer passou-me assim um bocadinho ao lado. Mas depois houve uma altura em que eles estavam lá a falar (...) e eu perguntei-lhe (...) e ele disse “qualquer pessoa pode! Olhe vá ali à Nexus...” e nós fomos e o meu marido só perguntou a informática e então ele mandou-nos para aqui...*

Já concluiu o processo de RVCC de equivalência ao 9º ano? *Sim.*

- Sentiu dificuldades: *Não. Porque eu acho que é assim, tudo o que uma pessoa faz na vida aprende, não é? e se uma pessoa, há coisas que uma pessoa aprende mais rapidamente e há outras que levam mais tempo, mas uma pessoa acaba*

por aprender. Eu nunca vejo assim... eu vejo os desafios em vez de obstáculos. Eu penso um bocadinho assim. Nunca vejo obstáculos.

- Acha que este é um processo justo, relativamente àquelas pessoas que fazem um percurso normal? *Sim, sim, nesse aspecto sim.*

7. O projecto Aprender a Ser

- Conhecimento do projecto / Razões e Motivações da participação: *Eu algumas gostei, outras não achei que tivessem assim muito, como é que ei de dizer isto pensei que as coisas fossem mais... ... por exemplo aquela que tivemos há semana passada, eu achei que a Dr.ª não foi muito bem ao ponto da questão, andou assim muito ao de cima, muito superficial e eu gosto mais das coisas mais directas e para mim até se tornou um pouco aborrecida a sessão. Gostei mas acho que ela devia ter-se focado um pouco mais nos pontos de interesse do público, porque falou de coisas que não interessava, de outras coisas muito ao de cima (...) algumas coisas uma pessoa já sabia, outras aprende-se sempre alguma coisa, não é, fica-se mais informada. Gostei, gostei. Só que eu acho que deviam ser mais ... objectivas.*

Refere-se mais especificamente às sessões de informação, ou às oficinas? *Às oficinas. Eu acho que as pessoas que estavam ali, o interesse que as pessoas tinham mais foi assim muito superficial, e andam mais noutras coisas que não eram assim tão interessante para as pessoas que tavam ali a participar e depois no final foi assim muito rápido (...) Mas teve coisas interessantes.*

- Acha que aquilo que aprendeu contribui para o seu processo de RVCC? *Ah sim, sim. Por exemplo eu, eu aprendi a notação científica que não sabia, aprendi o teorema de Pitágoras que não sabia, ou seja aprendi alguma coisa (...) mas há muitas que uma pessoa já sabia, vendo na televisão, não é, e muitas coisas sabia de ir aprendendo ao longo da vida na África do Sul, mas acho que foi uma experiencia boa e gostei. No geral acho que foi bom.*

- O que pensa sobre o projecto? *Eu acho que devia, que devia continuar, que há muitas pessoas que aprendem muito com isso, coisas que não sabiam não é, há muitas pessoas que eu vejo não é? que eu vejo nestas sessões que por aquilo que eu vejo o tempo dispensado que é muito pouco. Eu para mim achei que é pouco.*

- Acha que o tempo empregue na participação de actividades foi proveitoso? *Oh Sim, sim.*

8. Traços da personalidade

- Projectos para o futuro: *queria fazer um curso e depois, daqui por um anito ou dois anos vamos ver o que é que se resolve, criar uma empresa mas numa coisa diferente, não tem nada a ver eu não gosto de andar na mesma coisa eu gosto de variar (...) abrir qualquer coisa, o quê não sei.*

- E esse curso gostaria que fosse numa área que depois fosse favorável à abertura da empresa? *Se fosse era bom, mas eu não sou esquisita. Eu gosto de aprender, seja o que for, há pessoas que se dedicam só a uma coisa, mas eu tenho muitos interesses. Uma coisa que eu sempre gostei se tivesse continuado a estudar era Antropologia, eu gostava de ser antropóloga e, mas também não estudei e sou muito sincera, não me arrependo, prontos, a minha vida foi por outro caminho e gostei imenso daquilo que fiz, dava-me imenso prazer (...) eu não sou assim muito saudosista, não fiz, não fiz, paciência. Mas se fosse hoje e se não tivesse a chance que tive na África do Sul era uma coisas que eu gostava de fazer, era a minha ideia se continuasse a estudar.*

- Portanto se os seus pais não tivessem emigrado teria continuado o seu percurso escolar? *Sim, Sim, Sim!*

- O que acha que ganhou e/ou perdeu com a saída da escola? *Posso dizer que perdi, perdi não haja dúvida não é? Mas também ganhei, lá está, em outras coisas, ganhei experiencia de vida, também na escola ia ganhar, mas não ia ganhar o que ganhei na África do Sul, não é? Não só em questão profissional, mas também ganhei enquanto pessoa (...) Sou uma pessoa de princípios, sou coerente, não sou nenhuma santa, não sou, eu sou muito boa mas se se meterem comigo também estão mal, mas acho que aprendi bastante, e acho que foi bom aquilo que aprendi, tanto a nível pessoal como profissional conheci imensas pessoas, outra maneira de viver, outra maneira de ser, uma mentalidade diferente da dos portugueses, não digo todos, mas temos outra mentalidade, talvez mais aberta (...).*

- Acha que seria uma pessoa diferente se tivesse ficado cá? *Ai seria como os de cá! Talvez não sei. Eu também tive uma educação muito... va lá... como sou filha única convivo muito com adultos e já em criança, para a minha idade eu pensava um pouco mais... como um adulto... tanto que quando decidi ficar na África do sul, eu era menor, não é? (...) mas foi como eu disse à minha mãe "eu em Portugal não vejo futuro e eu aqui vejo chance de ser alguém e de ter alguma coisa na minha vida!" (...) e eu sinceramente só estou cá neste momento pela minha mãe, se não eu já... porque este país eu não vejo futuro, eu acho que é um país que olha para um lado, não olha para o outro e eu acho que há mais racismo em Portugal do que na África do Sul, entre os brancos (...) pelo menos no meio em que eu andava. Mas acho que seria uma pessoa diferente, sem dúvida.*

Entrevista 8

1. Dados pessoais

- Idade *26*

- Estado civil *solteiro*

- **Tem filhos** *Não*
- **Onde reside** *Vila Verde*
- **Situação profissional** *trabalho*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade:** 10º ano. Eu fazia carting e faltava muito...
- **Gostava da escola?** *Gostava*
- **Era bom aluno?** *Visto que eu não estudava, considero que era bom aluno. Havia uma que nunca estudava e tinha sempre boas notas, era o francês.*
- **Local da escola** *Frequentei várias...*
- **Dificuldades** *As vezes era a concentração, eu tava nas aulas e tava a pensar a preparar nas viagens que ia fazer.*
- **Porque saiu da escola** *já queria ganhar a minha vida e depois ainda tinha que ir pa tropa, e vi que não valia a pena.*
- **Os seus pais concordaram?** *Concordaram... disseram "tu é que sabes".*
- **O que acha que ganhou ou perdeu ao sair da escola?** *Acho que ganhei por um lado e perdi por outro. Ganhei experiencia profissional e dinheiro, também. Perdi foi não poder ser maior... mas agora que tou aqui vou ver se consigo.*
- **Outras actividades para além da escola:** *nos escuteiros tive mas foi muito pouco, fiz futebol, carate, body combat, tirei um curso de kit surf... aprendi muita coisa, por acaso onde aprendi mais foi no karting... foi a partir daí que percebi a realidade do nosso país, pois não tinha apoio nenhum do nosso país.*
- **Fez tropa?** *Sim e até ia para lá outra vez!*
- **Qual era a sua especialidade?** *Pára-quedista*
- **Porque não continuou?** *Porque os pára-quedistas têm muitos problemas nos joelhos, por causa das quedas... e tive de fazer alguns exames mas não consegui... depois ainda dei formação em Aveiro, mas depois saí.*
- **Gostava de ter seguido a carreira militar?** *Gostava, mas não pude por causa dos joelhos.*

3. Percurso Profissional

- **Primeiro emprego:** *foi pai com 13 anos no karting, mas oficialmente foi aos 19 numa empresa de móveis. Pegava no material de armazém... arrumava...*
- **Profissões que teve:** *depois fui pa tropa, depois fiz uma formação de armazenista, depois entrei numa empresa de construção perto da minha casa e depois entrei numa empresa de desporto na parte da publicidade, fazer estampados e na época baixa vou para o armazém arrumar material.*
- **Profissão actual** *Actualmente gosto daquilo que faço, mas nunca há ninguém perfeito e sinceramente já estou a pensar em pedir a carta de despedimento, porque uma pessoa que está nos escritórios se tiver o 12º ano faz diferença, mas cá em baixo ter o 6º, 7º ou 12º ano não há diferença nenhuma. Mas é uma empresa muito boa.*
- **Acha então que o nível de escolaridade que tem condiciona a sua profissão? Se tivesse continuado a estudar teria outra profissão?** *Não sei... talvez sim, talvez não. Porque há muita gente com o 12ºano que também está lá a trabalhar.*
- **Se tivesse de mudar de profissão qual escolheria?** *Gostava de tirar um curso de treinador de futebol e ser treinador.*
- **Relevância das experiências profissionais:** *Sem dúvida a tropa e o karting.*
- **O que pensa da situação actual do país?** *Isso dá muito que falar, mas cada vez tá pior.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- **Tempos livres** *neste momento é chegar a casa, comer e dormir... e as vezes fazer os trabalhos das novas oportunidades. Ao fim de semana é que quando não vou trabalhar vou passear com a minha namorada e faço rádio modelismo.*
- **E quando vai passear não gosta de visitar os monumentos?** *Sim, gosto e as vezes quando vamos passar o fim-de-semana, costumo ir um dia antes para aproveitar para ver os monumentos...*
- **E de ler, gosta?** *Todos os dias leio o jornal, e os diários desportivos, revistas futebolísticas...*
- **E livros, não?** *Livros, já não leio muito.*
- **Participação em associações/clubes desportivos/assembleia da freguesia/ranchos/bandas de música/grupos de teatro** *Não, a única coisa que eu participo é na claque do Braga. Estava na JS, mas também já desisti.*

Entrei porque fiquei revoltado com o que me aconteceu com o karting, e até consegui que esta questão fosse levada ao parlamento.

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

- **Tipos:** *Formação tive uma de computadores, fiz na Moviflor enquanto estava lá.*
- **Importância da participação:** *Foram importantes e não foram, porque depois fui para outra área.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho** *Tive um colega que andou aqui e foi ele que me indicou.*
- **Razões / Motivos:** *tentar subir mais na minha empresa, tentar ter mais formação, mais qualificação tentar entrar pa universidade.*
- **Gostava de ir para a universidade?** *Sim. Um curso ligado ao desporto ou gestão, mas gestão já era mais complicado.*
- **Processo de qualificação que frequenta/frequentou:** *Secundário*
- **Dificuldades** *A maior dificuldade que eu vejo é o tempo, porque depois do trabalho tar a vir para aqui... e depois ao fim de semana ter de escrever.*
- **Alguma vez pensou em desistir?** *Não.*
- **Representações sobre o processo e a certificação** *Acho que é justo para umas pessoas, mas que não é justo para outras.*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto** *Foi você que me enviou a mensagem. E eu pensei que já ia começar no processo.*
- **Aprendizagens** *Aprendi coisas novas. Acho que todos os temas abordados foram importantes. Gostei um pouco de tudo, mais dos computadores, mas as oficinas foi bom, até aprendi umas coisinhas em inglês... Foi pena não haver uma oficina de francês...*
- **Acha que o tempo despendido foi bem empregue?** *Valeu a pena! Até mudei algumas coisas em casa, por exemplo a tarifa bi-horária. Tudo foi importante! Porque estas actividades do Aprender a Ser também me ajudou no meu processo de RVCC, ajuda-nos em algumas coisas.*
- **O que pensa sobre o projecto** *Acho que devia continuar*
- **O que pensa sobre o baixo nº de participantes** *Talvez cansaço ou não têm tempo. Desmotivação é impossível ser, porque é sempre bom aprender.*

8. Traços da personalidade

- **Auto-caracterização** *Confiante em algumas coisas sou. Posso dizer que sou calmo, teimoso e há uma coisa que tenho em mim e que não é reconhecida por mim mas que a maior parte das pessoas me dizem, que sou muito humilde. Gosto de ajudar as pessoas. Até já pensei ir pa UNICEF.*
- **Projectos para o futuro** *Sinceramente ainda não sei, agora acabar o 12º pa depois tentar ir para a Universidade pa ser treinador...*

Entrevista 9

1. Dados pessoais

- **Idade:** *34*
- **Estado civil:** *Solteiro*
- **Onde reside:** *Santa Lucrecia*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade:** *sexto; já não me lembro muito bem mas correu bem.*
- **Recordações da escola:** *era mais era Francês, era um bocado de tudo, mas era mais Francês, aprender pouco mas ainda sei algumas coisas. Era telescola em Crespos, era ver em televisão.*
- **Dificuldades:** *Algumas sim, no Português, era mais difícil era, era um bocadito era...*
- **Porque saiu da escola:** *Eu sai porque precisava de ganhar dinheiro, os meus pais também na altura, eu sai porque arranjei emprego e aproveite (...) acabei com catorze. Aos dezasseis fui trabalhar, foi praí aos catorze / quinze.*

- **Outras actividades para além da escola:** *Particpei nos escuteiros, de Santa Lucrécia, desde pequenino, mas depois fui para outro lado. Eu gostava e ainda vou ir (...) eu andei lá até aos 23. Agora eu já pensei em ir para o rancho ou isso... Eu já tive lá fui por causa de uma rapariga, mas isso...*

- **O que aprendeu:** *Com essa experiência, a fazer acampamentos, os nós de escuta (...) mas lá na freguesia era muito importante, ajudava a desenvolver, e tinha também o grupo de jovens, fazia cantares, mas no grupo coral eu não gostava de cantar.*

- **Fez tropa?** *Essa experiência, foi altamente aquilo, queria que voltasse atrás, foi em Chaves fiz a recruta em Chaves, e depois fui para a base aérea eles queriam que eu ficasse lá (...) era ajudante de bombeiros (...) não continuei porque já tinha o meu trabalho*

3. Percurso Profissional

- **Primeiro emprego:** *A primeira experiência foi a pintor de casas, era de interiores, mas depois não dava porque ficava muito longe. Depois arranjei para carpinteiro.*

- **Profissão actual:** *Carpinteiro, faço muita coisa, arranjo portas, restauro as peças nas igrejas (...)*

- **Gosta daquilo de faz:** *Gosto de trabalhar nas máquinas e tudo, no computador.*

- **Se pudesse mudava de emprego:** *Se eu pudesse até mudava, para a Câmara, para os jardins*

- **Se tivesse continuado a estudar, o que gostaria de ter sido?** *Advogado ou assim, se continuasse a estudar tinha melhores empregos.*

- **Acha que perdeu alguma coisa ao sair da escola?** *Perdi amigos ...*

4. Actividades Sociais e Culturais

- **Tempos livres:** *vou ao cinema, eu já vi muitos filmes mas agora não tem o que eu gosto, os filmes é comédia, mas gosto de ir ao cinema, mas ultimamente não tenho ido, por causa dos preços, agora eu vou até à discoteca, eu costumo ir à noite eu não vou, só vou lá ao meio da tarde para passar um bocado de tempo.*

- **Leitura:** *Eu ainda leio alguma coisa, jornais, mais é revistas, livros também, mas pouco, não tenho quase livros em casa, ler até fazia bem (...) mas ultimamente não tenho muita paciência.*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

- **Tipos:** *Fiz uma formação de computadores em 2000, foram cinquenta horas, mas a pessoa aprendeu alguma coisa, na altura não tinha computador...*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho:** *Foi através do jornal, vi a informação no jornal que ia haver em Crespos e assim aproveitei*

- **Razões / Motivos:** *Foi para fazer o nono ano e talvez continuar...vamos lá ver*

- **Processo de qualificação que frequenta/frequentou:** *9º ano*

- **Dificuldades:** *Ao princípio tinha aquela dificuldade de que não ia conseguir, mas depois eu consegui.*

- **Sentiu-se apoiado pelas formadoras e pela profissional:** *Sim*

- **Alguma vez pensou em desistir?** *Lá para o meio eu pensei em desistir, mas depois...*

- **Representações sobre o processo e a certificação:** *Acho que foi uma boa iniciativa, porque eu fui trabalhar muito cedo, mas com o tempo aprendi muito mais... e agora sem mais do que muitos que andam por aí...*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto:** *Foi aqui. Foi você que me enviou o e-mail!*

- **Razões / Motivações da participação:** *Vinha porque dava-me interesse. (...) Algumas não vim porque tinha formação.*

- **Aprendizagens:** *Naquela parte da coisa do lixo. Nas sessões de informação também gostei (...) Aprendi muita coisa de informática...*

- **Importância da participação:** *Para mim foi importante;*

- **Se ainda tivesse em processo acha que seria importante participar nestas sessões para escrever o seu portefólio?** *Sim, eu acho...*

- **O que pensa sobre o projecto:** *Eu acho que devia de continuar, e eu continuaria a participar.*

- **O que pensa sobre o baixo nº de participantes:** *As pessoas começaram a desistir, mas eu estivesse sempre cá ... eu gostei disto.*

8. Traços da personalidade

- **Projectos para o futuro:** *Vou acabar a formação em Crespos*

Entrevista 10

1. Dados pessoais

- **Idade:** *34*
- **É casado / solteiro?** *Solteiro.*
- **Onde reside** *Santa Lucrecia*
- **Qual a sua profissão?** *É serralheiro.*

2. Percurso escolar (Infância/Juventude)

- **Nível de escolaridade:** *6º ano. Na primária tchumbei. Tchumbei muitas vezes, na primeira classe, mas isso, porque aprendia muito mal e não gostava muito. Depois, depois passei na segunda, na quarta não passei por causa que tive um acidente... Foi uma vida muito difícil... Depois passei até ao sexto, passei.*
- **E teve sempre na mesma escola?** *Até ao 4º teve e depois foi para telescola em Crespos (...) Dessa mudança gostei, conheci novas pessoas...*
- **Porque saiu da escola** *Não continuei porque não havia... e que trabalhar p'ajudar em casa. Os meus pais ganhavam pouco, são lavradores, a lavoura também é um dos trabalhos mais saudáveis e dá pouco e cada vez menos (...) saí com 15, depois fui trabalhar com 16 anos, foi logo no ano seguinte.*
- **Acha que ganhou alguma coisa ao sair da escola?** *Da escola acho que não perdi nada. Podia ter tido mais, que agora tou aproveitando. Nunca é tarde.*
- **Outras actividades para além da escola:** *De lobito até sénior nos escuteiros, depois não me entendi lá com os chefes, que não me queriam passar, na altura já tinha idade pa passar pa caminheiro, mas não me passaram e foi aí que eu deixei de ser escuteiro (...) participei num grupo de jovens... cantávamos... mas acabou.*

3. Percurso Profissional

- **A serralharia foi logo o seu primeiro emprego?** *Foi. Tirei a tropa e depois voltei lá... outra vez.*
- **Nunca teve outra experiencia profissional?** *Não.*
- **Como é que foi a tropa?** *A tropa foi porreira. Gostei de andar lá os 6 meses. Andei em Santa Margarida... não, primeiro foi para o Entroncamento, andei lá 3 meses até fazer a especialidade, mecânica de armamento ligeiro... depois foi pa Santa Margarida e depois escolhi vir pa Braga, tinha três à escolha, só que não tinha vagas... mas gostei de andar lá... quando andei lá conheci pessoas novas, convivi com pessoas, era uma coisa diferente. E cheguei a uma altura que até pensei que me iam meter o contrato, só que faltavam duas semanas para eu vir embora e não dava muito tempo (...) mas gostei, foi das coisas que gostei mais.*
- **E o que é que aprendeu na Tropa?** *Aprendi muita coisa, não é? A manejar armas, jogos, a correr por volta do campo, muita coisa (...) foi uma tropa bem passada, gostei de andar lá.*
- **Profissão actual:** *É serralheiro.*
- **E gosta do que faz?** *Agora nem por isso, porque ando muito desanimado, por causa dos colegas, eles pegue comigo e eu não gosto e tem-se de cortar relações com essas pessoas. Mas... tirando isso gosto... mas queria uma coisa melhor, queria ter outro trabalho, uma coisa mais leve, porque este que tenho é muito pesado... sujo... e não gosto muito da área de serralharia. Nunca gostei! Na altura quando fui, foi o que me arranjaram se não eu ia para mecânica... também era sujo, mas era diferente.*
- **E se pudesse mudar, hoje, qual a profissão que gostaria de ter?** *Se fosse hoje era na higiene e na limpeza, era...*
- **E acha que ainda vai a tempo de mudar?** *Isto agora, isto está muito mau. Mas vou ver se vou para outro lado. Aquilo por acaso tem lá uma fábrica lá à beira mas... é perto de casa... eu não sei se eles mete pessoal.*
- **Acha que o facto de ter uma baixa escolaridade condicionou o facto de ir para esta empresa/acha que se tivesse mais escolaridade tinha seguido outro caminho?** *Tinha! Tinha ido para uma coisa melhor.*

4. Actividades Sociais e Culturais

- **Tempos livres:** *Ao domingo vou até a um bar. Aos sábados as vezes saí a noite, vou até a um barzinho... ou vou até à discoteca, onde já conheço lá o pessoal e uma pessoa se sente mais à-vontade.*
- **Gosta de ir ao cinema?** *Gosto!*

- **De que tipo de filmes gosta mais de ver?** *Acção... romance... comédia também gosto, mas não é dos meus preferidos. Gosto de teatro... é diferente...*

- **E de ler?** *De ler também gosto.*

- **E o que é que costuma ler?** *Jornais... revistas é pouco... Maria... e as outras não sei o nome.*

- **E de televisão?** *De televisão também gosto (...) novelas, principalmente na TVI, brasileiras também gosto, mas prefiro as da TVI (...) dos telejornais também gosto, mas só quando dão notícias interessantes.*

- **Participação em actividades sociais, culturais, desportivas, musicais, etc.** *Agora não faço nada. Eu já tentei ir para os escuteiros, mas agora se fosse era pa chefe... ainda vou ver...vou pensar... gosto de caminhar*

- **Actualmente não está inserido em nenhum grupo?** *Não.*

- **E porquê?** *Eu já tentei ir outra vez para os escuteiros, mas agora se eu for é pa chefe... ainda vou ver... vou pensar... Gosto de caminhar...*

5. Iniciativas / Actividades de educação e formação de carácter não-formal

- **E formações, foi fazendo algumas? No seu local de trabalho, por exemplo?** *Não. No trabalho nunca tive.*

- **E fora?** *Fora fez um curso de informática em 2003, fiz há pouco tempo este também de informática.*

6. O CNO e o Processo de qualificação que frequenta

- **Conhecimento da Iniciativa Novas Oportunidades/CNO da TecMinho** *Foi através da Junta de freguesia de Crespos e através do Jornal. Eu bi, bi no jornal, esperei, fiz a inscrição e esperei até me chamarem... e foi muito bom.*

- **Inscrição (Razões / Motivos)** *Foi iniciativa minha... porque eu quero, pa ficar mais validado, mais competências de habilitação.*

- **Acha que lhe fazia falta o 9º ano?** *O 9º e mais formação, porque eu agora posso fazer uma formação profissional noutras áreas... picheleiro... vai ser o próximo passo.*

- **Dificuldades** *Um bocadito, na parte de português, a matemática já tá melhor tudo com a ajuda dos professores.*

- **Acha que foi bem acompanhado ao longo do seu processo? As formadoras ajudaram-no?** *Ajudaram bastante, principalmente a Sofia e os outros, a Joana.*

- **Alguma vez pensou em desistir?** *(Riu-se) Foi ali na altura em Agosto, mas eu disse "não não"!*

- **Mas porquê? Por causa das dificuldades que encontrou?** *Sim, mas isso é normal porque a pessoa há muito, muito tempo que não escrevia, escrever eu escrevo, mas escrevo pouco e mais para assinar as contas dos recibos.*

7. O projecto Aprender a Ser

- **Conhecimento do projecto** *Foi aqui no Centro, até foi esta que está ali fora a atender as pessoas.*

- **Razões / Motivações da participação** *Foi de vontade minha. Para aprender mais, coisas novas que nunca tinha visto na vida (...) aquelas sessões, as primeiras, de informação, depois aquelas de TIC, as oficinas, depois aquela do orçamento... até por acaso tenho lá... Deste ultimo também em gostei.*

- **Acha que as aprendizagens que foi fazendo foram importantes para o seu dia-a-dia?** *Algumas foram.*

- **O que pensa sobre o projecto** *Se continua-se, viria.*

- **O que pensa sobre o baixo nº de participantes** *Não sei, alguns podem ser por causa dos temas ou falta de disponibilidade... agora não sei.*

- **Acha que os temas e a forma como foram trabalhados foram os mais adequados?** *Foram.*

- **E aconselharia a participação nestas actividades a outras pessoas?** *Aconselharia!*

8. Traços da personalidade

- **Projectos para o futuro** *Sou capaz de até tirar o 12º. Vou ver. É um dos planos, vou ver se consigo, sou capaz de conseguir, já tenho este quase, agora vou ver se consigo o 12º, só que são mais dias... é mais puxadinho. Depois veremos.*

Universidade do Minho
Instituto de Educação
Mestrado em Educação: Formação, Trabalho e Recursos Humanos

Inquérito por Questionário

O presente inquérito por questionário é parte integrante de um estudo no âmbito do Mestrado em Educação: Formação, Trabalho e Recursos Humanos, realizado em colaboração com o CNO da TecMinho. Tem fins exclusivamente académicos, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade das respostas. Desde já agradeço a sua importante colaboração.

Bloco 1 – Caracterização do Inquirido

- 1. Sexo:** Masculino ☐₁ Feminino ☐₂
- 2. Idade:** _____
- 3. Estado Civil:** Solteiro(a) ☐₁ Casado(a) ☐₂ Divorciado (a) ☐₃ Viúvo(a) ☐₄ Outro ☐₅ Qual? _____
- 4. Tem filhos?** Sim ☐₁ Não ☐₂
- 4.1. Se tem filhos, quantos tem?** _____ **4.2. Idade(s)** _____
- 5. Residência:** Concelho _____ Freguesia _____
- 6. Habilitações escolares:** Último ano que frequentou _____ **6.1.** Completo ☐₁ Incompleto ☐₂
- 7. Situação Profissional:**

7.1. Empregado <input type="checkbox"/> ₁	7.1.1. Profissão (descreva-a de forma completa): _____ 7.1.2. Situação na Profissão <div style="margin-left: 20px;"> <input type="checkbox"/>₁ Trabalhador por conta própria (independente ou isolado) <input type="checkbox"/>₂ Trabalhador por conta de outrem (assalariado) <input type="checkbox"/>₃ Patrão (tem 4 ou mais trabalhadores a seu cargo) <input type="checkbox"/>₄ Outra Situação. Qual? _____ </div>
7.2. Desempregado <input type="checkbox"/> ₂	7.2.1. Há quanto tempo? <div style="margin-left: 20px;"> <input type="checkbox"/>₁ Há 1 ano ou há menos de 1 ano <input type="checkbox"/>₂ Há mais de 1 ano </div> 7.2.2. Situação face ao Desemprego <div style="margin-left: 20px;"> <input type="checkbox"/>₁ À procura do primeiro emprego (nunca trabalhou) <input type="checkbox"/>₂ À procura de novo emprego </div> 7.2.3. Se está à procura de novo emprego, refira as profissões que já teve: _____

Bloco 2 – Consciencialização sobre processos de Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida

1. Nível de qualificação que pretende obter através do processo de RVCC que está a realizar:

Nível Básico (até ao 9º ano) ☐₁ Nível Secundário (12º ano) ☐₂

2. Há quanto tempo está em processo (em meses)? _____

3. Indique com (X) em que medida cada uma das seguintes razões contribuiu para se inscrever num Centro Novas Oportunidades:

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito
1 Quero obter um nível de qualificação superior à que tenho	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
2 Senti-me obrigado(a) pela entidade empregadora	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
3 Estava desempregado(a) e não conseguia um emprego devido às minhas baixas qualificações	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
4 Fui obrigado(a) pelo Centro de Emprego a realizar um processo de qualificação	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
5 Quero mudar de emprego e preciso de ter melhores qualificações	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
6 Quero subir na carreira profissional, no meu emprego actual, e preciso de melhores qualificações	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
7 Sentia-me inferiorizado socialmente pelo facto de não ter uma qualificação mais elevada.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
8 Sabia que tinha experiências e saberes que podiam ser certificados	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
9 Preciso do nível de escolaridade para obter o CAP	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
10 Quero realizar um curso profissional	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
11 Quero ingressar um curso superior	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
12 Aumentar a minha cultura geral	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
13 Passar o tempo	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
14 Conviver com outras pessoas	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
15 Outra razão. Qual? _____				

4. APÓS a obtenção da qualificação pretendida no CNO diga o que pretende fazer:

[Assinale com (X) a resposta mais adequada à sua situação (4.1), indicando também o tempo (4.2)]

4.1. [Projectos Formativos]

Obter mais qualificações escolares	<input type="checkbox"/> ₁
Obter uma certificação profissional	<input type="checkbox"/> ₂
Fazer formação em áreas de interesse pessoal e/ou profissional	<input type="checkbox"/> ₃
Não pretendo fazer mais nenhum percurso formativo	<input type="checkbox"/> ₄

4.2. [Se vai prolongar o percurso formativo...]

	A curto prazo (até 6 meses)	A médio/longo prazo
→	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂
→	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂
→	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂

4.3

Se respondeu que não pretende fazer mais nenhum percurso formativo, assinale com (X) a razão ou razões da sua resposta.

Porque não preciso de mais qualificações na minha vida ☐₁

Porque não quero perder mais tempo ☐₂

Porque não me vai trazer nenhuma vantagem ☐₃

Porque não me sinto capaz ☐₄

Porque já não tenho idade para isso ☐₅

Porque não gostei desta experiência ☐₆

Outra ☐₇ Qual? _____

5.

Ao longo da sua vida, com que frequência tem participado nos seguintes tipos de actividades?

[Assinale a sua frequência, colocando apenas um (X) em cada acção]

	Nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Frequentemente
1 Conferências / Palestras / Sessões de Informação...	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
2 Cursos de formação	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
3 Oficinas / Workshops	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
4 Escuteiros	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
5 Grupos de Teatro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
6 Grupo Coral	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
7 Grupos da Igreja (por exemplo, catequese)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
8 Ranchos	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
9 Bombeiros	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
10 Outra(s) <input type="checkbox"/> ₁ Qual (ais)? _____				

6.

Dê a sua opinião relativamente às seguintes afirmações relacionadas com a importância das qualificações

[Em cada uma das afirmações assinale com (X) o seu grau de concordância]

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
1 A sociedade actual exige trabalhadores com muitas qualificações	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
2 Apostar na formação contínua é indispensável para ser um bom profissional	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
3 Ter o 9º ano é suficiente para se conseguir um emprego	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
4 Fazer formação é uma perda de tempo	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
5 As acções que conferem um certificado são mais importantes do que aquelas que nada conferem	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
6 O que conta é a experiência profissional e não o diploma	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

7.

O que costuma fazer nos seus tempos livres?

[Assinale com (X) as suas respostas]

		Nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Frequentemente
1	Faço pesquisas na Internet	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
2	Vou ao cinema	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
3	Vou ao Teatro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
4	Visito museus / exposições	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
5	Pratico desporto	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
6	Participo em festas populares	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
7	Vejo televisão	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	7.1. Telenovelas, Concursos (por ex. "Preço Certo"), Programas de Entretenimento (por ex. "Tardes da Júlia")	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	7.2. Documentários, Reportagens, Telejornais, Programas Informativos, Debates	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	7.3. Filmes, Séries (por ex. "Doutor House", "Perdidos", "Equador", "Serviço de Urgência", ...) – na TV e DVD	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	7.4. Futebol e outros programas desportivos	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
8	Leio	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	8.1. Revistas "cor-de-rosa" / de sociedade (por ex. "Nova Gente", "Caras", "Lux", "TV Guia", informativas, jornais, Maria, etc.)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	8.2. Jornais Generalistas (ex: Público, Jornal de Notícias...)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	8.3. Jornais desportivos	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	8.4. Livros de Romances, Novelas, Policiais, ...	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
	8.5. Livros técnicos e ligados à profissão)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
9	Faço <i>bricolage</i> em casa (trabalhos manuais, pequenas reparações)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
10	Faço viagens (dentro e fora do país)	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
11	Faço voluntariado	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
12	Passeio com familiares e amigos	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄
13	Outra(s). Qual(ais)? _____	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄

Bloco 3 – Participação no projecto Aprender a Ser

1. Já ouviu falar do projecto Aprender a Ser? Sim ☐₁ Não ☐₂

Se respondeu NÃO, avance para a questão nº 4

2. Em que actividades do projecto Aprender a Ser já participou? [Assinale com (X)]

1. Mês de Janeiro

Sessão de Informação "Alimentação e exercício físico"

☐₁

- Sessão de informação “Tabaco: consequências e tratamentos” ☐ 2
- Oficina dos Números “Como a Matemática pode ser útil para a Saúde” ☐ 3
- Oficina de TIC “As TIC ao serviço da Saúde e Estilos de Vida Saudável” ☐ 4
- Iniciativa Social “Oportunidades a dar Sangue” ☐ 5
- Actividades de Cultura e Lazer “Corpo São, Mente Sã” ☐ 6

2. Mês de Fevereiro

- Sessão de Informação “Ser Consumidor: que direitos e que deveres?” ☐ 1
- Sessão de Informação “Finanças em tempo de crise?” ☐ 2
- Oficina de TIC “As TIC ao serviço da gestão do orçamento pessoal / familiar” ☐ 3
- Oficina dos números “Como a Matemática pode ser útil para a gestão pessoal / familiar?” ☐ 4
- Oficina de Língua Portuguesa “Como a língua portuguesa o pode ajudar a fazer valer os seus direitos enquanto consumidor” ☐ 5
- Concurso de fotografia “Imagens de Carnaval” ☐ 6

3. Mês de Março

- Sessão de Informação “Gestos Simples de Poupança de Energia” ☐ 1
- Sessão de Informação “Ambiente, Energia e Qualidade de Vida: que relação?” ☐ 2
- Oficina dos Números “Ambiente e Energia em Números” ☐ 3
- Oficina de Inglês “Reloading Energies in an Holiday Environment” ☐ 4
- Clube de Cinema – visionamento do filme “O dia depois de amanhã” ☐ 5
- Actividade de Cultura e Lazer “Caminhada ao Bom Jesus” ☐ 6
- Iniciativa Social “Mãos à obra. Vamos Limpar Portugal!” ☐ 7

4. Mês de Abril

- Oficina “Ser + Cidadão” ☐ 1
- Oficina de Língua Portuguesa “O domínio da língua portuguesa como mecanismo de liberdade” ☐ 2

5. Mês de Maio

- Sessão de Informação “Como criar a minha própria empresa?” ☐ 1
- Oficina “Ser activo na procura de emprego” ☐ 2

3 Dê a sua opinião relativamente a este projecto, assinalando com (X) o seu grau de concordância.

		Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
1	Os temas abordados estão ligados às áreas de competências-chave	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
2	Os temas foram importantes para o meu processo de RVCC	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
3	Os temas tratados foram úteis para a minha vida pessoal e familiar	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
4	Os temas tratados foram úteis para a realização de algumas das minhas tarefas profissionais	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
5	Permitiu-me manter actualizado(a) e informado(a) sobre diferentes assuntos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

4. Se não participou em nenhuma actividade refira as razões? (Pode responder a mais do que uma opção)

Porque nunca ouviu falar no projecto Aprender a Ser ☐ 1

Porque não recebeu nenhuma informação sobre as actividades ☐ ₂

Porque as actividades não têm interesse para si ☐ ₃

Que tipo de actividades teriam interesse para si? R: _____

Porque os horários não lhe são convenientes ☐ ₄

Quais os dias e horários que para si são mais convenientes? R: _____

Porque as actividades se realizaram longe da minha residência ☐ ₅

Porque as actividades não são importantes para o desenvolvimento do seu processo de RVC. ☐ ₅

Outra Razão ☐ ₆ Qual? _____

5. Deixe algumas sugestões de temas que para si são interessantes e que gostaria de ver tratados no projecto Aprender a Ser

Mais uma vez, obrigado pela sua colaboração!